



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

FRANCISCO LUCAS SILVA ROCHA

EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NOTURNO: A UNIDADE DIDÁTICA
ESPORTE A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES

FORTALEZA

2022

FRANCISCO LUCAS SILVA ROCHA

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NOTURNO: A UNIDADE DIDÁTICA
ESPORTE A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira. Área de concentração: Movimentos sociais, educação popular e escolar.

Orientadora: Professora Dra. Maria Eleni Henrique da Silva.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R573e Rocha, Francisco Lucas Silva.

Educação Física no ensino médio noturno: a unidade didática esporte a partir da perspectiva dos
estudantes / Francisco Lucas Silva Rocha. – 2022.
106 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Maria Eleni Henrique da Silva.

1. Educação Física. 2. Ensino médio noturno. 3. Unidade didática. 4. Paulo Freire. I. Título.

CDD 370

FRANCISCO LUCAS SILVA ROCHA

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NOTURNO: A UNIDADE DIDÁTICA
ESPORTE A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira. Área de concentração: Movimentos sociais, educação popular e escolar.

Orientadora: Professora Dra. Maria Eleni Henrique da Silva.

Aprovado em: 21/06/ 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Eleni Henrique da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio de Pádua dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

A Deus.

Aos meus pais e amigos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por todas as maravilhas realizadas em minha vida ao longo desse período de 2 anos, no qual pude desfrutar excelentes aprendizagens acadêmicas, profissionais e, principalmente, para a vida.

Meus sinceros agradecimentos a minha orientadora, Prof^a Dra. Maria Eleni Henrique da Silva, pela brilhante orientação que fez. Sou muito grato a senhora por todos os ensinamentos compartilhados ao longo deste período.

Ao meu pai Francisco Evandir Souza Rocha e minha mãe Maria Liduina Rocha da Silva, por ter me educado e ensinado o caminho certo e por sempre me ajudar nos momentos em que necessito.

As minhas avós Alfredina Souza Rocha e Maria Rocha da Silva que mesmo não estando aqui entre nós para ver esse trabalho, sei que estão bastante orgulhosas de minha pessoa.

A todos os professores e professoras da PPGE, que contribuíram significativamente com seus conhecimentos ao longo das disciplinas e dos momentos de diálogos e reflexões sobre a Educação de modo geral.

A todos os amigos e amigas do grupo de pesquisa Saberes em Ação, por sempre está dialogando e refletido sobre os desafios da Educação Física escolar, e desfrutando estudos, viagens e confraternizações com essas pessoas maravilhosas.

A minha grande amiga Romilla Menezes que caminhou comigo desde o processo seletivo do mestrado, porém infelizmente não se encontra mais nesse plano. Nossas conversas, nossas vivências ficaram marcados em minha vida.

Ao Gabriel Chagas, um grande amigo que fiz nessa caminhada acadêmica, sua passagem entre nós foi muito rápida, porém valiosa. Suas conversas, reflexões sobre educação e meio ambiente ficaram marcadas em minha vida.

Não poderia deixar de agradecer também aos meus grandes amigos/irmãos da graduação (Jardeson, Lucas, Mário e Wilker), nossos momentos de estudos e reflexões na faculdade contribuíram para esse trabalho.

Agradeço também a FUNCAP, na qual contribuiu financeiramente esse caminho de estudos, através da bolsa, em que pude dedicar-me exclusivamente nos estudos.

Aos professores, gestores e alunos e alunas das escolas onde foi realizada a pesquisa, sem eles e elas nada disso seria possível. Tenho gratidão a todos e todas, em especial, a turma do 1º ano do Ensino Médio noturno.

A todos familiares, amigos e colegas que contribuíram diretamente e indiretamente para o desenvolvimento desse trabalho.

“Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem, ou que seus planos nunca vão dar certo ou que você nunca vai ser alguém” (Renato Russo).

RESUMO

O objetivo deste estudo foi a proposição de uma unidade didática de Esporte para as aulas de Educação Física no Ensino Médio Noturno. No desenvolvimento dessa pesquisa, podemos conhecer mais o público do período noturno e suas particularidades. No referencial teórico, realizamos um Estado da arte sobre a temática, enfatizamos os aspectos legais da Educação Física escolar, e o Ensino Médio noturno e suas especificidades. Metodologicamente, fez-se a opção pela abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. A amostra da pesquisa foi composta por 18 estudantes do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio noturno, de uma escola da rede estadual do Ceará, localizada no município de Cascavel-CE. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: utilização do *Google Forms*, questionário de tipo aberto, no qual permite o entrevistado responder usando linguagem própria, visto que o contato físico ficou inviável por conta da pandemia do COVID-19. Para a discussão dos resultados elegemos a análise temática. A partir da análise dos questionários, destacamos alguns dados como a faixa etária dos estudantes de 15 a 29 anos, 55,6% dos entrevistados trabalham antes de chegar à escola. Note que realizamos um diagnóstico dos estudantes, que se estendeu também para o objeto de conhecimento Esporte. Após a análise das respostas dos estudantes, a proposta foi construir uma unidade didática, subsidiada pelos aportes de Paulo Freire, por suas pertinentes contribuições. Constatamos que o planejamento participativo se apresentou como uma metodologia viável para o ensino médio noturno e por levar em conta a realidade deste público e por permitir o ensino contextualizado. Verificamos ainda que trazer esses estudantes/trabalhadores juntos na construção pedagógica é fator diferencial, eles/elas com o/a professor/a poderão descobrir mais seu potencial e seu ser mais. Foi possível concluir que o planejamento participativo se mostrou viável e palpável como uma possibilidade real, para que esses estudantes não vissem o ensino noturno como a última obrigação do seu dia, mas sim, uma combustão para impulsionar seus objetivos na vida pessoal e profissional.

Palavras-chave: Educação Física; Ensino Médio Noturno; Unidade Didática; Paulo Freire

ABSTRACT

The purpose of this paper was the proposition of a Sports learning unit for night shift high school Physical Education lessons. During the development of this research, it was possible to know the public who study during the night shifts and their particularities. Regarding theory, a state of the art study was conducted, focusing on legal aspects of both Physical Education in school, and night shift specificities. Methodologically, the qualitative approach was selected. The research samples are 18 freshman, sophomore, and senior year night shift high school students from a state school of Ceará, located in Cascavel-Ce. The instruments used for collecting data were: Google Forms open questionnaires, in which the interviewee is free to use their own communication language, since physical contact was deemed undoable because of COVID-19. Theme analysis was used for discussing the results. Upon analyzing the questionnaires' answers, some data was highlighted, such as the age group of students ranging from 15 to 29 years old; 55,6% of the interviewees work before going to school. It's important to note that a student diagnosis was conducted, which extends also to the object of Sports knowledge. After the analyses of the students' answers, the proposal was to build a didactic unit, subsidized by Paulo Freire's words, and his relevant contributions. It was perceived that participative planning displayed itself as a viable methodology for the night shift highschool teaching, since it takes into consideration the reality of this public and for contextualizing the ways teaching. It was verified that bringing these working students together in the pedagogical construction is a differential factor. They, along with their teachers, will be able to discover their potential and become more. It was possible to state that participative planning has shown itself viable and palpable as a real possibility so that these students can not only see night shift high school teaching as their evening moral obligation, but also as a combustion to drive forward their life and professional goals.

Key-words: Physical Education; Night Shift Highschool; Didactic Unit; Paulo Freire

LISTAS DE QUADROS

Quadro 01 - Revistas selecionadas para construção do estudo.....	21
Quadro 02 – Artigos publicados de 2009 até 2019 nos periódicos selecionados.....	23
Quadro 03 – Publicação da Educação Física escolar sobre Ensino Médio.....	24
Quadro 04 – Classificação das categorias e subcategorias dos artigos sobre Educação Física no Ensino Médio.....	25
Quadro 05 – Matrículas no Ensino Médio.....	48
Quadro 06 – Matrículas na EJA.....	50
Quadro 07: Idade dos estudantes.....	58
Quadro 08 – Ocupação dos estudantes.....	59
Quadro 09 – Modalidades vivenciadas pelos estudantes.....	64
Quadro 10 – Participação nas aulas.....	65
Quadro 11 – Locais disponibilizados nas Escolas.....	66
Quadro 12 – Aprendizagem mais importantes relacionada ao esporte.....	68
Quadro 13 – Dificuldades na participação das aulas.....	70
Quadro 14 – Descrição das aulas da unidade didática.....	83
Quadro 15 – Descrição geral da aula 01.....	86
Quadro 16 – Descrição geral da aula 02.....	87
Quadro 17 – Descrição geral da aula 03.....	89
Quadro 18 – Descrição geral da aula 04.....	90
Quadro 19 – Descrição geral da aula 05.....	91
Quadro 20 – Descrição geral da aula 06.....	92

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CF – Constituição Federal

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

CONFED – Conselho Federal de Educação Física

MNCR – Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional de Educação Física

EJA – Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

1	INICIANDO OS ESTUDOS.....	14
2	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	19
2.1	Amostra.....	20
2.2	Instrumentos e procedimentos.....	21
2.3	Análise dos dados.....	22
3	EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NOS PERÍODICOS.....	24
4	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ASPECTOS LEGAIS.....	37
5	ENSINO MÉDIO NOTURNO.....	47
6	RESULTADOS: INICIANDO E DETALHANDO O DIAGNÓSTICO DOS ESTUDANTES.....	57
6.1	Propondo uma unidade didática de esporte para o ensino médio noturno: uma proposta possível.....	74
6.2	Organização e sistematização de uma unidade didática para o objeto de conhecimento Esporte numa proposta de Paulo Freire.....	79
7	IN-CONCLUSÃO DE UMA PROPOSTA PARA OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NOTURNO.....	93
	REFERÊNCIAS	97
7	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	104
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NOTURNO.....	105

1 INICIANDO OS ESTUDOS¹

A educação básica no Brasil se divide em três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, sendo este a última fase deste nível. É necessário pensar em um processo de estudo para o ensino médio brasileiro visando, também, um olhar para a sua centralidade como: comunidade, escola e, principalmente, os discentes que estão em transcendência passando de jovens adolescentes para adultos. Desse modo, sua formação, no ensino médio, tende a se consolidar e aprofundar os conhecimentos já adquiridos no ensino fundamental.

Percebemos que o ensino médio no Brasil é aplicado em períodos: matutino, vespertinos, integral e noturno, na qual seus estudantes apresentam especificidades próprias, principalmente, no período noturno, pois são estudantes trabalhadores, donas de casas e chegam à escola como uma oportunidade de crescimento, uma vez que muitos desses já se encontram fora da faixa etária do ensino médio. Por outro lado, existe a modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA que busca oferecer o ensino fundamental e médio para pessoas que não tiveram chance de terminar os estudos em idade própria.

A discussão sobre a oferta na Educação básica no período noturno no Brasil, particularmente relacionado ao trabalho no ensino médio, não pode ser vista apenas como um disfarce. O ensino noturno, muitas das vezes, é considerado, nos meios educacionais, como um problema, um dado que precisa ser sanado (TOGNI E SOARES, 2007).

Nos tempos atuais, a educação básica ofertada, no período noturno, possibilita aqueles estudantes, que não tiveram a possibilidade de concluírem o ensino básico com idade entre 17 e 18 anos, como é o esperado. A busca precoce pelo trabalho e a construção de famílias entre os jovens são fatores que tendem a prejudicar sua progressão educacional. Logo, muitos desses jovens vão buscar progressão pessoal nos estudos, seja por exigência de empresa ou até mesmo da própria vontade de voltar a escola para recuperar o tempo perdido. Entretanto, não é fácil, pois o cansaço do dia a dia é um grande inimigo desses estudantes nessa árdua tarefa educacional.

Para Oliveira (2000) pensar a educação noturna é pensar o terceiro turno de trabalho. O cansaço, a exigência diminuída, o tempo encurtado e a qualidade geral reduzida são

¹ O primeiro capítulo, na qual tem como título “INICIANDO OS ESTUDOS” será apresentado em primeira pessoa, porque apresentará experiência de vida do próprio autor.

fatores adversos a correria estudantil. Os discentes do período noturno já chegam com uma carga horária de trabalho muito longa e veem o ensino como um terceiro turno de trabalho.

Quando colocamos em foco a Educação Física no período noturno, e suas práticas pedagógicas, implica refletir como será aplicada para a clientela noturna, uma vez que esta, é peculiar, comparada as turmas diurnas que são formadas por jovens entre 15 e 18 anos de idade e não chegam a escola com grande carga horária de trabalhos como a maioria dos educandos do período noturno.

De acordo com Silva e Silva (2007) precisamos pensar em uma Educação Física Escolar para o Ensino Noturno que busque atender o aluno em todos os seus domínios, ou seja, que dê oportunidades para expressarem seus valores, suas vontades, seus desejos e fazer com que se libertem das “algemas da dependência”, que sejam seres humanos que tenham uma visão crítica sobre seu papel na sociedade e consigam, com isso, dar um salto para um verdadeiro conhecimento eficaz.

Percebemos que, nessa caminhada acadêmica e profissional surgiram e ainda surgirão questionamentos na docência, seja na parte pedagógica, social ou política. No entanto, para realizar alguns questionamentos é preciso voltar em minha vida de estudante da educação básica, mais precisamente, nos últimos anos do ensino fundamental e durante todo o ensino médio.

Enquanto estudante dos anos finais do ensino fundamental, sempre gostei das práticas realizadas nas aulas de Educação Física. Tenho em minhas lembranças que tais práticas basicamente foram ligadas ao esporte (futsal, handebol, basquete e voleibol). Ao chegar no ensino médio, essas práticas permaneceram basicamente as mesmas.

Por ser estudante da zona rural, precisava pegar ônibus para chegar à escola. Algumas vezes, era necessário voltar da escola em outros turnos para realizar trabalhos. Por isso, uma vez ou outra, escolhíamos ir ao período da noite, por ser o turno mais calmo da escola. Ao terminar os trabalhos saíamos da biblioteca para andar na escola e, quase sempre, íamos assistir as aulas de Educação Física dos estudantes da noite. Elas eram iguais as nossas, resumindo-se basicamente nas práticas esportivas. No entanto, vejo que o esporte é de suma importância nas aprendizagens dos alunos, mas o problema não está no mesmo e sim, na forma como muitas vezes é posto na Educação Física.

A partir desse contexto, ao chegar na graduação de Educação Física, percebi e comecei a ter uma visão mais crítica dessas práticas, isso fruto das leituras e das reflexões feitas nas aulas. Diante disso, percebo que as aulas que tive na educação básica de Educação

Física poderiam ter sido mais bem diversificadas e contextualizadas, mas, infelizmente isso não aconteceu. Por outro lado, tinha comigo que quando tivesse a oportunidade de lecionar, poderia mostrar a real Educação Física, que não giraria entorno apenas das práticas esportivas, já que existem muitas outras possibilidades a serem apresentadas aos estudantes.

Durante o período da graduação sempre fui aquele estudante que trabalhava (comércio) no período diurno e estudava à noite, saindo de casa às 6:30 da manhã e voltando às 22:30. Era uma rotina muito puxada, mas, sempre com aquele desejo de vencer. Desse modo, ao chegar nos estágios supervisionados, fui realizar no ensino médio noturno, por conta da minha disponibilidade. Com isso, comecei a observar as aulas do professor e constatei que repetia a mesma prática de tempos atrás, e isso fez gerar questionamentos, como por exemplo, por que as aulas do período noturno se resume ao esporte? Por que as aulas se repetem nos turnos diferentes, já que a clientela é outra? Eram alunos trabalhadores, na maioria das vezes, donas de casa, estudantes fora da faixa etária. Deste modo, aquele público me chamou bastante atenção e pensei em escrever algo sobre essa realidade.

Tive a oportunidade de escrever algo sobre essa temática a partir de uma pesquisa realizada em um curso² de especialização em Educação Física Escolar. A pesquisa foi destinada aos professores da disciplina que atuavam no ensino médio noturno. No entanto, buscar entender o outro lado (os estudantes) é fator essencial para o crescimento da pesquisa, pois a partir das buscas de artigos para a elaboração do trabalho de conclusão de curso – TCC que foi apresentado na especialização, percebi um quantitativo baixo de estudos sobre o ensino médio noturno. Para constatar essa veracidade, será apresentada, no decorrer do estudo, uma pesquisa referente a esta temática.

Percebi que essa inquietação foi além da especialização, pois quando surgiu a oportunidade de fazer uma seleção do mestrado, tive esses objetivos profissionais em mente, mesmo com todas as dificuldades morando na zona rural, esse desejo não se perdeu na minha trajetória de vida. Assim sendo, o que veio em minha mente foi aprofundar esse estudo, pois acredito ter feito a escolha certa do tema, uma vez que ao realizar leituras sobre esse assunto sinto muita satisfação. Quero ressaltar que não tivesse a oportunidade de trabalhar diretamente com esse público, minha experiência profissional, de quase 3 anos, deu-se apenas nos anos finais do ensino fundamental.

² Trabalho de conclusão de curso - Tema: Educação Física no ensino médio noturno: perspectiva dos docentes sobre a própria prática pedagógica. Curso de Especialização em Educação Física Escolar, Universidade Estadual do Ceará – UECE, 2018.

Quando pensamos nas escolas que oferecem o ensino básico noturno, elaborou-se o seguinte questionamento: quais os questionamentos desses estudantes perante o conteúdo de Esportes nas aulas de Educação Física no período noturno e como desenvolvê-los? Uma questão que pode ser explorada como um problema a ser estudado e desenvolvido num trabalho de pesquisa.

A pesquisa, que ora apresentamos, traz como objetivo geral sistematizar uma unidade didática com o objeto de conhecimento Esportes (Esportes de marcas, Esportes de invasão ou territorial e Esporte de combate), a partir da perspectiva dos estudantes do componente curricular Educação Física no Ensino Médio noturno, na qual seguem os objetivos específicos que contribuirão para o desenvolvimento do estudo. Assim, sugerimos identificar à perspectiva dos estudantes sobre o objeto de conhecimento esporte, nas aulas de Educação Física no Ensino Médio noturno; analisar às possibilidades e os tensionamentos do conteúdo Esportes nas aulas de Educação Física no Ensino Médio noturno.

A partir deste cenário, apontamos pontos de relevância na pesquisa que tem relevâncias com o ensino médio e com o ensino noturno, sendo o pedagógico, político e social. O pedagógico, permite possibilidades de novos estudos sobre a Educação Física no ensino médio noturno, o que potencializará leituras e divulgações de pesquisa sobre a temática, apresentada no decorrer do texto uma vez que esses estudos em periódicos da Educação Física caminham a passos lentos e, ao mesmo tempo possibilitar a apresentação de uma proposta de aulas para o objeto de conhecimento esporte que não esteja vinculada somente à perspectiva esportivista e reprodutivista, mas que possa incluir o pensamento crítico, autônomo do estudante para vivenciar, experimentar e analisar criticamente o esporte nas aulas e para além dos muros da escola.

Outra relevância é a da política, nela podemos destacar a valorização do público do ensino médio noturno, estudantes que têm suas especificidades próprias como já destacamos anteriormente. Com isso, intensificar as ações pedagógicas nesse período para desenvolver uma aprendizagem colaborativa e participativa.

A última relevância seria a dimensão social, que busca conhecer melhor a realidade do estudante do ensino médio noturno, procurando saber de onde vem e questionando, também, quais suas expectativas no período noturno e o que faz. Acreditando que conhecer o social do aluno possibilita ótimas descobertas e oportuniza desenvolver planejamentos mais eficazes.

Para o desenvolvimento desta pesquisa apresentaremos quatro tópicos. Inicialmente, apresentamos, no segundo capítulo, os caminhos metodológicos do estudo, os

instrumentos utilizados, a descrição do trabalho de campo realizado e abordagem utilizada para a análise dos dados. No terceiro capítulo, aprofundaremos a busca dos referenciais, propondo a priori um mapeamento da Educação Física no ensino médio a partir da produção acadêmica nos periódicos nacionais em um determinado período.

No capítulo quatro nos propomos a apresentar a Educação Física escolar: aspectos legais, na qual oportunizaremos um estudo desde a primeira LDB de 1961, passando por decretos e leis que regulamentavam e regulamentam a Educação Física escolar, chegando a BNCC de 2017, com ênfase no ensino médio.

O capítulo cinco, apresentará o Ensino médio noturno. Destacamos os públicos que estão inseridos no mesmo e o que a literatura apresenta sobre essa temática. Buscamos ainda compreender as especificidades desse público, fator essencial no desenvolvimento da pesquisa.

No capítulo seis trazemos os resultados do estudo, com a apresentação do diagnóstico que foi realizado com os estudantes do ensino médio. Em seguida, de forma propositiva apresentamos a elaboração de uma unidade didática do objeto de conhecimento esporte para o ensino médio noturno, tendo como referências as contribuições de Paulo Freire para uma educação problematizadora, crítica e dialógica.

No sétimo e último capítulo apresentamos nossas considerações provisórias sobre todo o processo que foi vivenciado no decorrer desta pesquisa. Acreditamos que ainda há muito para realizar para este público no que tange a processos de educação e Educação Física que possam atender de forma coerente, qualificada e articulada às demandas e necessidades deste público tão específico que é o ensino médio noturno.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nesta fase do estudo, propomos os caminhos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa. Apresentamos o tipo de pesquisa, os instrumentos utilizados e a descrição de todo o trabalho de campo empreendido, bem como a base de autores utilizados para dar suporte ao estudo. Com isso, detalhamos a amostra do estudo, o local onde a pesquisa foi realizada e os colaboradores para melhor entendimento.

Este estudo foi feito através de uma metodologia qualitativa, de cunho descritivo. Realizamos um estudo detalhado com levantamento de informações através de questionários, com os estudantes do ensino médio noturno. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reproduzidos, (MINAYO,2004). Por apresentar estas características, entendemos que a abordagem qualitativa atendia aos objetivos propostos por esta pesquisa.

De acordo com André e Gatti (2010) o uso dos métodos qualitativos trouxe grande e variada contribuição ao avanço do conhecimento em Educação, permitindo melhor compreensão dos processos escolares de aprendizagem, de relações, dos processos institucionais e culturais, de socialização e sociabilidade, do cotidiano escolar em suas múltiplas implicações, das formas de mudança e resiliência presentes nas ações educativas.

Silva, Velozo e Rodrigues (2008) dizem que fazer pesquisa qualitativa em Educação Física é compreender a tradição acadêmica da área. Isso se dá pelo fato de que este tipo de estudo é de ordem teórico-metodológica, diferente das pesquisas realizadas em áreas que lidam com o conhecimento da natureza. Historicamente, a Educação Física tem partido de referenciais teórico-metodológicos das Ciências Naturais para a compreensão do homem e de suas expressões corporais.

Aplicamos também a abordagem exploratória com a função maior de familiarizar-se com o tema ainda pouco aprofundado na Educação Física ou pouco explorado, como foi apresentado no estado da arte, a partir do arco temporal utilizado e da base de dados utilizada. Ao finalizar a pesquisa exploratória, fica mais evidente uma análise sobre a temática proposta, o que nos permite melhores condições para a elucidação dos resultados. Segundo Gil (2002) a pesquisa exploratória tem objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, buscando o aprimoramento de ideias ou a descoberta de

intuições, tendo em vista a formação de problemas mais precisos e hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Os autores Marconi e Lakatos (2003) apontam que a pesquisa exploratória consiste na leitura de sondagem tendo em vista localizar as informações, uma vez que já se tem conhecimento de sua existência.

Optamos em usar o tipo de pesquisa estudo de caso, com a qual se visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e a sua identidade própria. Ela age deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico (PONTES, 1994).

De acordo com André (1984) os estudos de caso procuram retratar a realidade de forma completa e profunda. Esse tipo de estudo pretende revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa dada situação, focalizando-a como um todo, mas sem deixar de enfatizar os detalhes e as circunstâncias específicas que favorecem uma maior apreensão do todo.

Acreditamos que o tipo de estudo, aqui ressaltado, possibilita uma melhor ampliação no desenvolvimento dos objetivos propostos. A pesquisa de abordagem qualitativa e com foco exploratório e descritivo atende esses critérios por buscar esclarecer ideias e descobrir fatos que colaboram com as ações da pesquisa.

2.1 Amostra

A população desta pesquisa foi constituída por estudantes do ensino médio noturno, matriculados em uma escola estadual localizada no município de Cascavel-CE, região metropolitana de Fortaleza. Essa unidade escolar faz parte da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE 09, que contempla os municípios de Beberibe, Cascavel, Chorozinho, Horizonte, Pacajus e Pindoretama.

Este local foi escolhido pelo motivo de residir no município e oportunizar uma pesquisa para contribuir com o meio escolar. O município é contemplado com cinco (05) escolas da rede estadual, sendo duas (02) de tempo integral, duas (02) de ensino regular e uma (01) de ensino profissionalizante. No entanto, a escola escolhida para a realização da pesquisa foi uma Escola de Ensino Médio do município de Cascavel-CE. Já o motivo da escolha desta escola tem a ver com o fato de ter o ensino médio noturno regular. Foram escolhidas três turmas, 1º, 2º e 3º anos do ensino médio noturno cujos participantes homens e mulheres.

Nas três turmas do ensino médio noturno regular, o quantitativo de estudantes matriculados são: 1º ano (17 estudantes), 2º ano (18 estudantes) e 3º ano (36 estudantes), totalizando 71. Ademais, só tivemos a participação de 18 estudantes (25,35%), sendo dois (02) do 1º ano, cinco (05) do 2º ano e onze (11) do 3º ano. Quanto ao gênero dos participantes de acordo com o questionário são: feminino dez (10) (55,6%) e masculino oito (08) (44,4%).

Decidimos destacar como critério de inclusão dessa pesquisa a clientela que fazia parte de estudantes regularmente matriculados e que estavam aptos, voluntariamente, a participar da pesquisa. Já o critério de exclusão corresponde aos estudantes que não optaram por participar da pesquisa.

2.2 Instrumentos e Procedimentos

Essa etapa da metodologia foi de suma importância, pois permitiu ao pesquisador escolher a forma de coletar os dados. Dessa forma, realizamos registros para um aprofundamento do estudo. Fizemos a opção pelo questionário, que foi enviado no dia 02 de junho de 2021 e ficou disponível até 05 de julho de 2021, por via *Google Forms*, instrumento que permitiu ao entrevistado responder as perguntas de forma *on-line*, visto que o atual momento pandêmico inviabilizou a realização da coleta de forma presencial. O questionário que foi aplicado aos estudantes, encontra-se disponível nos anexos deste trabalho. Fizemos a opção pela utilização do questionário, principalmente em virtude das características deste tipo de instrumento que permite melhor acesso e facilidade no que tange à realização da coleta.

[...] possibilidade de acesso em qualquer local e horário; agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, pois quando respondido as respostas aparecem imediatamente; facilidade de uso entre outros benefícios. Em síntese, o *Google Forms* pode ser muito útil em diversas atividades acadêmicas, nesse caso em especial para a coleta e análise de dados estatísticos, facilitando o processo de pesquisa. A grande vantagem da utilização do *Google Forms* para a pesquisa, seja ela acadêmica ou de opinião é a praticidade no processo de coleta das informações. (MOTA, 2019, p. 374).

Diante disso, buscamos apresentar, no questionário, perguntas que pudessem nos dar suporte a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre os conhecimentos gerais a respeito de suas histórias de vida e do conteúdo de Esportes, como por exemplo: se os estudantes trabalhavam antes de chegar à escola? O que o Esporte significa para este público? A escola disponibiliza locais para as aulas de Educação Física? Assim, realizando este diagnóstico, poderíamos conhecer e entender melhor suas possibilidades e os tensionamentos sobre do Ensino Médio noturno.

O questionário, tipo aberto, que foi aplicado, permitiu ao colaborador responder, livremente, usando linguagem própria e emitindo opiniões sobre questões particulares. Preocupando-se assim, com um nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO, 2004).

Ao preparar o material de realização do estudo, apresentamos um ofício à escola sobre a forma da pesquisa como primeiro momento. Para a realização do questionário com os estudantes do ensino médio noturno, enviamos o termo de aceitação e esclarecimento da pesquisa ao professor regente e o mesmo encaminhou aos estudantes que deveria ser assinado para que posteriormente, respondessem o questionário. Caso os estudantes tivessem alguma dificuldade com o questionário, poderiam contatar o pesquisador para tirar qualquer dúvida.

Seguindo com as fases da pesquisa, o questionário respondido pelos estudantes passou por uma análise minuciosa para que pudéssemos identificar melhor esse público e suas prováveis indagações sobre o conteúdo de Esportes, nas aulas de Educação Física no Ensino Médio noturno. Ao finalizar esse processo e com os resultados obtidos no questionário, construímos uma unidade temática de Esporte a partir da classificação e encaminhar para a escola. O foco é mostrar as possibilidades que podemos ir além e apresentar possíveis saídas pedagógicas com o conteúdo de Esportes, mostrando que a disciplina de Educação Física, por extensão, o conteúdo esporte, é de suma importância para a aprendizagem dos estudantes. O Esporte tem que ser visto com bons olhos, mas sabemos que algumas realidades não é desta forma que este se apresenta.

2.3 Análise dos Dados

O procedimento para a análise dos dados foi realizado a partir das respostas dos formulários enviado aos estudantes das turmas de 1º, 2º e 3ºanos do ensino médio noturno. Para a realização da análise dos dados a opção foi pela organização dos dados a partir da análise temática. Segundo a autora Minayo (2004) a organização da análise deve ocorrer em 3 etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A análise se tornou mais intensiva após a coleta dos dados (MERRIAM, 2001). Os conjuntos de informações coletados nos questionários foram analisados em seu conteúdo com o objetivo de constatar o que está sendo dito a respeito do tema proposto.

O presente estudo utilizou como base principal a análise temática para aprofundar os resultados e discussões, que foram obtidos através de questionários via formulário *Google*

Forms, sendo realizado no período de 02 de junho a 05 de julho de 2021. Diante disso Minayo (2013) afirma que essa técnica consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado. No entanto, para uma análise de significados, a presença de determinados temas denota estruturas de relevância, valores de referência e modelos de comportamentos presentes ou subjacentes no discurso.

Nos capítulos seguintes, antes da apresentação dos resultados, iremos apresentar o mapeamento dos estudos teóricos sobre a educação física no ensino médio noturno, a partir de uma análise da produção acadêmica. Posteriormente traremos os aspectos que se referem à legislação educacional do ensino médio noturno e, por fim, as reflexões teóricas sobre o ensino médio noturno a partir das pesquisas realizadas na área. Todo esse caminho se fez necessário e importante para que pudéssemos apresentar os resultados pautados no que já temos de constituição sobre a temática na literatura, mesmo entendendo que ainda há muito para ser produzido e ampliado pelas pesquisas na área.

3 EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NOS PERIÓDICOS

O objetivo desse capítulo é buscar ampliar o campo de conhecimento sobre o nosso objeto de pesquisa. Para tanto, realizamos o estado da questão, que possibilitou um aprofundamento sobre o tema e suas publicações ao longo dos anos. Assim, refletimos acerca de algumas indagações sobre a temática.

De acordo com o estudo apresentado por Nóbrega-Therrien e Therrien (2011) o estado da questão tem como finalidade específica mapear os estudos publicados acerca de determinadas temáticas, identificando por quem foram produzidos, com que objetivos e que conteúdos abordam em relação a determinados temas ou área de conhecimento. Este enfoque apresenta como resultado um quadro diagnóstico, inventariante e descritivo como se enquadra a pesquisa nessa área de estudo.

Dessa forma, esse tipo de pesquisa sobre o estado da arte, em que são realizados mapeamentos de determinados assuntos de interesse do autor que realiza a busca em periódicos de boa qualificação, vem crescendo na área acadêmica. Esses levantamentos buscam enriquecer as pesquisas.

Quando se fala em Educação Física e estado da arte no campo de produção científica, observa-se uma crescente nas publicações em periódicos. Essas publicações possibilitam levantamentos de dados sobre como se encontram as produções de determinada temática. Entretanto, ao relembrar o histórico da Educação Física, percebe-se um amplo destaque ao espectro biodinâmico, esportista, fitness, sociocultural e pedagógico. Deste acordo Betti (2011) as publicações acadêmicas sobre a Educação Física escolar em periódicos correspondem a 18% dos artigos publicados.

Outro estudo de Bracht et al. (2011) sobre a Educação Física escolar em nove periódicos nacionais da Educação Física, relativos a produção científica nas décadas de 1980, 1990 e 2000, encontrou apenas 16,5% artigos voltados a subárea pedagógica. A partir desses levantamentos optou-se por realizar um estudo sobre a Educação Física no ensino médio noturno e com isso produzir um mapeamento das publicações. No entanto, para executar a pesquisa, é necessário construir caminhos metodológicos com o intuito de facilitar os trabalhos. Tais atividades, dividir-se-ão em três etapas.

A primeira delas correspondeu ao ³estado da arte, destinada a escolhas dos periódicos, de acordo com a qualificação do Qualis CAPES com classificação A1 a B2. As revistas desta classificação não serão incluídas na pesquisa, deste modo, o quadro abaixo apresentará as cinco revistas em ordem decrescente de acordo com seu Qualis e as instituições as quais estão vinculadas.

Quadro 01: Revistas selecionadas para construção do estudo.

Revista	Universidade vinculada	Qualis
Revista Movimento	Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS	A2
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	Universidade de São Paulo	B1
Revista da Educação Física	Universidade Estadual de Maringá	B1
Revista Motrivivência	Universidade Federal de Catarina	B2
Revista Pensar a prática	Universidade Federal de Goiás	B2

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Os cinco periódicos selecionados para a construção dos estudos, são classificados no sistema Qualis na área 21. Ela recebe trabalhos direcionados para a Educação Física e ganha destaques em outras pesquisas do estado da arte, que são referências para a Educação Física de acordo com a CAPES, e conforme alegaram Bracht et al. (2012) se dedicam ou conferem um espaço maior ao tema EF Escolar. Também foram realizados levantamentos dos artigos publicados do início 2009 até o final de 2019. Desta forma, foram analisadas quase todas as edições das revistas. A Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, na edição de 2018, não se encontrava disponível no site da revista no período das buscas. Assim, a seleção desses periódicos se deu através de sua representatividade para as publicações das mais diversas temáticas da Educação Física.

³ O estado da arte foi iniciado pelo pesquisador no dia 12 de dezembro de 2019 indo até o dia 30 de janeiro de 2020, através dos periódicos acessados via internet. Para realização da classificação foi acessado o site da Plataforma Sucupira, usando o quadriênio de 2013-2016 disponível no endereço eletrônico: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>

Após a escolha dos periódicos fez-se a seleção dos artigos. Para realizar essa seleção foi feito *download* de todas as edições das revistas objetivando abrir todos os artigos para realizar um agrupamento em dois blocos, chamados de “não educação física escolar” que concentrou 2.737 artigos (82,47%) e “educação física escolar” que agrupou 582 artigos (17,53%), totalizando um total de 3.319 artigos pesquisados.

Betti, Ferraz e Dantas (2011) aponta que esses resultados são esperados, uma vez que todas as revistas possuem um caráter “genérico”, isto é, possuem uma política editorial voltada para a divulgação de conhecimento de um amplo espectro de subáreas da Educação Física - Biodinâmica, Sociocultural e Pedagógica.

Dando continuidade ao estudo, a busca agora seria em cima desses 582 artigos. Era necessário utilizar alguns descritores para filtrar as publicações, que foram propostos da seguinte forma: Educação Física Escolar e/ou Ensino Médio Noturno. Logo, após a escolha dos descritores, o pesquisador adotou outro caminho metodológico para a separação dos artigos, que foi feita assim: realizar análise do título do artigo; realização da leitura do resumo do artigo; e leitura das palavras chaves do artigo. Caso fosse encontrado no artigo algo relacionado com os descritores, eles eram separados em pastas no notebook de acordo com cada revistas para realizar um aprofundamento na temática. Após está análise, a estratégia foi propor uma categorização dos artigos através da leitura completa dos artigos para aprofundar o conhecimento e, posteriormente, agrupá-los em categorias e subcategorias listadas pelo próprio pesquisador, pois percebemos que com a criação dessas categorias e subcategorias possibilitou-se um detalhamento sobre as categorias estabelecidas.

O quadro abaixo vai apresentar o resultado da produção acadêmico-científica relacionado à temática do estudo.

Quadro 02: Artigos publicados de 2009 até 2019 nos periódicos selecionados.

Revista	Total de artigos por revista	Educação física escolar	Ensino médio	Ensino médio noturno
Revista Movimento	872 – 100%	152 – 17,4%	6 – 0,68%	0 – 0%
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	519 – 100%	53 – 10,2%	8 – 1,54%	0 – 0%
Revista da Educação Física	700 – 100%	89 – 12,7%	5 – 0,71%	0 – 0%
Revista Motrivivência	525 – 100%	141 – 26,8%	18 – 3,42%	1 – 0,18%
Revista Pensar a prática	703 – 100%	147 – 20,9%	18 – 2,56%	0 – 0%
Total – 5 Revistas	3319 – 100%	582 – 17,53%	55 – 1,65%	1 – 0,03%

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Depois das análises dos artigos, podemos observar o quantitativo dos estudos relacionados com a pesquisa no quadro 02. A discrepância do número de artigos relacionado ao ensino médio dentro das revistas é muito significativa, e é visível em todos os periódicos. A Revista Movimento se concentra apenas 6 estudos relacionado ao Ensino Médio (EM) em todo o período de análise, e nenhum faz relação com o ensino noturno. Essa constatação é visível na Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, na qual foram encontrado 8 artigos sobre o EM, e zero para o EM Noturno. A Revista da Educação Física foi a que menos, em quantidade, apresentou artigos com relação ao EM, no total de 5 estudos e sobre o EM Noturno não se encontrou nenhum registro.

A Revista Motrivivência e a Revista Pensar a Prática destacam-se pela quantidade de artigos sobre a Educação Física no Ensino Médio. Ambas contemplam 18 artigos cada uma. Entretanto, a Motrivivência apresenta na sua edição de 2013, especificamente no volume 01, um artigo sobre a Educação Física no Ensino Médio Noturno, que tem como o título: A inserção dos conteúdos de Educação Física no ENEM: entre a valorização do componente curricular e as contradições da democracia. No entanto, podemos destacar que o objetivo do texto encontrado é: discutir as contradições geradas pela ausência da Educação Física em algumas escolas no Ensino Médio noturno frente à inserção desse componente curricular como conteúdo do processo de seleção ao Ensino Superior, representado pelo ENEM (FERNANDES, RODRIGUES e NARDON, 2013).

Diante do único artigo encontrado com a temática de estudo, percebe-se a desvalorização com esse público do EM noturno. Esse artigo encontrado corresponde a 0,03% de um total de 3.319 artigos pesquisados, significando, assim, uma grande discrepância na área de produção científica da Educação Física.

Essas parecem ser as revistas que conferiram mais destaque ao debate sobre o tema no Brasil, nas últimas três décadas. A revista Pensar a Prática, até pelo seu título, parece estar voltada e ser entendida pela comunidade como um espaço fortemente vinculado à temática. (BRACHT et al., 2011)

Mesmo com a discrepância na área de produção científica, o artigo encontrado apresenta em suas indagações a forma como os conteúdos da disciplina de Educação Física são atrelados ao ENEM, e de como esse público do EM noturno está tendo as mesmas vantagens em relação aos demais alunos diurnos. Deste modo, alguns alunos são amparados por lei e são

facultados a dispensa da Educação Física. Logo, se eles são dispensados deixam de receber determinado conteúdo e com isso são prejudicados em determinada avaliação.

Deste modo, dos 55 artigos que fazem referência a temática de estudo, apenas 1,65% estavam dentro da amostra da pesquisa. Entretanto, o percentual é muito pequeno dentro da produção acadêmica-científica da Educação Física. Sendo assim, Dias e Correias (2013) apresentam em sua pesquisa relacionada ao ensino médio e produção acadêmica-científica o resultado obtido que foi de 1,06% faziam referência a temática de estudo. Logo, percebe-se que o ensino médio ainda é pouco analisado no ambiente de produção científica.

Para realizar questionamento a respeito da produção científica na Educação Física Escolar, o quadro abaixo apresentará um recorte do macro (Educação Física Escolar) para o micro (Ensino Médio Noturno) alguns levantamentos.

Quadro 03: Publicação da Educação Física Escolar sobre o Ensino Médio

Educação Física Escolar	Ensino Médio	Ensino Médio Noturno
582 – 100%	55 – 9,45%	1 – 0,17%

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Observamos acima um recorte sobre a temática pesquisa nos periódicos da Educação Física, na qual podemos observar a porcentagem dos artigos do ensino médio e ensino médio noturno frente as publicações com relação à Educação Física Escolar.

Percebemos que os estudos sobre o ensino médio correspondem a 9,45% e para o ensino médio noturno chega à margem de 0,17%. Entretanto, as pesquisas na educação física escolar ainda se aglomeram em outros caminhos, gerando uma discrepância no meio da produção científica. Entretanto, podemos usar como base de comparação os resultados da publicação de Betti, Ferraz e Dantas (2011) que apresentam em seus estudos um mapeamento das produções em periódicos na educação física escolar e quando a pesquisa faz contrapontos ao ensino médio, a amostra alcança 9,9% das produções. Logo, esses dados são alarmantes no meio acadêmico, pois se observa uma falta de estudos sobre a Educação Física no ensino médio na qual é de suma importância para o desenvolvimento e para ampliação de estudos específicos sobre esse ensino.

A produção acadêmica sobre o Ensino Médio no Brasil é uma forma de refletir sua relevância acadêmico-científica na contemporaneidade. Porém, o número de pesquisas neste nível de ensino tende a ser reduzido em comparação a pouca produção sobre a Educação Física escolar (RUFINO, FERREIRA, CARVALHO, RICCI e DARIDO, 2014).

Dias e Correia (2013), afirmam que há um investimento restrito para o desenvolvimento da produção de conhecimento acadêmico-científico no campo da Educação Física no Ensino Médio. E considerando o fato de o Ensino Médio ser o ciclo de encerramento da Educação Básica, que compreende a educação de adolescentes que em breve iniciarão a vida adulta, acreditamos que o Ensino Médio mereceria uma investigação mais ampla, quantitativa e qualitativamente falando.

Diante do próximo quadro, segue a terceira etapa do estudo, que buscou categorizar e apresentar subcategorias a partir dos artigos que fazem referência à temática de estudo. Observamos a distribuição abaixo:

Quadro 04. Classificação das categorias e subcategorias dos artigos sobre Educação Física no Ensino Médio.

Categorização dos artigos em ordem decrescente: Subcategorias/ Quantidades e porcentagem (%)	
Conteúdo da Educação Física- n=18 (32,72%)	Dança- 04 Esporte- 03 Ginástica- 02 Saúde- 02 Imagem Corporal- 02 Práticas Corporais- 01 Cultura Corporal- 01 Lutas-01 Educação Inclusiva- 01 ENEM- 01
Educação Física e o Novo Ensino Médio- n=07 (12,72%)	Aspectos Legais da Educação Física- 02 Currículo- 02 Formação Profissional- 02 Prática Pedagógica- 01
Identificação no Ambiente Escolar- n= 07(12,72%)	Currículo- 02 Finalidade da Educação Física no Ensino Médio- 01 Atividades de Exclusão nas Aulas- 01 Espaço Físico (Infraestrutura)- 01 Discurso Midiático- 01 Atividade Física e Lazer- 01
Escolares e Educação Física no Ensino Médio- n=07 (12,72%)	Satisfação nas aulas- 02 Participação nas aulas- 01 Narrativas dos Estudantes- 01 Motivação dos Estudantes em Atividade Física- 01 Expectativa dos Estudantes como o Conteúdo- 01 Percepções dos Estudantes do Ensino Médio sobre as Aulas- 01
Professores e Educação Física no Ensino Médio- n= 06 (10,90%)	Prática Pedagógica- 02 Formação Continuada- 01 Conhecimento do Professor sobre o Corpo- 01 Conhecimento do Professor sobre Gênero- 01
Fundamentação Teórica- n= 06 (10,90%)	Legislação da Educação Física- 03 Produção de Conhecimento/ estado da Arte- 02 Aspectos Epistemológicos- 01

Avaliação Física- n=03 (5,45%)	Atividade Física- 02 Nível de Flexibilidade- 01
Políticas Públicas Educativas- n= 01 (1,81%)	Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)- 01

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Observa-se no quadro acima, a distribuição em ordem decrescente das produções sobre o Ensino Médio no período pesquisado. A primeira categoria é referente aos conteúdos da disciplina de Educação Física no EM. Observa-se a ampla distribuição dos assuntos encontrados no decorrer da pesquisa. Constatamos que aquelas práticas de esportes que eram frequentes nas aulas de Educação Física em um passado não muito distante, hoje apresentam outras possibilidades no meio acadêmico-científico. Percebemos, assim, uma diversidade de conteúdo nos artigos.

A distribuição dos conteúdos da Educação Física vai muito além das práticas esportivas. Negar outros conhecimentos aos escolares é reduzir o desenvolvimento dos jovens de sua trajetória de ensino. Com isso, é dever do professor usar o maior número de práticas corporais que estejam ao seu alcance e usufruir de cada espaço que se encontra na escola ou fora dela. Logo, apostar em diversidade de manifestações culturais, vai contribuir para uma ampla prática docente. Assim, introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzir, reproduzir e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida, (BETTI e ZULIANE 2002).

Deste modo, chamam a atenção os artigos referentes aos conteúdos da Educação Física e a existência de quatro (04) estudos sobre a Dança, em que mostra que essa temática vem ganhando cada vez mais espaço nas práticas pedagógicas dos professores. Entretanto, percebe-se a diversidade de conteúdos estudados nos artigos encontrados, isso mostra a valorização de outros assuntos que compõem a Educação Física.

Percebemos que os artigos referentes ao conteúdo de dança estão em evidência no quadro acima. Diniz e Darido (2019) relatam que no Ensino Médio, em particular, identificamos dados ainda mais delicados, tendo em vista que, quanto mais velhos os alunos se tornam mais longe a dança fica de suas experiências educacionais, enquanto os esportes coletivos com bola continuam hegemônicos. Dessa forma, a luta por uma Educação Física plural nos conteúdos é de suma importância para o aprendizado dos educandos, com isso estabelecer um currículo diversificado para eles.

Ao observar a segunda categoria do quadro, destacamos a Educação Física e o Novo Ensino Médio. A Revista *Motrivivência* apresentou em 2017, mais precisamente em seu volume 3, uma seção temática, na qual encontramos sete (07) artigos sobre a temática. Sendo assim, os artigos encontrados trazem em pauta: Aspectos Legais da Educação Física, Currículo, Formação Profissional e Prática Pedagógica. Diante desses temas, destacamos a disciplina de Educação Física no novo EM, regulamentada pela medida provisória Nº 746/2016, que foi convertida na Lei 13.415/17 e aprovada depois pelo congresso. Entretanto, essa MP antes de aprovada, tinha no texto base a não obrigatoriedade da Educação Física. Isso deixou essa disciplina vulnerável no documento. Depois de várias audiências públicas e com pressão de movimentos sociais, sindicatos e universidades que se contrapuseram ao governo essas medidas que se encontravam na versão inicial, com isso a disciplina de Educação Física apareceu no texto como componente curricular obrigatório passando a ser inserida na área de linguagens e suas tecnologias.

No caso da Educação Física, essa confrontação deve se dar por meio de uma retomada ou concentração mais qualificada e completa com determinadas dimensões educativas que são indispensáveis para um desenvolvimento da formação dos alunos, quais sejam: o trabalho, a ciência, a cultura e a tecnologia. A questão da legalidade pedagógica da Educação Física no Ensino Médio tem que ser enfrentada com atuação crítica e criativo de reconstrução desse componente curricular, resgatando o entendimento do Ensino Médio como uma fase constitutiva da Educação Básica (GARIGLIO, ALMEIDA JÚNIOR e OLIVEIRA, 2017).

Sobre a terceira categoria, que se encontra no quadro acima, destacamos a “identificação no ambiente escolar”, que abrange sete (07) artigos, totalizando 12,72%, que contemplam assuntos sobre o meio escolar. Podemos destacar, por exemplo, a finalidade da Educação Física no EM que é um dos assuntos dos artigos.

Compreender a finalidade da Educação Física no EM, é refletir sobre várias indagações, como por exemplo, o que ensinar e qual o papel da disciplina no currículo? O que os alunos estão estudando nas aulas, proporcionam impactos positivos na vida deles? Explorar possibilidades de práticas corporais diversificadas no currículo é de suma importância, porque mostra outros caminhos aos educandos para uma formação integral, cidadã e ética. No entanto, permitir um aprendizado que seja útil não só para o ambiente escolar, mas também para fora do mesmo, para que os alunos possam estar usando no trabalho, na sociedade e em outros ambientes de forma positiva.

A quarta categoria refere-se a “Escolares e Educação Física no EM”. Ela representa sete (07) artigos. Nela o assunto está vinculado diretamente aos estudantes. No entanto, destacamos um ponto que é mencionado em dois artigos: satisfação nas aulas. Refletir sobre esses artigos é querer pensar em soluções para uma melhoria do coletivo.

Essas satisfações nas aulas estão vinculadas em alguns pontos como, por exemplo: o conteúdo aplicado, as metodologias de ensino utilizadas pelos professores e a diversidade de práticas corporais usadas no ambiente de ensino, não deixando apenas as práticas esportivas como foco, pois isso ocasionaria uma desvalorização pedagógica do conteúdo.

Desse modo, a satisfação com a educação física poderia variar de acordo com diversos fatores presentes nas aulas, tais como: as características dos alunos, as habilidades em esportes, a infraestrutura para as aulas, o tipo de planejamento, o sexo e o ambiente pedagógico. A satisfação com as aulas de educação física está associada à incorporação de novas habilidades e conhecimentos ou significa para os alunos um tempo e espaço de ruptura com a lógica pedagógica das demais disciplinas escolares. (BRANDOLIN, KOSLINSK e SOARES, 2015).

Prosseguindo com as categorias do quadro, observamos que na quinta o foco é destinado ao “Professor e Educação Física no EM”. Nessa pesquisa se concentram seis (06) artigos sobre alguns assuntos de interesse acadêmico. Deste modo, podemos destacar estudos sobre “prática pedagógica”, que foi contemplada com dois artigos.

Destacar trabalhos sobre práticas pedagógicas é fundamental na área acadêmica, pois oportuniza outros professores a refletir sobre suas ações pedagógicas. Assim, o educador precisará se desenvolver constantemente, para que tenha um impacto positivo dentro e fora do ambiente escolar. Entretanto, propor essas práticas pedagógicas, principalmente, no EM é viabilizar aos estudantes uma aprendizagem prazerosa, na qual se busque entender a clientela na qual está inserido (escola, comunidade), e os fatores determinantes para o desenvolvimento pedagógico.

De acordo com Franco (2015), as práticas pedagógicas se configuram na mediação com o outro, ou com os outros, e é esse outro que oferece as práticas e seu espaço de possibilidade. Portanto, as práticas podem funcionar como espaço de resistência e de reverberação de múltiplas dominações.

Maldonado, Nogueira e Silva (2018) compreendem que saber agir e organizar a sua prática pedagógica como um adulto que possui extensa fundamentação teórico-prática, alguma sabedoria de vida, e que saiba trazer argumentos que mostrem aspectos positivos e negativos

das propostas dos estudantes dentro de um quadro de referência que também deve ficar claro a todos.

Dessa forma, buscar organizar as práticas pedagógicas para concretizar determinadas expectativas de ensino é plausível no meio educacional, mesmo com as dificuldades impostas no ambiente escolar, na aceitação dos alunos e na própria iniciativa do professor. Muitos fatores podem influenciar para o não desenvolvimento pedagógico como a falta de infraestrutura, a melhoria de salários, a falta de apoio da gestão, a acomodação do professor. Todos esses fatores promovem ou dificultam o desenvolvimento de parte das atividades do professor.

Os professores devem buscar construir e conquistar sua competência didático-pedagógica para desenvolver sua prática pedagógica na complexa trama de relações que engendram o cotidiano escolar, de modo que não permita que os professores sejam constantemente reféns tanto dos especialistas (pesquisadores) que produzem uma literatura acadêmica que se converte em referência que orienta e determina a prática pedagógica na escola, (CAPARRÓS e BRACHT, 2007).

O professor que busca autonomia na construção de sua prática pedagógica no ambiente escolar, percebe quando alguns docentes se acomodam em práticas já formalizadas e agrupadas por instituições que fornecem materiais as escolas (orientação pedagógica, livros). Isso não significa dizer que esses materiais não possam ser usados, mas devem ser utilizados com atenção e acrescentar atividades a partir de suas demandas no contexto escolar para desenvolver um aprendizado positivo.

Diante da categoria “Fundamentação Teórica”, encontra-se a sexta colocação do quadro, na qual estão presentes seis (06) artigos correspondendo a 10,90% do total dos estudos encontrados sobre o EM. Deste modo, os trabalhos têm como foco a Legislação da Educação Física (03), Produção de Conhecimento/ Estado da Arte (2), e Aspectos Epistemológicos (01). No entanto, a partir dos artigos que são contemplados nessa categoria, destacamos os estudos sobre o Estado da Arte, que apresenta um mapeamento da produção acadêmica-científica em periódicos de Educação Física no EM. Destaca-se aqui trabalho de Dias e Correia (2013) que relatam as produções sobre a temática de estudo.

A sétima classificação que se encontra no quadro, destaca a “Avaliação Física”, que corresponde a três (03) artigos no qual se referem as seguintes temáticas: Atividade Física (02) e Nível de Flexibilidade (01). Deste modo, percebe-se a utilização dessas avaliações no âmbito escolar, o que pode gerar alguns questionamentos sobre essas propostas.

Quando se fala em avaliação na Educação Física escolar, podemos perceber a quantidade de métodos existentes para correção como, por exemplo: prova, trabalhos, participação e outras. Propor aos alunos avaliação física como uma das alternativas é interessante, mas compreender o porquê da utilização desse método e não de outro é mais importante para concretizar um aprendizado satisfatório, pois, afinal, para onde vão esses dados obtidos? O que vão fazer? Será que vai ter um acompanhamento bimestral, semestral ou anual com os alunos? Oportunizar essas reflexões é de suma importância para o aprendizado coletivo.

Darido (2012) aponta que avaliar na Educação Física implica ajudar o aluno a perceber as suas facilidades, as suas dificuldades e, sobretudo, pretende ajudá-lo a identificar os seus progressos de tal modo que tenha condições de continuar avançando.

Apresentar essa categoria da Avaliação Física e os artigos encontrados na pesquisa, não quer dizer que estamos exibindo um processo avaliativo higienista, mas divulgando dados obtidos através de um acompanhamento de alunos que se tornaram um estudo muito rico e satisfatório para o ambiente escolar. No entanto, mostrar esses resultados aos educandos e mostrar como eles se encontram nessas avaliações, pode proporcionar reflexões para uma construção de saberes que sejam utilizados de forma positiva na vida dos educandos. Sabemos que, nas aulas de Educação Física, o tempo é muito reduzido para que esses alunos consigam um aumento de atividade física satisfatório. Logo, devemos orientá-los e fazer com que reflitam sobre sua frequência de prática de atividade física, que é de suma importância para sua vida.

Por fim, chegamos à oitava e última categoria do quadro. Nela, destacamos as “Políticas Públicas Educacionais”. Essa categoria apresenta um artigo em todas as revistas pesquisadas e traz a abordagem do assunto “Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM”. O foco desse artigo visa entender o papel da disciplina de Educação Física e sua especificidade no ENEM. Essa etapa é uma fase de transição para uma parcela desses alunos que seguiram para o Ensino Superior.

O ENEM visto como uma oportunidade de progresso na vida. Através dele os alunos conseguem cursar o tão desejado ensino superior. A disciplina de Educação Física, como componente curricular obrigatório no ensino médio, tem fundamental relevância para aqueles alunos que prestaram o ENEM no final do ensino médio e percebe a importância na formação dos estudantes, seja com os conteúdos, seja com as práticas pedagógicas ou com as trocas de experiências coletivas.

Segundo Beltrão (2014) aponta que a Educação Física deve se constituir como um lugar significativo para se estudar as práticas corporais, expondo os pontos históricos, sociais,

filosóficos e práticos desse campo de aprendizado, em que o estudante possa constatar os sentidos dos inúmeros conteúdos na sua vida. Esse trabalho demanda compreensão e participação dos docentes e discentes na construção de uma Educação Física eminentemente educativa, sem, contudo, privilegiar uma ou outra dimensão do conteúdo.

As políticas educacionais devem constituir uma melhor abrangência no campo da educação brasileira, que busca índices de uma melhor qualidade do ensino comparando com outros países. Na luta contra a evasão dos escolares, na igualdade de acesso ao ensino e melhoramento do atendimento as necessidades dos alunos, o Brasil ainda tem muito o que buscar.

Ao promover um levantamento de como se encontram as publicações da Educação Física no Ensino Médio, nos anos de 2009 até 2019, nas cinco principais revistas da Educação Física, verifica-se uma desvalorização e uma baixa representação da Educação Física nesse âmbito de ensino, o que corresponde 1,65%. Esse percentual faz referência a temática de estudo abordado. Entretanto, percebe-se uma grande discrepância sobre os outros assuntos pesquisados no meio acadêmico-científico da Educação Física. A elaboração do Estado da Arte, promoveu a realização do mapeamento das publicações sobre a temática, que foi dividida em oito categorias e suas subcategorias como foi apresentada no quadro 04.

É fundamental haver maiores compreensões acerca das especificidades da Educação Física no Ensino Médio, fato que passa pelo desenvolvimento da produção acadêmica em âmbito nacional tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. O que evidencia a necessidade de maiores estudos e análises que corroborem com a prática pedagógica na escola (RUFINO, FERREIRA, CARVALHO, RICCI e DARIDO, 2014).

Ao constatar as poucas publicações de trabalhos sobre a Educação Física no Ensino médio, esse número cai ainda mais quando se refere ao Ensino Médio Noturno, que apresenta apenas um (01) trabalho, correspondendo a 0,03% de um total de 3319 artigos. Deste modo, os escolares, os docentes e todos os que se encontram nesse âmbito de ensino da Educação Física Noturna apresenta uma maior desvalorização na produção acadêmica-científica. Assim, percebe-se a pouca produção encontrada no Ensino Médio, uma vez que os estudos estão voltados para os outros turnos.

Apesar dos dados obtidos na pesquisa de estudo terem sido alarmantes sobre o Ensino Médio, quando se compara ao período noturno esse dado é espantoso. Não se sabe, se é uma falta de responsabilidade ou pouco interesse em busca de estudos voltados para esse campo, pois sabemos que se trata de uma clientela peculiar que está inserida no Ensino Médio

noturno. São trabalhadores, donas de casas que têm suas obrigações durante o dia, e chegam à escola à noite para completar outra jornada de trabalho, mas com o objetivo de superar suas próprias limitações e conquistar o que foi abandonado, os estudos.

O estudo apresentado não traz uma solução para nivelar as produções acadêmico-científicas na Educação Física. Isso seria uma batalha muito árdua ou quase impossível, pois se percebe que os professores-pesquisadores apresentam suas pesquisas muitas vezes de acordo com seus interesses, ou dos grupos de estudos, o que não quer dizer que esteja errado, mas propor uma reflexão acerca do mapeamento feito sobre as pesquisas referentes à Educação Física no Ensino Médio é interessante, uma vez que esse estudo apresenta uma grande discrepância nas publicações.

Buscar um olhar mais refinado para o Ensino Médio é reconhecer melhor essa etapa da educação básica, que por ser de curto tempo, basicamente três anos de duração, a população de estudantes pouco usufrui, uma vez que está em transição na sua vida, passando por alegrias e tristezas, frustrações de alguns, por não terem conseguido o objetivo desejado (faculdade), logo esse meio pode possibilitar aos pesquisadores ótimos trabalhos, seja com ênfase nos estudantes, seja no próprio professor, através de suas experiências pedagógicas ou outras situações.

Entretanto, podemos destacar o fato de que as publicações podem até estar ocorrendo em outros âmbitos, como por exemplo, nas publicações de anais de eventos científicos da área ou em teses e dissertações, o que iria requerer um aprofundamento do estudo em questão. Assim, sugere-se que se amplie o estudo para que possam ser considerados os resultados de teses e dissertações e os anais de grandes eventos da área, como os do CBCE - Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte. Assim, como o estudo aqui presente fez o direcionamento apenas em periódicos, apresentamos um mapeamento das revistas científicas.

Diante disso, o próximo capítulo apresentará os aspectos legais da Educação Física, fazendo uma transição da primeira LDB de 1961 e passando por alguns decretos, leis, LDB de 1971 e 1996, chegando na BNCC de 2017. Com isso, apresentamos um estudo de como a Educação Física foi legitimada nas últimas décadas, dando ênfase ao ensino médio.

4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLA: ASPECTOS LEGAIS

O presente texto apresentará a trajetória da Educação Física ao longo das publicações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, na qual se encontram três volumes: primeira Lei 4024/1961, segunda Lei 5692/71 e a terceira Lei 9394/96. Deste modo, a disciplina de Educação Física está presente nas três publicações, e com isso tentaremos proporcionar um diálogo a partir dos escritos aqui relacionados, dando ênfase também no ensino médio.

Na primeira LDB nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, encontra-se uma legislação que passou treze anos para ser publicada. Durante todos esses anos houve um debate a respeito da Educação brasileira e como ela se encontrava naquele período. Deste modo, propuseram dividir a educação básica em Pré-primária, Ensino primário, Ensino médio (dividindo em dois ciclos, Ginásial e Colegial). Para o ensino secundário, propuseram um currículo variado de acordo com o estabelecimento e Profissional, sendo o mesmo optativo. A legislação oportunizou mudanças a respeito do modelo de educação que se encontrava na época, buscando, assim, uma igualdade social pelo acesso ao ensino básico do país.

Ao falar das disciplinas que eram oferecidas naquele período, percebe-se que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no Art. 40, mencionava o seguinte:

Art. 40. Respeitadas as disposições desta lei, compete ao Conselho Federal de Educação, e aos conselhos estaduais de educação, respectivamente, dentro dos seus sistemas de ensino: a) organizar a distribuição das disciplinas obrigatórias, fixadas para cada curso, dando especial relevo ao ensino de português; b) permitir aos estabelecimentos de ensino escolher livremente até duas disciplinas optativas para integrarem o currículo de cada curso; c) dar aos cursos que funcionarem à noite, a partir das 18 horas, estruturação própria, inclusive a fixação do número de dias de trabalho escolar efetivo, segundo as peculiaridades de cada curso, (Brasil, p. 8, 1961).

Deste modo, as próprias secretarias de Educação realizavam suas matrizes curriculares, dando ênfase principal no Português e, conseqüentemente, formalizando o currículo de acordo com as necessidades do estabelecimento ou da clientela. Outra prática que se encaixava como componente obrigatório no ensino Primário e Médio era a Educação Física, que apresentava no Art. 22 prática que deveria ser cumprida até os 18 anos.

O que podemos imaginar das práticas das aulas de Educação Física naquela época? O foco era preparar o indivíduo para o trabalho, formar homens fortes e competitivos para o dia a dia. O lado pedagógico que se encontrava nas práticas discentes, constituía-se apenas em ações sem um cunho pedagógico para a formação de um cidadão crítico e participativo na sociedade.

A Educação Física como prática obrigatória na legislação na LDB de 1961, encontrava-se diretamente ligada à capacitação física do aluno, desejando formar o futuro trabalhador com saúde que seria fundamental para o desempenhar atividades nas industrializações vividas pelo país. A própria restritiva com relação aos 18 anos, apontava uma parada da necessidade da Educação Física e, conseqüentemente, de exercícios físicos que motivariam desgaste ou exaustão no período em que os alunos, supostamente, necessitariam de um maior aporte energético em cargo de sua colaboração no mercado de trabalho (DARIDO, 2012).

As práticas oferecidas nas aulas de Educação Física escolar não eram vistas com bons olhos pedagógicos. Percebia-se um caráter higienista e militaristas, fruto de um passado influenciado por modelos de ensinos Europeus. Para que explorar a criticidade dos alunos nas aulas de Educação Física naquele período? O objetivo era apenas capacitar o indivíduo para o trabalho e buscar corpos saudáveis.

Segundo Castellanni Filho (1998) a Educação Física estava associada à formatação de um corpo produtivo, forte e saudável, que fosse ao mesmo tempo dócil o bastante para submeter-se à lógica do trabalho fabril sem questioná-la, obediente e disciplinado nos padrões hierárquicos da instituição militar.

A obrigatoriedade da Educação Física no ensino primário e médio transcendeu a partir do Decreto Lei nº 705 de 25 de julho de 1969, com o objetivo de alterar o Art. 22 da LDB de 1961, passando a vigorar com a seguinte redação: será obrigatória a prática da educação física em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior, Brasil, 1969.

Essas mudanças aconteceram em plena Ditadura Militar. O Brasil enfrentava grandes momentos de manifestações contra as imposições do Governo. Ao impor essa obrigatoriedade da Educação Física em todos os níveis de Educação, buscou-se também uma procura de talentos esportivos para que o Brasil se tornasse uma potência internacional do esporte de autorrendimento e, assim, usar esse feito para maquiagem algumas ações que o Governo Militar estava fazendo naquele período de ditadura militar.

De acordo com Barroso e Darido (2006) não é difícil encontrarmos a razão pela qual a Educação Física no nosso país enfatizou o esporte como um dos seus conteúdos principais. Depois de ser introduzido nas aulas de Educação Física no âmbito escolar, ele passou a ser a grande referência da Educação Física no país, com a chamada “época militar”, pois neste

período as aulas apontavam como objetivo o rendimento, a melhoria da aptidão física e a busca de talentos para, posteriormente, compor o país em futuras competições internacionais.

As atividades impostas na Educação Física pelo governo eram destinadas a buscar um controle social por meio das práticas do esporte. Utilizavam o movimento para ordenar a obediência das regras pré-estabelecidas e não os questionar, tornando-se, assim, educandos não questionadores.

Dessa forma, a Educação Física que encontramos na legislação da primeira LDB de 1961, configura suas práticas dez anos depois na segunda LDB Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, cujas mudanças são mínimas, pois ainda se encontrava no período de Ditadura Militar, tornando-se atividade obrigatória, mas sem um cunho pedagógico satisfatório na maioria das práticas. Deste modo, a Lei 5692/71 apresenta em seu Art. 7 o seguinte texto:

Art. 7. Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969, Brasil, 1971.

Além da obrigatoriedade da Educação Física, apresenta-se no artigo a inclusão de Educação Moral e Cívica (Ensino Fundamental), e no Ensino Médio (Organização Social e Política Brasileira – OSPB). Outra mudança verificada a partir de um Decreto Lei nº 69.450/71. Que apresenta a facultatividade das atividades físicas na seguinte forma:

Art. 6º – Em qualquer nível de todos os sistemas de ensino, é facultativa a participação nas atividades físicas programadas: a) aos alunos do curso noturno que comprovarem, mediante carteira profissional ou funcional, devidamente assinada, exercer emprego remunerado em jornada igual ou superior a seis horas; b) aos alunos maiores de trinta anos de idade; c) aos alunos que estiverem prestando serviço militar na tropa; d) aos alunos amparados pelo Decreto-lei nº 1.044 de 21 de outubro de 1969, mediante laudo do médico assistente do estabelecimento, Brasil, 1971.

Esse decreto estabelece a clientela que se encaixa nessa parcela citada. São alunos do período noturno, vistos de forma especial para que não sejam prejudicados em suas atividades físicas, e estas sejam orientadas por professores que levem em conta o dia a dia de trabalhos dos alunos o que torna essas práticas cansativas. Refletir sobre essa facultatividade da Educação Física para essa clientela específica é um ponto positivo ou negativo? Ao analisar o cenário em que os alunos estavam envolvidos naquele período, foram de suma importância as ações que seriam desenvolvidas na Educação Física, mesmo com os objetivos que eram impostos para a disciplina que tinha um caráter militarista e esportista.

A LDB de 1971 não apresenta a obrigatoriedade até os 18 anos como era descrito na Lei anterior, nº 4024/61. Esta refaz a mudança, mas prossegue algemada em seu modelo

antigo. Deste modo, apresenta um Decreto que continua limitando a atividade física aos educandos, agora atrelada a uma população maior, como foi descrito acima.

Seguindo com a ação da facultativa das atividades físicas no sistema de educação brasileira, seis anos depois é apresentada, outra Lei, a de número 6503/77 que incluía mais dois públicos contemplados para a facultatividade da Educação Física. O primeiro compreendia alunos de cursos de Pós-graduação, que apresentavam relação com um trabalho intelectual, o que afastava a necessidade da capacitação para o exercício profissional. A segunda dizia respeito para as mulheres com prole. A lei fazia uma alusão a este público ressaltando que eles (público feminino) cabia cuidar dos filhos, uma vez que os maridos eram incumbidos ao dever de sustenta o lar (CASTELANNI FILHO 1998).

Percebemos nesta trajetória que a Educação Física, como componente curricular, sofre oscilações nas legislações vigentes, pois não apresentam uma especificidade sólida. Ao se passarem 25 anos da Lei 5692/71, cria-se a LDB, Lei 9.394 de dezembro de 1996, na qual a disciplina de Educação Física se encontra presente novamente, mas, dessa vez, da seguinte forma no artigo 26 [...] §3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

Segundo Silva e Venâncio (2005) a alteração proposta não encaminhou as mudanças previstas, haja visto que a redação genérica do artigo não ficou garantida a presença das aulas de Educação Física em cada fase ou etapas da Educação Básica, muito menos, que os educadores que lecionavam essas aulas apresentassem alguma formação específica.

A Educação Física encontra-se tímida na legislação atual, uma vez que, na redação estampada, não se apresenta como componente curricular obrigatório, tornando-se, assim, uma disciplina pouco vista no ambiente escolar. No entanto, Castelliani Filho (1998, p. 18) relata que a Educação Física retirou a camisa de força que a aprisionava nos limites do famigerado eixo paradigmático da aptidão física. Mesmo assim, a disciplina passa a ser uma coadjuvante no componente curricular da educação brasileira. Deste modo, só em 2001, quando se passam cinco anos da criação da LDB de 1996, foi criada a Lei 10.328 de 12 de dezembro de 2001, que alterou a redação do parágrafo 3º, do Art. 26 da LDB ficando o texto final, assim redigido: Art. 26. § 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola é componente curricular *obrigatória* da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

A Educação Física, depois da resolução dessa nova lei, ganha respeito ao se tornar componente curricular obrigatório da Educação básica? Esta deixa dúvidas sobre a importância da Educação Física e de suas contribuições para o aprendizado dos educandos? Será que, depois de quarenta anos da primeira LDB, a de 1961, a Educação Física ganhará um status positivo com a obrigatoriedade como componente curricular? Nos estudos de Silva e Venâncio (2005) expõem que a simples incorporação do termo “obrigatório” não possibilita transformações substanciais à legislação, pelo fato de, entre outros fatores não assegurar a disciplina em todas as séries da Educação Básica brasileira.

A Educação Física e suas legislações mudam de acordo com alguns interesses, sejam eles pessoais ou sociais. No entanto, percebe-se, nas primeiras leis relatadas aqui no texto, que os interesses eram de cunho militaristas, isso por conta do período que estava vivendo o Brasil e as mudanças favoreciam os desejos dos governantes para formar uma sociedade de corpos saudáveis. Deste modo, tais mudanças que vêm ocorrendo na legislação estão presentes no início século XXI, é a facultatividade, para alunos no período noturno, que se encontra em lei. Entretanto, percebemos um público peculiar do sistema de Educação brasileira. São trabalhadores, donas de casas com seus deveres a serem realizados no período diurno, pois isso são facultadas as práticas nas aulas de Educação Física.

Segundo Castellani Filho (1997), a facultatividade da Educação Física aos alunos do período noturno que comprovassem vínculo empregatício logo foi estendida aos alunos do turno diurno. Esse fato reforçava a lógica de que, estando o aluno já integrado ao mercado de trabalho, não caberia mais à escola, mas sim ao próprio mercado, a responsabilidade pela capacitação e manutenção de sua força de trabalho.

No entanto, essa facultatividade para esse público é viável, devido seus históricos do dia a dia. A Lei 10.793, de 1º de dezembro de 2003, estabelece acessões na LDB sobre a Educação Física, e está em vigor atualmente com a seguinte redação:

Art.26 – [...] § 3º - A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

- I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;
- II – maior de trinta anos de idade;
- III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;
- IV – amparado pelo Decreto-Lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969;
- V – (VETADO)
- VI – que tenha prole, Brasil, 1996.

De acordo com Silva e Venâncio (2005) advertem que embora a legislação proposta na Lei 10.793 deixam interpretações equivocadas, interpretações estas que tem sido empregadas

como aparato de burlar a própria lei. Assim, percebemos, na legislação que está em vigor até o momento, que a facultatividade agora não é destinada apenas para os alunos do período noturno, mas para aqueles alunos que estão sendo contemplados pelas normas da lei, gerando, assim, um descomprometimento com as práticas das aulas de Educação Física. Qualquer aluno que estiver dentro dos padrões da lei para ser facultado poderá pedir dispensas. Isso é um ponto positivo ou negativo para o desenvolvimento pedagógico da disciplina? E se essa facultatividade fosse realizada em outra disciplina, será que teríamos algum posicionamento mais rigoroso para retirar essa ação?

Embora as legislações que regem a Educação Física em nosso país proporcionem brechas para serem questionadas, elas carregam heranças de um passado turbulento. São leis que excluem certos educandos por conta de uma determinada posição em que eles se encontram dentro da sociedade, mas isso não quer dizer que foi por escolhas, e sim, por consequência da vida.

O educando adulto tem que trabalhar e, conseqüentemente, vai passar das seis horas de serviços. Alguns deles têm mais de trinta anos. No caso de algumas mulheres, são donas de casas e cuidam dos filhos. No entanto, sabemos que esse público de trabalhadores realizam atividades físicas dentro do seu ambiente de trabalho, ocasionando, assim, um cansaço físico e mental, logo esse cansaço na mente não pode ser prejudicial no aprendizado de outras disciplinas como química, física e outras? Deste modo, podemos observar as brechas que a lei dá e que não seria somente necessário para a disciplina de Educação Física. Outras disciplinas poderiam ser facultadas, também, no currículo da Educação brasileira, fazendo assim uma análise das situações propostas.

A Lei 10793/2003, que foi sancionada, apresenta em seu texto um retrocesso de mais de 40 anos, quando a disciplina estava presente na primeira LDB de 1961. Deste modo, a obrigatoriedade da prática é camuflada para uma determinada parte dos alunos. Educandos com mais de trinta anos não precisam realizar as práticas nas aulas de Educação Física? Mulheres com prole devem ser dispensadas das práticas? Esses questionamentos feitos aqui, apontam uma falta de respeito com as práticas da disciplina. Facultar essas vivências para esses escolares é negar a cultura, é negar o conhecimento, é negar o prazer que as vivências proporcionam na construção do aprendizado.

Ao destacar essas legislações, fruto de uma construção militarista e higienista que era apresentada no passado e tinha como objetivo uma regulamentação e ganho de espaço dentro do cenário educacional brasileiro. Entretanto, essa disciplina reflete grandes oscilações

no texto das leis, ocasionado assim, debates e reflexões sobre sua representatividade desta no ambiente político e escolar.

Ao relatar esses debates sobre a Educação Física, aparece um debate muito maior a nível nacional sobre a implementação de uma base curricular, que mudaria algumas resoluções da LDB, como por exemplo a quantidade de horas aulas no calendário escolar, mudanças em relação a algumas disciplinas que deixariam de ser obrigatórias, profissionais e que poderiam lecionar apenas com um notório saber. Visto como forma de protesto sobre os direcionamentos da MP 746 de 22 de setembro de 2016, várias escolas e universidades em todo o país ficaram preocupados com esse retrocesso educacional, ocasionando imensas manifestações em várias cidades e realizando marchas em Brasília a favor da educação e pressionando parlamentares no congresso que tentavam impedir a tramitação de seguir. Os debates referentes ao novo Ensino Médio mostrou como se encontrava a disciplina de Educação Física nessa MP.

A primeira versão da MP 746/2016 gerou vários questionamentos sobre o posicionamento de algumas disciplinas que fazem parte do currículo da Educação brasileira, como por exemplo Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologias que foram retiradas da obrigatoriedade, oportunizando, assim, um descomprometimento com essas disciplinas que são de suma importância para o desenvolvimento de um cidadão crítico e participativo no meio da sociedade.

A disciplina de Educação Física, após retirada do termo obrigatoriedade do componente curricular para o Ensino Médio, causou indignação em entidades como Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional de Educação Física (MNCR) dentre outras entidades. Tais instituições se posicionaram contra essa MP 746/2016, lançando nota de repúdio sobre esse ato do Governo. No entanto, podemos destacar duas entidades que tiveram objetivos diferentes para a Educação Física, porém não deixaram de expressar seus sentimentos de abominação.

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) apresentou uma perspectiva mais contemporânea e progressista para a Educação Física e relatou em sua nota o seguinte:

[...] essa medida negará aos estudantes a oportunidade de apropriarem-se daqueles saberes que proporcionam a leitura, compreensão e produção das práticas corporais, entendidas como formas de expressão dos grupos sociais. Isso significa a impossibilidade de conhecer, desfrutar e transformar uma parcela do repertório cultural disponível (CBCE, 2016, p.1).

Já o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) tem uma concepção de Educação Física mais higienista, preocupando-se com um viés da saúde dos estudantes. Ele apresentou em sua nota o seguinte texto:

[...]considera um contrassenso que no momento em que inúmeras pesquisas apontam o crescimento da obesidade e do sedentarismo infanto-juvenil, e sabendo que a atividade física é a medida mais eficaz para evitar esse mal, o Governo Federal proponha a retirada da Educação Física do Ensino Médio. Sobretudo por se tratar do país que acabou de atravessar a década de megaeventos esportivos, sediando recentemente os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, onde ficou clara a importância da atividade física na manutenção da saúde e da formação cidadã (CONFEF, 2016, p. 1). [...]

Ao observar as notas de repúdio das entidades, ambas têm concepções diferentes para a Educação Física, mas sempre buscando que a disciplina prevaleça no componente curricular. Deste modo, assembleias foram realizadas para debater a MP 746 com a participação de Professores, Alunos, Sindicatos e Entidades para propor soluções, mudanças para alguns posicionamentos que se encontravam na MP.

Depois de muita luta contra essa MP, foi apresentado um texto final, no qual a disciplina de Educação Física volta a ter obrigatoriedade para o componente curricular do ensino médio. No entanto, a MP 746/16 foi transformada em Lei 13.415/17 e assinada pelo então Presidente Michel Temer, apresentada no Art. 3, § 2º da seguinte forma: Art. 3 – [...] § 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá, obrigatoriamente, estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia (BRASIL, 2017).

Ao sancionar a Lei 13.415/17 e observar essas pequenas mudanças, que foram fruto de batalhas árduas contra as imposições do Governo que se encontrava em vigência. Percebemos que essa luta não é só na Educação Física, e sim de outras disciplinas que estavam perdendo espaços por conta da antiga MP 746/2016.

As legislações atuais configuram-se através de um sistema político que não entende o verdadeiro significado da Educação Física no âmbito escolar, pois não apresentam uma legitimidade concreta da disciplina nas legislações que regem o sistema educacional brasileiro, com isso a Educação Física é afetada de uma forma ou outra quando mexem na legislação educacional.

Com a criação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC no cenário educacional, seja para o ensino fundamental ou médio, percebemos áreas de conhecimento que estão presentes no documento, são elas: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso para âmbito fundamental e no ensino médio prevalecem quadro áreas do conhecimento: Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e

suas Tecnologias, Linguagens e Códigos e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias. Deste modo, as disciplinas são contempladas nessas áreas do conhecimento, propondo uma organização curricular para o ensino.

Segundo Boscatto, Impolcetto e Darido (2016) a BNCC poderá contribuir para a aprendizagem de conhecimentos necessários para a atuação cidadã e de forma emancipada. Acredita-se, com tal afirmação, que o conhecimento crítico sobre a natureza, a sociedade e o mundo pode possibilitar aos estudantes a compreensão de aspectos culturalmente construídos e levá-los a agir com autonomia no contexto social do qual fazem parte.

A Educação Física como componente curricular é contemplada na área do conhecimento de Linguagens juntamente com as disciplinas de português, artes e língua inglesa. No entanto, qual o sentido de a Educação Física ser direcionada na área de linguagens? Pensar nesse questionamento é analisar os cenários das outras áreas do conhecimento, que impossibilitam a participação dela na área de linguagens. Podemos levar em consideração o uso da linguagem corporal que está presente na Educação Física.

Podemos perceber em matérias semelhantes a inclusão da Educação Física na área de linguagens, como por exemplo em outros materiais curriculares do Rio Grande do Sul (2009), em São Paulo (2010) e no próprio Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, cujas competências correlacionadas a educação física são apresentada na área de linguagens.

De acordo com Souza, Santos, Neto, Souza e Tavares (2019) a Educação Física é entendida como linguagem em virtude do trato dado às práticas corporais sob o argumento de que estas podem apresentar uma multiplicidade de sentidos e significados a partir de cada grupo social. Logo, representariam textos culturais passíveis de leitura e produção.

Deste modo, a Educação Física, ao longo da construção das legislações educacionais vem crescendo positivamente com o passar dos anos. Observamos que sua especificidade sai de um processo higienista e militaristas, como era praticado na primeira LDB de 1961, oportunizando, assim, o objetivo de corpos saudáveis para um trabalhador forte, chegando no final das décadas de 80 e 90, configurados como uma prática progressista, em que os alunos já começavam a expressar seus questionamentos e posicionamentos sobre as vivências, nas quais esses educandos eram ativos na construção das práticas educativas, pois isso não era comum nas décadas de 60 e 70, uma vez que o Brasil se encontrava em plena ditadura militar. Deste modo, a Educação Física que encontramos hoje nas escolas é fruto de uma grande batalha travada ao longo dos anos para buscar espaço e reconhecimento dentro do

ambiente escolar e ser reconhecida como componente curricular obrigatório da educação básica.

Por fim, essa luta que a Educação Física comprou com as legislações educacionais, como podemos ver, não é de hoje, pois percebemos uma evolução lenta nas leis. Na parte pedagógica, essa evolução tem um caráter positivo, pois vemos nas práticas escolares, nas formações (tanto na inicial como na continuada) e na produção científica que vem crescendo positivamente. Seria de suma importância que os governantes que elaboram as leis educacionais tivessem um olhar mais aprofundado sobre a Educação Física, pois ela tem grande participação no desenvolvimento dos educandos, seja numa visão social, cognitiva, física ou na formação da criticidade dos alunos.

No próximo capítulo, apresentaremos um estudo sobre o ensino médio noturno, que buscou identificar os três públicos que frequentam esse nível de ensino. Ele foi se consolidando com o passar dos tempos. Deste modo, o texto apresentará os primeiros relatos do ensino noturno no Brasil e, posteriormente, algumas leis que regem esse ensino.

5 ENSINO MÉDIO NOTURNO

Neste capítulo, apresentaremos um estudo sobre o ensino médio no período noturno, por proporcionar reflexões de como é oferecido e quem os frequentam, seja ele aluno ou professor, pois muitos deles chegam com uma carga horária de trabalho muito sobrecarregada, podendo, assim, prejudicar o desenvolvimento da aprendizagem.

De acordo com Nascimento (2007), as políticas educacionais no Brasil para o Ensino Médio têm expressado o dualismo educacional, fundamentado na divisão social do trabalho, que distribui os homens pelas funções intelectuais e manuais, segundo sua origem de classe, em escolas de currículos e conteúdos diferentes. O ensino médio tem sido historicamente seletivo e vulnerável à desigualdade social.

Segundo Krawczyk (2009), quando se trata de refletir sobre o sistema educacional brasileiro “é consensual a percepção de que o ensino médio é uma etapa que provoca os mais controversos debates, seja pelos persistentes problemas de acesso, seja pela qualidade da educação oferecida, ou ainda, pela discussão acerca de sua identidade. p, 07”.

Por outro lado, ao relacionamos as leis que ressaltam o ensino básico, podemos destacar a Constituição Federal que estabelece por meio da Ementa constitucional nº 14, de 13 de setembro de 1996 a “progressiva universalização do ensino médio gratuito” (Brasil, 1988, Art. 208, II), na qual o Estado passa a ter a obrigação de ofertar o ensino médio à população brasileira. Deste modo, o ensino médio passa a se expandir nas escolas públicas através de políticas de acesso ao ensino básico. No entanto, quando falamos na Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional – LDB de 1996, constatamos que o ensino básico é dever da família e do Estado, com isso, percebemos uma divisão nas obrigações perante as leis, para quem chega na última etapa do ensino básico (ensino médio), pois o art. 4 diz que o acesso público é gratuito aos ensinos fundamental e médio, estendendo-se a todos os que não os concluíram na idade própria.

A partir desse artigo da LDB, que foi ressaltado acima, o que podemos imaginar sobre o acesso gratuito do ensino médio para todos os que não concluíram na idade própria? Será que essa parcela de pessoas, que não tiveram a oportunidade de finalizar os estudos com idade de 17 e 18 anos, como é esperado, ao voltar para uma sala de aula encontrarão dificuldades? E os professores que vão ensinar esses alunos, utilizarão as mesmas metodologias usadas em turmas regulares ou serão necessárias outras metodologias? Com esses questionamentos, tentaremos buscar ideias para desenvolver estratégias para o ensino médio

noturno, pois esse acesso gratuito para alunos, que não concluíram em idade própria, é atrelado a oferta do ensino no período noturno.

Ao falar do ensino noturno no Brasil, é necessário entender como começou sua oferta e para qual objetivo era destinado. Assim, a partir dos estudos de Togni e Soares (2007), o ensino noturno no Brasil mostra relatos das primeiras experiências desse ensino no final do século XIX, ainda no período Imperial. Segundo esses relatos, as escolas funcionavam em algumas províncias do país. No entanto, alguns cursos eram destinados a pessoas adultas analfabetas, que não tinham acesso à escola em idade própria, ou não tiveram possibilidades de ensino em escolas diurnas.

Por outro lado, o acesso ao ensino noturno apresentava dificuldades em sua especificidade. Assim, destacam os seguintes problemas: nas primeiras escolas noturnas, a frequência só era permitida a alunos do sexo masculino; as gratificações dos professores variavam de acordo com o número de alunos atendidos; a autorização para o funcionamento dessas escolas só eram permitidas se não interferisse nas atividades das escolas regulares diurnas; o programa, a legislação, os critérios e as disciplinas oferecidas eram as mesmas dos cursos diurnos (TOGNI e SOARES, 2007).

No entanto, não se pode esquecer que esse modelo educacional no período noturno era destinado à classe inferior, pois era voltado para a alfabetização de adultos, dando continuidade aos estudos, que, com o passar do tempo, foi chamado ensino secundário, tendo hoje a nomenclatura de ensino médio que se encontra no período diurno e noturno.

Com o passar dos anos foi necessário apresentar, em lei, a oferta do ensino noturno como é colocada na CF de 1988 em seu art. 208, na qual está redigida da seguinte forma: art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando. (Brasil, p. 123 a 124, 1988).

A partir da oferta do ensino noturno no Brasil, presente texto da CF de 1988, o ensino busca regularizar e tentar propor um currículo para esse público, pois, mesmo antes da lei entrar em vigor, esse ensino já era ofertado desde as antigas províncias existente no Brasil, mas, percebemos que, até os dias atuais, certas dificuldades estão presentes na construção do ensino noturno, seja nas leis educacionais, seja na forma de como é ofertado o ensino, seja nos próprios alunos que frequentam, pois muitos deles chegam a escola desgastados por conta do trabalho. Percebemos, então com estes estudos, que aquilo que os estudantes aprendem pouco tem relação com a vida que levam fora da escola, sendo este um ensino descontextualizado.

Para Gonçalves, Passos e Passos (2005) “o cotidiano do ensino noturno apresenta uma característica singular, pois recebe um alunado esgotado que, na sua grande maioria, chega à escola após uma jornada de trabalho. Um alunado que já chega reprovado pelo cansaço, que se evade e desiste da escola, porque o que aprende na sala de aula pouco tem a ver com o mundo do trabalho. p, 346”.

Por outro lado, uma parcela desses alunos que frequentam o ensino médio noturno, não são trabalhadores como os demais, que estão inseridos nesse período pela própria escolha. No entanto, esses alunos que não trabalham e optam por estudar à noite é colocado no estudo da Krawczyk (2011) que a atitude do grupo de jovens que escolhe o ensino noturno, independentemente do trabalho, é bastante questionada, pois é interpretada como desvalorização da escola e dos estudos por esses estudantes. Mas caberia indagar ainda os motivos que os levam a atribuir tão pouca importância aos estudos, além da inevitável tensão entre as instituições e a juventude.

Segundo Krawczyk (2011) relata em seus estudos que a escolha do turno noturno nem sempre se reduz aos alunos trabalhadores. Muitos jovens, ainda que não trabalhem, necessitam de certa independência ou precisam se sentir úteis para a família, motivação bastante incentivada pela importância que adquire o consumo nas relações sociais. Mas também porque o clima escolar do noturno é mais atraente para o jovem. É um clima mais descontraído, menos rígido, “mais adulto”.

Existe uma terceira parcela de pessoas que frequentam o ensino médio noturno. Estamos falando dos professores. É de grande importância ressaltar esses profissionais, pois são eles que estão inseridos diretamente com esse público, e muitos deles também já chegam com uma terceira jornada de trabalho para fechar a carga horária, trabalhando em várias escolas ou até a complementação de sua renda, que, sabemos que o salário⁴ em alguns municípios do Brasil, é desvalorizado.

Segundo Costa (2013) os professores do ensino médio possuem uma jornada de trabalho extensa em termos de horas dedicadas à docência; isso por si só já se constitui como um complicador da qualidade do trabalho e se soma às cobranças relacionadas às tarefas e ao desempenho, sobretudo, da escola e dos estudantes.

⁴ Matéria traz como foco: Maioria dos municípios não pagam o piso salarial dos professores, diz MEC: Levantamento foi feito pelo MEC com base nas informações declaradas pelos próprios municípios. site: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/maioria-dos-municipios-nao-paga-o-piso-salarial-aos-professores-diz-mec.ghml>. Ano: 2017.

A partir desses posicionamentos feitos sobre os três públicos que frequentam o ensino médio noturno, Togni e Carvalho (2007) trazem a afirmação de que, além de estar subordinada a uma lei generalizada, o ensino médio noturno apresenta outras inconsistências e algumas características peculiares, que precisam ser levadas em conta para se contemporizar as consequências: os professores muitas vezes estão no terceiro turno de trabalho diário, quase todos os alunos têm jornada de trabalho de oito horas diárias ou mais. Não raro, em atividades pesadas e difíceis, os conteúdos fogem da área de interesses dos alunos, entre outros fatores.

Quando é feita essa afirmação em uma lei de forma generalizada para o ensino médio, percebemos que está incluindo os três turnos de ensino e com os mesmos objetivos para todos o que é visível nos estudantes que apresentam suas peculiaridades, como podemos ver, principalmente, no ensino médio noturno, que apresenta suas especificidades. Deste modo, a LDB de 1996, apresenta os seguintes objetivos para o ensino médio:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. Brasil, 1996. (BRASIL, LDB, 1996).

Como podemos observar no Art. 35 da LDB, que apresenta em seu texto a finalidade do ensino médio, ele apresenta objetivos muito generalizados para o ensino. Será que o aluno do ensino médio noturno se enquadra nessas finalidades? Pois muitos deles finalizaram o ensino fundamental há bastante tempo. Como dar prosseguimentos aos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental? Como resgatar os ensinamentos perdidos no tempo pela falta de contato contínuo dos estudos?

A partir das observações realizadas na lei sobre o ensino médio, ela não apresenta distinção entre os turnos diurno e noturno, por isso pode proporcionar questionamentos sobre o art. 35 da LDB por conta da generalização. O aluno trabalhador, que já enxerga a escola muitas vezes como um terceiro turno de trabalho, precisa de finalidades específicas para o desenvolvimento educacional.

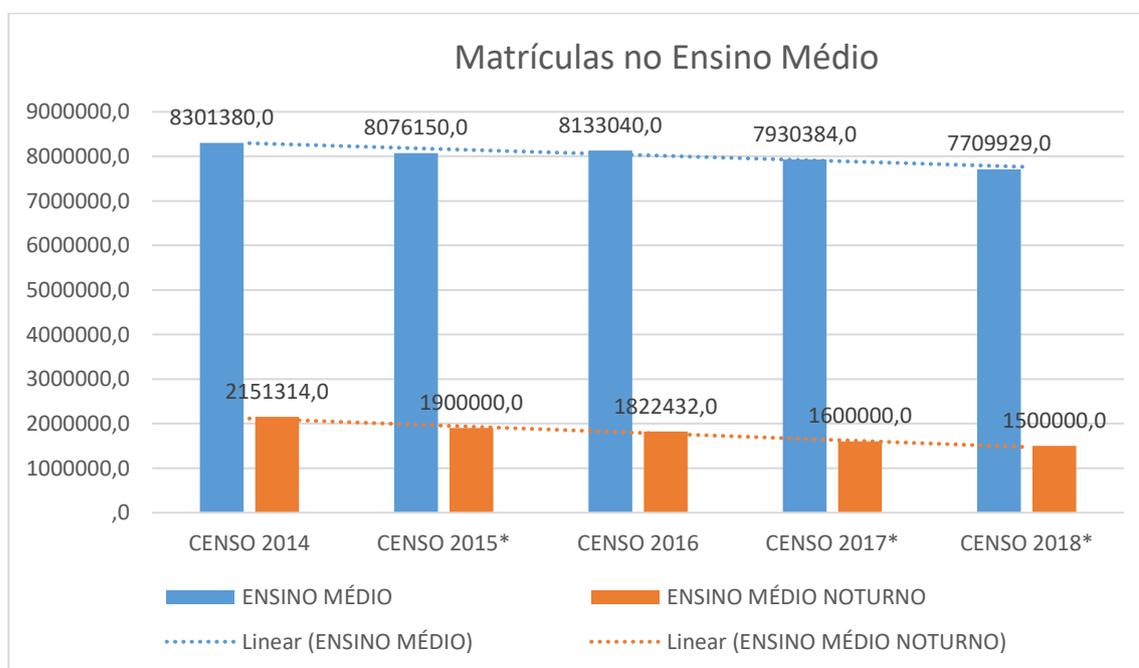
De acordo com Gonçalves, Passos e Passos (2005) o ensino médio noturno não deve ser oferecido de forma idêntica ao diurno, nem tão pouco se configurar como um simulacro. Para tal, professores e alunos deverão construir um aprendizado coletivo.

Deste modo, o público que está inserido no ensino médio noturno, cada um tem o seu motivo para estar cursando nesse horário. Podemos perceber que esses motivos devem ser observados com bons olhos para buscar estratégias positivas na construção de um ensino de qualidade, que algumas vezes se reduz a uma xerox do turno diurno, tornando, assim, um desrespeito a aprendizagem desses alunos.

Segundo Krawczyk (2011) o ensino médio noturno, na maioria das vezes, reduz-se a uma adaptação no planejamento dos professores, implicando menos atividades e conteúdo de ensino, além do funcionamento precário e parcial dos espaços escolares. Por outro lado, alguns professores procuram trabalhar da mesma forma nos diferentes turnos, argumentando que apresenta uma proposta específica para o ensino noturno ou adapta seu trabalho seria sinônimo de facilitar o ensino e deteriorá-lo

Quando falamos em acesso de estudantes no ensino médio noturno, podemos perceber que a taxa de matrículas nos últimos anos vêm decrescendo, como podemos observar no quadro abaixo. Tais dados foram coletados a partir dos dados do Censo Escolar de 2014 a 2018.

Quadro 05: Matrículas no Ensino Médio



Fonte: Elaborado pelo próprio autor, com base nos dados do Censo Escolar de 2014 a 2018.

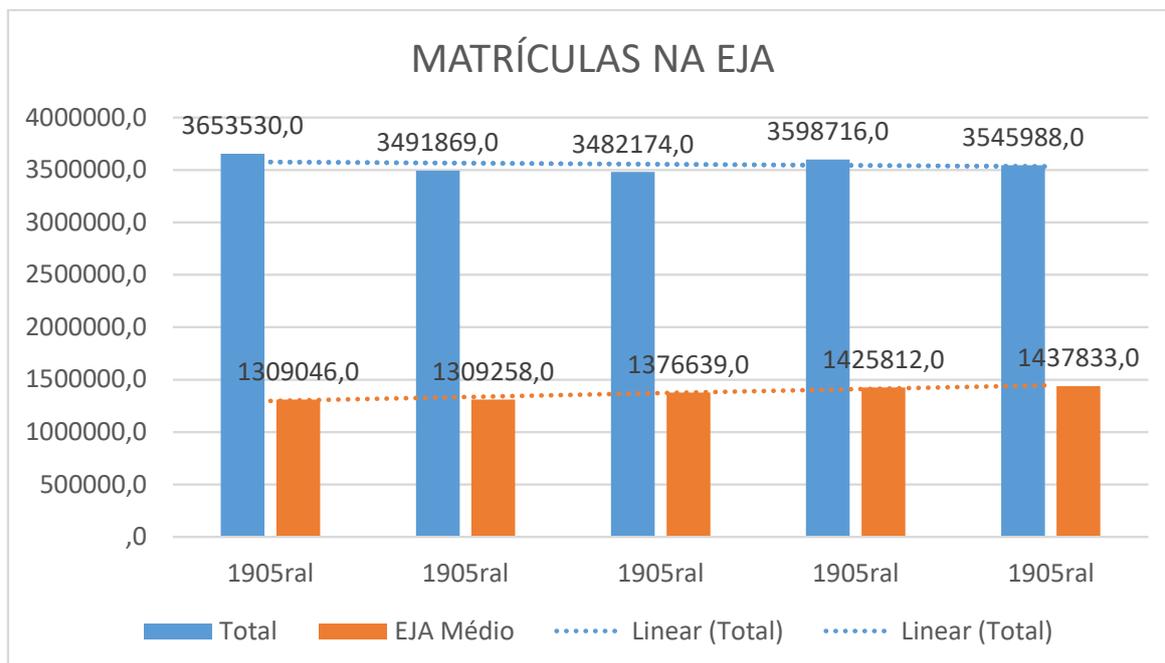
* correspondem a valores aproximadamente, como foi destacado no Censo escolar.

A partir dos resultados apresentados na tabela, constatamos uma queda nas matrículas no ensino médio brasileiro entre os anos de 2014 e 2018. Com isso, observa-se, também, que essa queda nas matrículas é visível no ensino médio noturno, pois houve uma perda de mais de 500 mil alunos em um período de cinco anos como mostra a tabela. Deste modo, alguns questionamentos leva a pensar nas possíveis quedas de matrículas do ensino médio no Brasil. Será a qualidade do ensino que está provocando essa queda nas matrículas? Será a necessidade de o aluno buscar um emprego para suplementar a renda familiar? Ou será que os educandos buscam outras formas de finalizar a educação básica, através de supletivos e EJA?

Segundo as análises do INEP (2019) o total de matrículas do ensino médio segue tendência de queda nos últimos anos, o que se deve tanto a redução da entrada proveniente do ensino fundamental, (a matrícula do 9º ano teve queda de 8,3% de 2014 a 2018), quanto a melhoria no fluxo no ensino médio, (a taxa de aprovação do ensino médio subiu 3,0 p.p. de 2013 a 2017). Nos últimos cinco anos o número total de matrículas do ensino médio reduziu 7,1%.

Depois da análise do INEP justificando a redução das matrículas no ensino médio, que se concentrou pelo baixo número de matrículas no ensino fundamental, podemos apresentar, também, uma possível justificativa, uma vez que as taxas de matrículas na EJA, a nível médio, passam de 1 milhão, ocasionado, assim, possíveis migrações do ensino médio noturno para a modalidade da EJA, a nível do ensino médio, pois o tempo para finalizar os estudos são de dois anos, oportunizando, assim, uma formação mais rápida. Apresentaremos no quadro abaixo as taxas de matrículas nos últimos anos na modalidade EJA, que possibilitou alunos, fora da faixa etária, a voltar aos estudos não concluídos em idade própria.

Quadro 06: Matrículas na EJA.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor, com base nos dados do Censo Escolar de 2014 a 2018.

A partir dos dados obtidos no Censo escolar referente a modalidade EJA, podemos observar que a taxa de matrículas no nível médio teve uma pequena evolução nos últimos cinco anos, oportunizando, assim, em seu ápice um acesso de 1,4 milhões de matrículas na EJA do ensino médio. Isso, possibilitou os alunos a concluírem o ensino médio mais rápido, comparado ao ensino médio noturno regular, cuja duração é de três anos.

Por outro lado, o INEP (2019) aponta que o número de matrículas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) diminuiu 1,5% no último ano, chegando a 3,5 milhões em 2018. Esse parece corresponder ao total de matrículas da EJA, somando o Ensino Fundamental e o Ensino Médio de sua modalidade.

Podemos observar que o governo oferece educação noturna aos jovens e adultos que não conseguiram terminar em idade própria. Entretanto a oferta desse ensino é feita a partir do ensino médio noturno regular, na modalidade Educação de Jovens e Adultos-EJA, supletivos, e até mesmo em cursos similares aos diurnos, o que acontece com a hora aula reduzida no turno noite. Em contrapartida, trabalhar o ensino médio noturno no Brasil, é proporcionar aos alunos um conhecimento delicado, uma vez que a grade curricular é muito parecida com a das escolas diurnas, mesmo quando a clientela é diferente, pois esta já chega esgotada por horas de trabalhos durante o dia, chegando à escola à noite para buscar o conhecimento que não conseguiu em idade própria.

De acordo com Krawczyk (2011) relata que o conhecimento também é identificado como o capital mais importante do trabalhador nas novas formas de produção. Assim, o discurso dominante – o político, o empresarial e o da mídia – reforça a ideia de que o ensino médio facilita a inserção no mercado de trabalho.

Quando observados esse discurso empresarial e o da mídia, ressaltando que ao finalizar o ensino médio o aluno terá a entrada facilitada no mercado de trabalho, podemos questionar essa afirmativa ao apresentar uma pesquisa do IBGE (2020) que diz que a taxa de desempregados entre jovens de 18 a 24 anos no Brasil atingiu 27,1% no primeiro trimestre de 2020. Essa pesquisa foi feita nas cinco regiões, com destaque para região nordeste, em que a estimativa foi de 34,1% de desempregados nessa faixa etária. Deste modo, não basta só finalizar o ensino médio para entrar no mercado de trabalho. É preciso, sim, que o Governo ofereça oportunidades de empregos para a sociedade, uma vez que a taxa de desempregados está cada vez mais alta.

Diante do questionamento acima, observamos que, ao finalizar a educação básica, é necessário a oportunidade de acesso ao trabalho. A universidade, após a conclusão do ensino médio, seria de suma importância para esses alunos, seja diurno ou noturno, pois sabemos que alguns necessitam desse trabalho para complementar a renda familiar e, se possível, buscar essa transição para o ensino superior, uma excelente conquista na vida dos estudantes.

Buscar um ensino médio de qualidade é fator essencial na progressão dos estudos. Por ser uma etapa da educação básica que provoca grandes desafios não só na vida dos alunos, mas também dos professores, grupos gestores, famílias e governos pensar sobre o papel que cada um exerce para a melhoria da qualidade do ensino médio, é realizar uma autorreflexão. Essa elevação do nível de qualidade passa pela busca de estratégias na melhoria do ensino médio e de investimentos na formação dos professores, na infraestrutura das escolas, para desse modo, possibilitar espaços agradáveis como bibliotecas, laboratórios ciência, salas de informática, quadras poliesportivas, fatores que contribuirão para a qualidade do ensino.

Não basta apenas levantar esses fatos para a construção de um ensino de qualidade para o ensino médio noturno. É necessário também compreender a realidade social dos alunos, ouvir suas opiniões sobre as realidades em que estão inseridos. Caso contrário, as atuações das práticas educativas limitam-se a um engano em que alunos e professores fingem trocar informações, estudos e afetos, cada um em seu espaço.

Gonsalves, Passos e Passos (2005) relatam em seus estudos que mapear esses elementos é extremamente importante para um contato inicial com essa realidade, entretanto

eles não dizem tudo. É preciso, sobretudo, aprender a ver essa realidade e, reconhecê-la como historicamente determinada, para tentar compreender o sentido que esta realidade social tem para os professores e alunos do noturno. Quais as condições difíceis que alunos e professores enfrentam em seu cotidiano? A que mecanismos recorrem para superar essas dificuldades?

Diante das dificuldades encontradas pelos alunos que frequentam o ensino médio noturno podemos destacar alguns pontos relevantes, como a carga horária de trabalho antes de chegar à escola, o próprio deslocamento que o aluno faz durante todo o dia e o cuidar da casa, ocasionando, assim, um cansaço que prejudica o seu desenvolvimento de aprendizagem. Por outro lado, podemos atrelar esses fatores citados acima, a alguns professores, que já chegam ao curso noturno depois de lecionar várias horas aulas durante o período diurno, resultando em um cansaço não só físico, mas também mental, pois está em contato com diferentes pensamentos, emoções e alegrias dentro de uma sala de aula, provocando desgastes muito além do físico.

Não estamos aqui para apontar erros ou para solucionar todos os desafios do ensino médio noturno, pois isso vai muito além de uma escrita científica. É um contexto que vai além das escolas, dos alunos, das comunidades e dos governos. São fatores que estão atrelados a outros que necessitam de olhares diferenciados, pois são de suma importância para o desenvolvimento positivo desse ambiente, chamado ensino noturno.

Por outro lado, estudos de Gonsalves, Passos e Passos (2005) relatam que a escola deve dispor da autonomia garantida por dispositivos legais para se adequar ao seu público e que a comunidade escolar, com acompanhamento pedagógico, decida sobre a reestruturação curricular possível e viável, fazendo com que os alunos cumpram os componentes da base nacional com tempo diferente e um tratamento adequado, possibilitando não apenas um certificado, mas a apreensão do conhecimento. Esta fórmula não está pronta, ela precisa ser construída pela comunidade escolar.

O aluno que trabalha durante o dia e chega à escola à noite para buscar esse conhecimento, que infelizmente não foi recebido em idade própria, ocasionado por alguns motivos, uma ação que precisa ser louvada, pois mesmo com todas as dificuldades, eles estão buscando recuperar esse tempo perdido, seja para ter uma conclusão do ensino básico, seja porque a empresa esteja exigindo, ou até mesmo por querer conquistar desafios maiores como o acesso à universidade.

Buscar estratégias para o desenvolvimento ideal do ensino médio noturno, é uma questão difícil, pois percebemos que até as leis que regem o ensino diurno e noturno, são muito homogêneas, oportunizando, assim, um descomprometimento com as especificidades dos

alunos, principalmente a clientela noturna. Deste modo, elaborar questionamentos sobre as leis do ensino, pode ser um ponto de partida para um avanço no ensino noturno no Brasil.

Outro ponto que levantamos no decorrer do texto, foi com relação ao professor que leciona no ensino noturno. Muitos deles chegam à escola depois de passar por dois turnos de trabalho, ocasionado, assim, um desgaste não apenas físico, mas também mental, pois planejar aulas e lecioná-las precisa de tempo para ser desenvolvidas de forma satisfatórias. Desta maneira, buscar entender esse professor é um ponto positivo para a aprendizagem. Tentar olhar outras possibilidades na carga horária do mestre, para que seja lotado não em três turnos, mas em dois por exemplo, possibilitaria um menor desgaste para esse professor, assim como diminuir sua rotatividade nas escolas. Sabemos que muitos educadores trabalham em várias escolas, provocando, assim, um grande físico.

Por fim, não podemos enxergar o ensino médio noturno como uma etapa ruim da educação básica, mas sim possibilidades de conquistas, seja para os alunos, seja para os professores, pois sabemos que essa clientela que está inserida no ensino noturno necessita de um olhar diferenciado. Ela passa por grandes dificuldades buscando recuperar o ensino que foi deixado no passado, pois nunca é tarde para voltar aos estudos. Acreditamos que rever as legislações sobre o ensino diurno e noturno é uma possibilidade para a melhoria do ensino. Capacitar os professores que estão trabalhando com esse público é muito relevante. É importante rever os currículos de ensino entre os turnos, pois sabemos que cada turno tem suas especificidades e o que podemos observar principalmente no ensino noturno, uma vez que são alunos fora da faixa etária, trabalhadores e donas de casas.

No próximo capítulo, iremos abordar os caminhos metodológicos para melhor desenvolvimento da pesquisa. Destacamos o tipo de estudo, quais métodos foram utilizados e os autores que serviram de base teórica. Destacamos também o local da pesquisa e o público que colaborou para a realização da pesquisa.

6 RESULTADOS: INICIANDO E DETALHANDO O DIAGNÓSTICO DOS ESTUDANTES.

Neste capítulo apresentaremos os resultados obtidos a partir da análise que foi desenvolvida ao longo do estudo. O capítulo está organizado em três partes, a primeira é conhecer os estudantes (se trabalha, em que trabalha, entender um pouco da sua rotina), a segunda parte se refere o que eles/elas entendem por Esporte, qual sua importância, quais Esportes eles/elas já praticaram, conhecer as vivências dos estudantes e a terceira e última ouvir as sugestões dos estudantes de como melhorar as aulas quando se refere ao Esporte, seja propondo algo ou dialogando com a turma.

Para realizar este processo, foi necessário uma ajuda coletiva entre pesquisador, professor/a, coordenação da escola e, principalmente os estudantes, visto que o atual momento pandêmico impossibilitou ter um contato físico entre os participantes e, por isso, a pesquisa foi realizada toda virtualmente, através de contatos via *WhatsApp* e, posteriormente, via formulário *Google Forms*.

O formulário foi disponibilizado para os estudantes do 1º ano, 2º ano e 3º do ensino médio noturno no período de 02 de junho de 2021 a 05 de julho de 2021. Este tempo de 33 dias para coleta de dados foi importante, pois no primeiro momento tivemos pouco retorno dos estudantes, logo, foi necessário estender o prazo e pedir a colaboração deles através dos grupos de *WhatsApp*.

A partir das respostas do questionário, observamos estudantes de 15 a 29 anos, essa idade mais elevada é esperada no Ensino Médio noturno, pois alguns já estão fora da faixa etária. Quanto ao gênero dos participantes de acordo com o questionário são: feminino dez (10) (55,6%) e masculino oito (08) (44,4%). Porém buscam essa continuidade dos estudos deixado em um passado não muito distante.

Quadro 07: idade dos estudantes.

15 a 20 anos	17
21 a 25 anos	0
26 a 30 anos	1
Total	18

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

No entanto, esses estudantes com idade fora de faixa, antes de chegar à escola, enfrentam outros deveres como constatamos no questionário. Ao analisar as 18 respostas que obtivemos, 12 estudantes (66,7%) trabalham antes de chegar à escolar e 6 (33,3) não trabalham. Assim, criamos um quadro com as respectivas ocupações de trabalho dos estudantes.

Quadro 08: Ocupação dos estudantes.

Confecção (costureiro/a)	4
Dono/a do lar	3
Auxiliar de produção	2
Ajuda a família em casa	2
Babá	1
Total	12

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Para dialogar com esses dados foi necessário entender todas as problemáticas que envolvem (escola, bairro, indústria) a relação dos estudantes, visto que o pesquisador conhece um pouco desta realidade, pois reside no município. Diante disso, observamos quatro (04) estudantes trabalhando como costureiro/a, isso porque o bairro onde se localizada a escola tem uma grande concentração de confecções. Outro quantitativo que aparece é o/a dono/a do lar, um trabalho que merece destaque também, pois cuidar dos afazeres domésticos e, posteriormente, irem a escola, é fruto de muita dedicação.

Ademais, outras duas ocupações como auxiliar de produção e babá surgem como formas distintas, porém são trabalhos que demandam atenção, cuidado e compromisso com os afazeres. Deixei para comentar esse achado por último “Ajuda a família em casa” com duas respostas. A partir das observações do questionário essas duas respostas são de dois estudantes, um de 15 anos e outro com 16 anos, observe que eles/elas estão na faixa etária do ensino médio, mas optaram pela matrícula do período noturno, esse fato é interessante, pois constatamos que estudantes que poderiam está estudando no período diurno, não o tem condição de fazê-lo, pois precisam estar em casa neste horário para ajudar nas tarefas domésticas e, conseqüentemente, ocupam esse tempo com atividades não escolares.

Os estudantes que participaram desta pesquisa, muitos deles/delas residem nas adjacências da escola, porém a outra parte dos estudantes pega ônibus para chegare à instituição, pois ela é localizada em um bairro distante do centro do município. Entretanto, esta escola é a única do município que oferta o ensino médio noturno regular, por isso temos uma demanda maior para a instituição. Esse ônibus que é oferecido aos estudantes, é totalmente gratuito, e passam por vários bairros, comunidades, zonas rurais pegando os estudantes. Podemos observar que alguns estudantes têm seu dia a dia muito corrido, por exemplo: acordam cedo (para fazer almoço da família e levar também para o trabalho, pois algumas confecções não ofertam comida), vão pegar transportes (bicicleta, moto, carro, ônibus) para chegar aos trabalhos e,

voltando para casa ao final da tarde depois de um dia puxado de trabalho, eles ainda têm força de vontade, determinação, objetivos, sonhos para enfrentar o terceiro turno de trabalho, porém dessa vez é na escola.

Dando continuidade ao diagnóstico, dialogaremos a partir da pergunta “o que significa Esporte para você?” a qual foi disponibilizado no questionário e obtivemos 18 respostas. A partir dos posicionamentos dos estudantes, podemos observar um vasto campo de significado para o Esporte, como nas falas dos/as entrevistados/as:

“E1 – Entretenimento, bem-estar físico.

E2 – Liberdade, compromisso e socialização.

E3 - Esporte para mim significa, saúde e diversão.

E4 - Desenvolvimento físico e saúde.

E5 –Melhoria na qualidade de vida.”

Quando pedimos para os estudantes descreverem sobre o que significa Esporte, não esperava um quantitativo alto de respostas relacionado a saúde, pois o Esporte vai além do fator saúde, ele transita na área social, cultural, educacional, dentre outros. Diante disso, percebe-se que o Esporte ainda é visto pelos estudantes como uma atividade que contribui para a promoção da saúde e do bem-estar físico, porém é muito mais do que isso.

Para buscar entender melhor o significado do Esporte, o autor Tubino (1999) diz que para compreender que o esporte é uma atividade ampla, visto que integra diversas áreas importantes para a humanidade, como saúde, educação, turismo, entre outros. É importante ressaltar também o papel social que o esporte desempenha na vida da humanidade.

Analisar à compreensão de Esportes dos estudantes, notamos uma visão reducionista a partir da saúde, mas essa constatação é concreta nas respostas que obtivemos. Diante disso, o que faz os estudantes descreverem esses significados do Esporte? Será a visão geral que eles/elas têm do Esporte? Será que foram os ensinamentos dos/as professores/as ou das grandes mídias que atrelam o Esporte diretamente com a saúde?

Autor e pesquisador desta área, Tubino (2010) solicita que a definição do Esporte na Escola seja levado em consideração não como uma classe de modalidades esportivas, mas o fato de toda atuação escolar implicar comprometimento inicial com a Educação, baseada em princípios pedagógicos.

Para Bracht (2000) o esporte na escola, ou seja, o esporte enquanto movimentação escolar só tem sentido se for introduzido ao PPP da instituição. Dessa forma, é necessário explorar o quadro dos princípios pedagógicos e fazer opções. É necessário examinar o tipo de

educação possível a partir de cada uma das manifestações do esporte, integrando estas análises discursivas e, praticamente, na concepção pedagógica.

Segundo Barroso e Darido (2006) “Acreditamos que o Esporte deva estar presente na Educação Física escolar, pois este fenômeno está culturalmente enraizado em nossa sociedade, portanto, necessita de uma atenção especial para que possamos oferecer aos alunos condições de entendê-lo e refletir sobre suas variadas possibilidades, pois da mesma forma que os acontecimentos da sociedade exercem influência na escola, reciprocamente a escola também possui a propriedade de intervir nesta sociedade (pág, 103).”

O Esporte como relevância social e patrimônio da humanidade tem influenciado diretamente nas aulas de Educação Física, porém essa influência parte muita das vezes pela necessidade dos/as professores/as buscarem práticas significativa para os estudantes. Diante disso, será que essa influência nas práticas chegam da mesma qualidade para todas as turmas? E para todos os turnos? Caminhando sobre essas perguntas, nos faz refletir um pouco a partir das nossas ações pedagógicas.

Quando pegamos o objeto de conhecimento Esporte é visível a predominância dele nas aulas, talvez o receio de mudar aconteça pela insegurança dos educandos em relação a conteúdos que não inspiram, e desta forma trabalham com o que possuem mais atração. Com isso, acredita que a escola não possui nem espaço adequado. Nem material apropriado, ou ainda por acharem que os estudantes não gostariam de vivenciar outras sugestões de ensinios (BETTI, 1999).

Trazendo esse contexto para o ensino médio noturno, pensar de qual forma trabalhar o objeto de conhecimento Esporte com os estudantes, é buscar entender como a clientela vê, com isso, a unidade proposta aqui parte do princípio ouvir melhor os estudantes e extrair informações que ajudem no processo de elaboração da unidade didática.

Prosseguindo com o diagnóstico, foi realizada a seguinte pergunta “Você já vivenciou o conteúdo de Esportes nas aulas de Educação Física no Ensino Médio noturno?”, tivemos como resposta 12 (66,7%) estudantes que já vivenciaram e 6 (33,3%) estudantes não vivenciaram. Posteriormente, foi solicitado na questão seguinte que eles relatassem o que foi ensinado sobre o objeto de conhecimento Esporte. A partir dessas justificativas, vamos compreender melhor o que esses estudantes trazem de conhecimentos.

Para isso, é necessário compreender o que são objetos de conhecimentos de modo geral e quais suas contribuições para os estudantes. Zabala (1998) define conteúdos como tudo aquilo que se deve aprender para alcançar determinados objetivos, portanto, serão conteúdos

todos aqueles que possibilitem o desenvolvimento das capacidades motoras, afetivas, culturais, de relação interpessoal, de inserção social.

Desta forma o objeto de conhecimento são: “[...] conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos em sua vida diária, LIBÂNEO pág, 128. 1994)”.

Com isso, destacamos alguns trechos do questionário sobre as vivências dos estudantes com relação ao conteúdo Esporte no Ensino Médio noturno.

“E10 - Esportes suas organizações, como jogar, nomes de pessoas que fizeram história no esporte a importância do esporte para pessoas e para o Brasil, e esporte no cenário atual.

E11 - Sobre a importância do esporte na saúde física e mental, trabalhar em equipe.

E8 - Jogar bola.

E7 - Futsal carimba teoria sobre os esportes e etc.”

Analisando as descrições dos estudantes, inferimos que estes conhecimentos relatados podem abranger perspectivas diversas, como observamos na resposta do E10, onde mostra uma visão mais ampla no conteúdo, bem detalhado. Por outro lado, na resposta do E8, manifesta uma perspectiva de um desinvestimento pedagógico, na qual prejudicando a aprendizagem dos estudantes.

Bracht Et. al (2010) denomina o estado de desinvestimento pedagógico como aquele cuja prática recebe denominações como rola bola e/ou como pedagogia da sombra. Geralmente, ele se encontra em estados nos quais não apresenta grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade.

Esse conhecimento de “jogar bola” que o estudante relatou, faz pensar que o conteúdo repassado foi apenas um faz de conta, um descomprometimento pedagógico, uma aula que está no diário, mas não se aplicou na realidade dos estudantes. É importante frisar que este diagnóstico ajudará a ter subsídios para poder interpretar melhor as respostas dos estudantes. Por isso, essa avaliação diagnóstica é essencial para o desenvolvimento da pesquisa. O pesquisador Luckesi diz o seguinte:

(...) avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito dele, para aceitá-lo ou para transformá-lo. A avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão (LUCKESI, 2002, p. 33).

Por isso, a relevância de buscar esta avaliação com os estudantes, tentar extrair o máximo de informações sobre suas realidades a partir do objeto de conhecimento do Esporte, pois é o foco neste momento. No entanto, percebe-se em algumas respostas dos estudantes, respostas vagas, com poucas substâncias em seus relatos, por isso, fazemos filtragens nas respostas, para tentar compreender da melhor forma.

Na pergunta seguinte do questionário, foi solicitado aos estudantes quais modalidades foram vivenciadas no Ensino Médio. Na hora de marcarem, poderiam citar mais de uma modalidade, logo obtivemos as seguintes respostas.

Quadro 09: Modalidades vivenciadas pelos estudantes.

Futebol	10
Vôlei	8
Handebol	5
Futsal	5
Carimba	5
Basquete	3

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Analisando o quadro, a predominância dos esportes coletivos, onde não é surpresa na disciplina de Educação Física a hegemonia dessas práticas. Pensar em uma Educação Física que vá além dessas atividades é pensar no desenvolvimento pedagógico e de como será realizado o conteúdo, pois o Esporte é um grande aliado da disciplina, o que atrapalha muitas das vezes é como ele é desenvolvido nas aulas.

Neste momento do questionário os estudantes poderiam marcar mais de uma opção, por isso conseguimos destacar esse quantitativo de práticas no conteúdo de Esportes. Analisando e organizando o quadro, verificamos a predominância da prática do “quarteto fantástico” a partir das respostas dos estudantes. No entanto, buscar a integração de outros Esportes são fundamentais para o desenvolvimento dos estudantes, e não ficar apenas no Futsal, Vôlei, Handebol e Basquete.

Segundo RITA (2006) ao abordar a hegemonia do Esporte na Educação Física, podemos analisar historicamente, uma consolidação do Esporte desde o final do século XIX e início do século XX, data de sua inserção na escola, ganha relevância na década de 70, com grande influência do regime militar e o movimento do Esporte na escola, na qual buscavam encontrar talentos esportivos. Betti (1999) ressalta que o Esporte já estava introduzido nas

escolas brasileiras desde o final do século XIX e início do século XX, adquirindo um caráter hegemônico e consolidando-se na Educação Física.

Pensar na abrangência dos conteúdos é possibilitar aos estudantes um mundo novo, através de experiências, diálogos, desenvolver uma visão crítica quando analisar alguma prática. Por isso, o Esporte como conteúdo, pode enaltecer na contribuição da vida dos estudantes, porém, precisamos dialogar mais com a realidade social e entender o que se passa com os estudantes para potencializar a aprendizagem a partir dos conteúdos, na qual estamos investigando o Esporte e sua realidade para os estudantes colaboradores da pesquisa.

Quando pensamos em participações com relação às aulas, é pensar como isso vai contribuir em suas experiências. No entanto, lembrar sobre suas participações nas aulas de Educação Física é voltar um pouco no passado e pensar como era sua frequência. Sempre foi participativo ou sua frequência pouco acontecia nas aulas? Pois isso é o ponto de partida da pergunta que foi disponibilizada aos estudantes “Você participa das aulas quando o conteúdo é o Esporte?”. A partir desta pergunta, observamos as seguintes distribuições, como mostra o quadro:

Quadro 10: Participação nas aulas.

Poucas vezes	6 (33,3%)
Às vezes	6 (33,3%)
Sempre	6 (33,3%)
Nunca	0 (0%)

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Analisando as distribuições, constatamos que 2/3 das respostas dos estudantes mostram uma participação em “poucas vezes” e “às vezes” quando são relacionados aos conteúdos de Esportes, e apenas 1/3 com “sempre”. Diante disso, visualizamos que a participação dos estudantes é uma variável, porém o que pode ocasionar esses dados? Será a forma de como está sendo ministrado as aulas? As práticas escolhidas relacionam-se com as realidades dos estudantes? Limitações físicas, estruturas e materiais podem ser motivos? Pensar nestas possibilidades ou outras são fatores importantes para uma participação dos estudantes.

Darido (2004) afirma que nas aulas de Educação Física apenas uma parcela dos alunos, em geral os mais habilidosos, estão efetivamente engajados nas atividades propostas pelos professores. Esses, por seu lado, ainda influenciados pela perspectiva esportista, continuam a valorizar apenas os alunos que apresentam maior nível de habilidade, o que acaba afastando os que mais necessitam de estímulos para a atividade física.

A autora realça que essa parcela dos estudantes com maior frequência nas aulas é fruto dos mais habilidosos, e a outra parte é prejudicada na aprendizagem por não ter essa “habilidade” requerida na prática. Diante disso, o professor tem que buscar a inclusão de todos nas atividades, mesmo com as dificuldades presentes, poder contemplar o maior número de estudantes nas aulas é valioso, e usar o conteúdo de Esporte como forma de inclusão, desenvolvimento crítico, social e integral.

Segundo Fernandes e Ehrenberg (2012) os conteúdos que mais geram atração nas aulas de Educação Física pelos estudantes do ensino médio são os Esportes. Porém, essa atração para com os esportes por parte dos estudantes deve ser estudada com extremo cuidado pelo professor, pois eles garantem que se sentem mais entusiasmados quando os professores diversificam as aulas, levando outros conteúdos.

A autora Martinelli et al. (2006) ressalta que o professor também atribui grande importância para essa desestimulação dos estudantes, pois a metodologia utilizada para desenvolvimento das aulas, o convívio estudante-professor, o conteúdo por ele apresentado, entre outros fatores, também influenciam na participação ou não nas aulas de Educação Física Escolar.

É importante buscar entender estes fatores, para que não sejam causas de baixas frequências nas aulas. Diante disso, realizar um diagnóstico da turma, ouvir a opinião dos estudantes são elementos essenciais para elevar a aprendizagem, pois o ensino tem que ser recíproco.

Prosseguindo com o diagnóstico dos estudantes, foi perguntado se “Escola disponibiliza locais para as aulas de Educação Física?” e todos os estudantes responderam “sim”, relatando ter uma quadra poliesportiva na Escola. É valioso saber essa informação, pois ter uma infraestrutura adequada na escola, possibilita um engajamento de todos, no entanto, esse local disponibilizado pode e deve ir além de uma quadra poliesportivas, mas essas infraestruturas nas Escolas públicas ainda sofrem desigualdades. Como mostra a quadro abaixo:

Quadro 11: Locais disponibilizados nas Escolas.

Locais	Estadual	Municipal
Quadra de esportes (coberta ou descoberta)	66,7%	31,4%
Biblioteca ou sala de leitura	81,4%	41,4%
Pátio (coberto ou descoberto)	73,1%	64,7%
Laboratório de ciências	26,2%	3,6%

Fonte: dados do Censo Escolar 2019: elaborado pelos próprios autores.

Analisando o quadro, constatamos a desigualdade e a falta de infraestrutura em locais que deveriam estar em ascensão no ambiente escolar. Mostra que 66,7% das escolas públicas Estaduais e 31,4% nas municipais têm quadra, porém colocam em evidências “coberto ou descoberto”. Vamos refletir a nossa realidade do Estado Ceará, onde temos sol quase o ano inteiro e pensar nesta grande exposição dos estudantes e professores/as nessas quadras descobertas, chega a ser desumano.

A infraestrutura assegura o procedimento adequado da escola e, ao mesmo tempo, embala a aprendizagem e a atuação do estudante. Um estudante usufruindo de uma escola com infraestrutura adequada (SOARES NETO et al., 2013) terá suas vivências estimuladas por um conjunto de oportunidades, incluindo a existências de materiais e equipamentos, que não poderão ser praticadas em outra instituição sem tais contextos.

Oportunizar boa infraestrutura em nossas Escolas, é pensar no desenvolvimento dos estudantes, professores/as, gestão escolar e também da comunidade, pois o ensino se constrói com bons investimentos e participação de toda sociedade, na qual todos sairiam ganhando com Escolas bem estruturadas.

Retornando os achados dos questionários, foi indagado aos estudantes a seguinte pergunta “O que você gostaria de aprender sobre o conteúdo Esporte nas aulas de Educação Física?”. Podemos observar as seguintes respostas dos estudantes, como destacamos logo abaixo:

“E5 - Gostaria de saber regras e a história do esporte.

E13 - Eu gostaria de aprender como foi criado, como foi desenvolvido desde de quando foi criado.

E15 - Para que serve cada esporte e se todo mundo pode praticar e como se deve praticar.

E17 - Sobre os benefícios de cada esporte pra saúde.”

Compreender os anseios dos estudantes, são fatores importantes para buscar um planejamento de ensino de qualidade, e quando você traz os estudantes para esse planejamento e eles são ouvidos, temos uma maior chance de ter êxito no processo, pois esse diálogo possibilita melhores achados, poder ouvir e potencializar a voz dos estudantes nesta construção coletiva dos conteúdos. Diante disso, potencializar vivências educativas traçadas em princípios democráticos, já que todos os indivíduos que participam do processo educativo se envolvem

verdadeiramente com as escolhas executadas nos projetos que elaboram (FALKEMBACH, 2008)

Souza e Freire (2008) evidenciaram que colocar os estudantes como protagonistas do desenvolvimento de ensino e aprendizagem foi muito efetivo, pois observa-se a atuação dos estudantes em muitos momentos, apesar de que elas e eles tenham demonstrado resistência pela proposta em alguns cenários de ensino.

Ouvir os estudantes, é pensar melhor na construção de um ensino de qualidade, independente de qual turno, turma, ou outros fatores. O/A professor/a necessita deste processo para desenvolver ações que busquem interações entre ambos, e assim este protagonismo na construção dos conteúdos, não fique apenas com o professor/a, mas entre estudante e professor/a, uma via de mão dupla, em que todos e todas devem se ajudarem.

Seguindo com este diálogo, mesmo de forma virtual com os estudantes, e utilizando o questionário para obter respostas, foi perguntado “Para você qual o aprendizado mais importante relacionado ao conteúdo Esporte?”. Sendo assim, tentar absorver os mínimos detalhes dos estudantes através das respostas, possibilitará achados importantíssimos que vão contribuir para pesquisa. O quadro abaixo, faz a distribuição em ordem decrescente com relação a importância das aprendizagens do conteúdo Esporte, segundo os estudantes.

Quadro 12: Aprendizagem mais importantes relacionada ao esporte.

Convivência com os colegas	10 (58,8%)
Regras	7 (41,2%)
História do esporte	5 (29,4%)
Fundamentos técnicos	4 (23,5%)
Aspectos táticos	1 (5,9%)

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Refletir sobre esses dados é poder abrir um leque de possibilidades dentro de um planejamento, pois ouvir os desejos dos estudantes é uma estratégia positiva para buscar uma aprendizagem coletiva e, assim, proporcionará um engajamento de ambas as partes. Diante disso, podemos constatar a partir das respostas que os estudantes, relacionam a “convivência com os colegas” como fator principal na aprendizagem quando se trabalha o conteúdo de Esporte, na qual este conteúdo tem essa possibilidade como desenvolvimento de ensino, mas é necessário buscar, e não ficar apenas nas práticas técnicas-táticos do Esporte, pois o mesmo pode contemplar uma visão mais ampla, seja na socialização, respeitar as diferenças e as

limitações dos estudantes, o trabalho em equipe no contexto social, pessoal e profissional, visto que estes estudantes, são alunos do Ensino Médio noturno e muitos já trabalham antes de chegar à escola e poder buscar uma aprendizagem a partir das convivências entre colegas, poderá ajudar também fora do contexto escolar, onde eles/elas passam maior parte do seu tempo.

A partir das relevâncias citadas pelos estudantes na ordem de importâncias com relação a aprendizagem do Esporte, podemos observar as distribuições das dimensões de conteúdos conceitual, procedimental e atitudinal feita pelos estudantes, mesmo sem eles/elas saberem, e mostra que a dimensão procedimental não é o mais evidenciado pelos estudantes, como em muitas das vezes se tem a cultura da dimensão procedimental.

Em um estudo feito por Darido (2005) a autora ressalta que a Educação Física ao longo de sua trajetória, priorizou os conteúdos numa dimensão quase que exclusivamente procedimental, o saber fazer e não o saber sobre a cultura corporal ou como se deve ser. Diante disso, é de relevância passar pelas dimensões ao longo do ensino, e não privilegiar A ou B. Vejamos as distribuições de acordo com as dimensões:

- Dimensão atitudinal: convivência com os colegas (10)
- Dimensão conceitual: regras (7), história do Esporte (5)
- Dimensão procedimental: fundamentos técnicos (4) e aspectos táticos (1)

No entanto, notamos que a opinião dos estudantes com relação as importâncias das aprendizagens dos Esportes, reflete nas dimensões atitudinais e conceituais, deixando o procedimental um pouco fora da curva, e mostrando que não se deve tentar trabalhar exclusivamente na dimensão procedimental, e sim contemplar todas da melhor forma para buscar um ensino de qualidade.

O conteúdo de Esportes na Educação Física é composto por uma ampla diversidade de modalidades, sejam elas coletivas ou individuais. Com isso, será que essas diversidades de práticas condizem com uma participação efetiva dos estudantes nas aulas? Para isso, foi perguntado no questionário se “Você tem dificuldades de participação nas aulas de Educação Física quando o conteúdo é o Esporte?”. A partir das opções que foram colocadas como possíveis respostas dos estudantes, eles fizeram suas marcações no questionário, na qual conseguimos criar um quadro que abrange as respostas. Segue logo abaixo:

Quadro 13: Dificuldades na participação das aulas.

Às vezes	11 (61,1%)
----------	------------

Nunca	6 (33,3%)
Sempre	1 (5,6%)

Fonte: elaborado pelos próprios autores.

Nota-se que 11 (61,1%) estudantes relataram que “às vezes” tem alguma dificuldade em participar das aulas quando o conteúdo é Esporte. Pensar neste dado é pensar como tentar resolver o mesmo, pois mais de 65% dos estudantes entrevistados sofrem com alguma dificuldade e tentar entender é muito importante para o processo de ensino e aprendizagem. Poderíamos criar algumas hipóteses aqui, como por exemplo: a falta de planejamento ou comprometimento de uma aula diversificada? A repetição de uma prática que vem desde o ensino fundamental, na qual não se tem uma evolução na aprendizagem? O estudante não gosta da prática ou não se identifica com a filosofia de ensino do/a professor/a? Pensar nestas hipóteses é criar instrumentos para buscar soluções futuras.

No estudo de Betti e Zuliani (2002), os autores apontam que as práticas desenvolvidas na Educação Física no Ensino Médio devem atender às necessidades dos estudantes, e não aprofundar ou apenas reproduzir os conteúdos trabalhados ao longo o Ensino Fundamental e tentar buscar uma progressão com os ensinamentos.

Em estudos dos autores Pereira e Moreira (2005) ressaltam que os/as professores/as busquem um planejamento que atenda os anseios dos estudantes, e estejam associados as suas realidades locais e sociais.

O professor deve ser responsável pela elaboração de um planejamento dinâmico, que atenda às necessidades e interesses dos alunos, aliando os conteúdos da cultura local às novas tendências da atividade física, sem adotar modismos (PEREIRA e MOREIRA, 2005, p.122 apud, BRASIL 2004.)

Para aprofundar o diálogo, solicitamos a seguinte pergunta aos estudantes “Apontar quais as dificuldades com relação a sua participação nas aulas de educação Física com o conteúdo esporte?”. Com isso, conseguimos destacar algumas respostas, para interagir com o debate que vem sendo desenvolvido.

“E14 - Expressar opinião pessoal, e as vezes que o ensino não é de forma criativa ou não é feito um esquema fácil de aprendizagem.

E16 - Eu não sei jogar futebol, então me impossibilita de fazer algumas aulas.

E17 - Às vezes eu não gostava do esporte que tinha que praticar.

E18 - Alguns esportes não me interessa.”

As falas destes estudantes nos faz refletir sobre possíveis impasses para participação mais assídua nas aulas quando o conteúdo de Esportes é desenvolvido. Com isso, ao destacar esses relatos, inferimos uma possível falta de um planejamento que possa ampliar novas

oportunidades aos estudantes, na qual diversificar as práticas poderia ser uma possível saída, ouvir o *feedback* dos estudantes (o que acharam da aula? Poderíamos utilizar outras modalidades? Deem sugestões?) para contribuir em aulas futuras, e dentre outras.

Para isso, necessita-se um planejamento curricular que dialogue com as compreensões dos estudantes e seus saberes escolares. Ademais, investigar como essas práticas podem contribuir na participação dos estudantes, e por que a atividade A têm significados diferentes para os estudantes? Estaria ocasionando um afastamento entre as perspectivas dos estudantes com relação as atividades propostas pela disciplina de Educação Física escolar? Compreender o outro lado (estudante), é fator determinante no processo educacional, pois uma atividade realizada, podem ter significados diferentes, estamos trabalhando com pessoas, e não com máquinas, existem emoções, visões diferentes, raciocínios diferentes, prazeres diferentes, na qual o/a professor/a precisa ter essa compreensão mais ampla, e conseqüentemente ser flexível em alguns pontos para entender os estudantes.

“Ou seja, não basta dizer que é preciso dar voz aos alunos, é preciso propor uma interlocução, que dizer " interrupção de um discurso provocada pelo falar de novo interlocutor" (HOUAISS, 2001). É preciso que os pesquisadores e professores interrompam momentaneamente suas crenças, expectativas e pré-conceitos para ouvir, de fato, os alunos. (BETTI e USHINOHAMA 2014, pág. 04)”

Quando os autores relatam que é necessário dar voz aos estudantes, ouvir seus discursos e seus desejos, quais de nós professores/as realizam essas atividades? Até que ponto consideramos relevante refletir sobre nossas próprias ações pedagógicas como professores/as? Explorar novos desafios no ambiente escolar não é fácil, porém você sair de sua zona de conforto é desafiar o novo e, conseqüentemente, superar seus anseios na busca de ser um profissional melhor a cada dia. Diante disso, alguns professores precisam sair de suas bolhas, onde eles/elas não são o objetivo principal da aula, é necessário dar voz aos estudantes para uma construção coletiva do ensino. No entanto, é necessário que os/as professores/as possam potencializar essas vozes e levar em conta para a organização das práticas pedagógicas sistematizadas.

Finalizando com o questionário, a última pergunta feita para os estudantes foi “Você poderia apontar algumas sugestões para melhorar as aulas de Educação Física escolar quando o conteúdo é o Esporte?”, refletir sobre esta indagação é pensar em um possível avanço dentro da elaboração dos conteúdos. Sendo assim, vamos transitar sobre esta pergunta e as respostas que obtivemos pelos estudantes para buscar possíveis soluções ou até mesmo sair com mais inquietações sobre este fato.

A pergunta destacada nos faz refletir sobre uma avaliação direcionada ao/a professor/a, pois sabemos que muitas das vezes a avaliação é focada para os estudantes, mas quem de nós realiza essa avaliação “invertida”? Pedir aos estudantes para dar sugestões para a melhoria do ensino é expor os desejos que muitas das vezes ficaram presos por falta de uma iniciativa do professor, onde não davam espaços aos estudantes. Sendo assim, conseguimos destacar algumas sugestões para melhoraria do conteúdo de Esporte na Educação Física.

“E8 - Dinâmicas, criatividade ao repassar o conteúdo para prender a atenção, até para pessoas um pouco déficit de atenção... Também no cenário atual, uma dinâmica de vídeo de alunos e expressos de ideias dos alunos que gostariam de se expressar através de algo relacionando ao esporte.

E10 - Ser mais divertido, pois não é toda garota que gosta e na maioria das vezes os esportes focam mais nos garotos.

E12 - Deixar espaço para que outros alunos possam aprender, dar mais oportunidades para aqueles querem fazer aquele esporte, mas não tem a oportunidade e incentivar mais os alunos a praticarem esportes.

E13 - É o professor tem que elaborar mais atividades de jogos e que participar todos os alunos não só a metade.”

A partir destas respostas dos estudantes, constatamos três pontos que merecem destaque: participação das meninas nas aulas, na qual relatam que alguns Esportes focam mais nos meninos; elaboração de um melhor planejamento, pois os estudantes citaram a forma como são realizadas as atividades; e por último, a realidade que todos estão vivendo neste momento pandêmico, na qual é preciso se reinventar para enfrentar as adversidades.

No primeiro ponto relata a participação reduzida das meninas na prática dos Esportes, na qual expõem um direcionamento das atividades para os meninos. No entanto, o que esse dado pode influenciar diretamente na aprendizagem e por que ainda se tem essa visão de um conteúdo voltado mais para um público do que o para outro? Onde deveria ser desenvolvido de forma igualitária, sem distinções.

De acordo com Altmann (1998) nas aulas de Educação Física a exclusão das meninas no decorrer de algumas práticas não é apenas por questões de gênero, porém é pelo fato dos meninos pensarem elas com menos habilidades e mais fracas para desenvolverem determinados tipos de jogos. Assim, deixando-as de fora das práticas.

Dowling (2001) em suas pesquisas expõe o mito da fragilidade física, na qual começam no próprio berço, quando a criança já é privada de liberdade em suas vivências corporais. O autor relata que os pais ou responsáveis incentivam mais os meninos a tocarem seus corpos do que as meninas, que são deixados mais à vontade.

Aprofundar este diálogo, levaria mais tempo e mais indagações, porém os/as professores/as necessitam investigar mais este campo, pois ainda é visível algumas distinções

nas práticas entre meninos e meninas, na qual isso prejudica no desenvolvimento da aprendizagem, quando um/uma estudante que se sente excluído de determinada atividade, ele/ela bloqueia o seu campo de aprendizagem, mas cabe os/as professores/as investigar e buscar saídas para esta realidade.

O outro ponto citado, reflete no planejamento das atividades, na qual percebemos nos relatos dos estudantes falas sobre melhoria na elaboração das práticas, para que possa refletir na participação dos estudantes, pois essa frequência ainda é irregular, alguns estudantes não participam diretamente das atividades, mas o que fazer para mudar esta realidade? Sabemos que não é tão fácil, porém começar a refletir alguns pontos, poderia ajudar no processo, como: rever a forma do planejamento? Ouvir melhor os estudantes e saber seus desejos, suas angústias frente as atividades? O EU como o/a professor/a está buscando desenvolver as atividades da melhor forma? Pensar nestas perguntas, é possibilitar reflexões para a melhoria do ensino, e saber que este ensino é uma via de mão dupla, em que todos precisam se entender.

Quando falamos em planejamento no ambiente escolar, o autor Luckesi (2011) é referência e ver o planejamento como uma ação pensada e não neutra, por estar ideologicamente compromissada, que revela, a advir da organização de suas proposições, como a escola enxerga o desenvolvimento educativo.

O planejamento “será um ato ao mesmo tempo político-social, científico e técnico: político-social, na medida em que está comprometido com as finalidades sociais e políticas; científico, na medida em que não se pode planejar sem um conhecimento da realidade; técnico, na medida em que o planejamento exige uma definição de meios eficientes para se obter resultados (LUCKESI, 2011, p. 127)”.

O referido autor concebe o planejamento como uma ação ampla, e percorre por vários caminhos, sejam políticos, sociais e científicos. Diante disso, o/a professor/a necessita compreender a realidade e o contexto que está no seu entorno, para assim desenvolver um planejamento mais eficaz, onde obterá resultados satisfatórios. Este processo não é diferente para a Educação Física, na qual necessita seguir os passos para conseguir desenvolver feitos positivos nas aulas.

A autora Fonseca (2015) propõe o uso do planejamento de ensino como recurso valioso para o reencontro da Educação Física consigo mesma. Longe de colocá-lo numa posição redentora diante das adversidades educacionais convenientes à Educação Física, a autora acredita que é de grande valia recolocar o planejamento de ensino em evidência no processo de ensino-aprendizagem da disciplina.

Colocar em evidência o planejamento participativo na Educação Física é possibilitar a melhoria do ensino-aprendizagem, pois trazer os estudantes para este processo de

formação é proporcionar uma atividade nova, visto que sair de uma concepção mecanicista e tecnicista como observamos algumas vezes nas práticas da disciplina, isso poderia ocasionar melhoria na qualidade de ensino, pois esse planejamento ampliaria as relações entre estudantes e professores/as.

O terceiro ponto citado pelos estudantes, é visível em todas as esferas, seja educacional, política, industrial, social, e dentre outros. Estamos falando de se reinventar enquanto profissional, e na área da educação não é diferente, pois este momento pandêmico veio para todos e todas, porém as dificuldades afetam as pessoas de formas desiguais, principalmente para a classe inferior, onde os recursos são pequenos.

Diante disso, os professores/as tiveram que se reinventar para tentar proporcionar uma aula de qualidade, trabalhando bem mais no planejamento, horas e horas em frente ao computador, reuniões por *google meet*, *zoom*, plataformas que ajudaram e estão ajudando ainda neste novo ensino. Com isso, o Novo veio de surpresa, mas nem todos estavam preparados para a mudança, e hoje percebemos estas dificuldades bem presentes, como mostrou os estudantes no questionário, onde pediram mais dinâmicas nas aulas.

Segundo os estudos da autora Machado et. al (2020) é possível dizer que, no tocante ao desenvolvimento das aulas de Educação Física nas instituições públicas, os professores que atuam nessas escolas sempre apresentaram dificuldades de distintas ordens. Neste período, as dificuldades permanecem, porém com outras características, como, por exemplo, o acesso à internet e o tempo de planejamento, já que a escola invadiu suas casas.

Essa mudança para o uso das tecnologias na educação não vem de hoje, podemos observar cursos, graduações, pós-graduações no formato Educação a Distância (EAD), porém mudar rapidamente geram grandes dificuldades, onde utilizar muitas das vezes o celular como ferramenta de estudo, pode ser desgastante para alguns, e também o acesso à internet para desenvolverem os trabalhos, sejam professores/as ou estudantes.

“A Educação Física escolar passou por adaptação e reorganização devido à pandemia. Foram apresentadas esferas da escola pública e privada, e, apesar dos contextos, estruturas e ferramentas tecnológicas serem diferentes, apresentam semelhanças no que diz respeito à dificuldade de se trabalhar com a Educação Física de forma remota (LEIFELD et. al, 2021, pág, 07)”.

Com isso, as dificuldades não estão somente na falta de criatividade na elaboração das práticas dos professores/as, como relatou o estudante pedindo mais aulas diversificadas. Apontar o dedo para os professores/as não é uma saída, e sim um desrespeito, pois estamos observado colegas com sobrecarga de horário de trabalho, para tentar desenvolver uma aula de qualidade mesmo com as adversidades que estão sua volta.

A partir das análises do questionário, que tinha como objetivo realizar um diagnóstico dos estudantes do Ensino Médio noturno sobre o conteúdo Esportes, conseguimos perceber e apreender a realidade dos estudantes, em que 55,6% dos mesmos trabalham antes de chegar à escola, onde a predominância foi o quarteto fantástico (Futsal, Vôlei, Basquete e Handebol), seus desejos a partir das práticas, sugestões para a melhoria do conteúdo de Esportes, na qual ouvir a opinião dos estudantes é de grande importância para um planejamento de ensino, e dentre outros pontos positivos que foram citados ao longo deste texto.

Com as observações feitas, o próximo passo organização de uma unidade didática para o desenvolvimento do objeto de conhecimento Esporte. No capítulo seguinte, apresentamos a elaboração de uma unidade didática para esses estudantes, a partir de suas falas, desejos, indagações citadas no questionário. Diante disso, a unidade didática proposta vai ser de Esportes, porém vamos tentar mostrar outras possibilidades para que possam ajudar a pensar na prática pedagógica para este nível de ensino. A BNCC (2017), em sua unidade didática de Esporte, faz uma classificação em: esporte de marca, esporte de precisão, esporte técnico-combinatório, esporte de rede/quadra dividida ou parede e rebote, esporte de campo e taco, esporte invasão ou territorial e esporte de combate. Posto isto, vamos escolher uma classificação do esporte e construir esta unidade didática.

Quando observamos esta proposta da BNCC (2017), que vale lembrar, é destinada para o ensino fundamental, verificamos que são apresentadas 7 competências na área de linguagens e suas tecnologias, onde encontra-se a Educação Física. As competências 1, 3 (apresentam poucas relações) e 5 se aproximam mais das especificidades da Educação Física, como mostra:

1 - Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

3 - Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global

5 - Compreender os múltiplos aspectos que envolvem a produção de sentidos nas práticas sociais da cultura corporal de movimento, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade (BRASIL, 2017, p. 481).

Percebe-se na BNCC que a disciplina de Educação Física para o ensino médio é citada nas competências específicas da área de linguagens de forma quase indireta, sem nenhum aprofundamento e de forma muito superficial, sem apresentar nenhuma especificidade com

relação a este componente curricular. Com isso, a proposta aqui é contribuir na proposição de uma perspectiva para o ensino da Educação Física escolar, possibilitando caminhos, direções e estudos voltados para os estudantes ensino médio noturno. Não temos a pretensão de propor um único caminho para ser seguido ou mesmo uma receita pronta para ser implementada pelos professores. Nosso intuito é apresentar horizontes que possam vislumbrar e avistar novos caminhos possíveis.

6.1 Propondo uma unidade didática de Esporte para o ensino médio noturno: uma proposta possível.

Neste capítulo, elaboramos uma unidade didática de Esporte, a partir das análises que foram realizadas no questionário e, com isso, possibilitar o diálogo com os desejos, anseios e decepções dos estudantes do Ensino Médio noturno.

A Educação Física como componente curricular obrigatório do ensino médio é contemplada na área de linguagens, porém na primeira versão da BNCC a disciplina não era considerada obrigatória. Como pensar no ensino de qualidade, sem a Educação Física? A mesma trabalha com uma ampla gama de práticas corporais, mas proporcionar essa diversidade de conteúdo é necessário conhecê-lo e conhecer seu público, no caso aqui, estudantes do ensino médio noturno, uma clientela com suas especificidades.

Ademais, a BNCC (2017) destaca que a disciplina de Educação Física no Ensino Médio precisar ir além de novas práticas como jogos e brincadeiras, esportes, lutas, danças, ginástica e práticas corporais de aventura é necessário desenvolver nos estudantes a curiosidade, reflexão e transcender no conhecimento de forma que estes possam saber o limite do seu corpo, a importância de um estilo de vida ativo, a manutenção da saúde. É valioso destacar também que estes estudantes possam saber utilizar ambientes para desenvolvimentos de práticas corporais, sejam em espaços públicos ou privados. Com isso, a partir dos agrupamentos de vivências ao longo da vida, eles possam desenvolver o autoconhecimento, autocuidado com o corpo e saúde.

“Essa reflexão sobre as vivências também contribui para a formação de sujeitos que possam analisar e transformar suas práticas corporais, tomando e sustentando decisões éticas, conscientes e reflexivas em defesa dos direitos humanos e dos valores democráticos (BNCC, 2017)”.

A BNCC (2017) como documento legal, ressalta para uma construção curricular e pedagógica entender características da região, cultura, a própria formação e as inspirações dos estudantes, na qual é de suma importância para a construção de um ensino de qualidade. O documento também, ressalta para o uso dos itinerários formativos que possibilitara ser utilizado como estratégias na organização curricular do ensino médio. No entanto, podemos perceber no documento falta de debates no âmbito da Educação Física, e conseqüentemente, sobre o ensino médio noturno.

A BNCC para o ensino médio ainda é vista para alguns autores como Neiras (2018); Neira e Júnior (2016); Martineli et. al. (2016) como um grande ponto de interrogação, em que se apresentam perguntas, repostas e ideias um pouco confusa. Ademais qual seria o verdadeiro significado da Educação Física para o ensino médio? E como isso atrelaria para os estudantes do ensino médio noturno? A BNCC enquanto documento, não traz nada referente ao público noturno e ver de certa forma uma parcela da Educação brasileira de fora e esquecida no documento, onde fica a democratização? Talvez esquecidas neste processo.

O documento ressalta ainda 10 competências gerais para a Educação básica (Educação infantil, Ensino fundamental e Ensino médio), como estamos trabalhando com o Ensino médio, é preciso destacá-las com forma de explorar o conhecimento:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas;
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural;
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva;
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade;
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo

responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta;

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza;

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2017, p. 09).

Essas competências gerais que são colocadas na BNCC buscam desenvolver nos estudantes ao longo da Educação básica possibilidades de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores, na qual se concretizam ao final do Ensino Médio, e que estes estudantes possam reconhecer valores para contribuir na formação social, humana e ambiental.

Diante disso, decidimos ir mais a fundo no ensino médio noturno e extrair subsídios para desenvolver uma unidade didática que seja viável sua aplicação com esses estudantes. Para desenvolver uma unidade didática, é necessário conhecer o público que receberá a proposta.

Segundo Gonzáles (1999) a unidade didática é uma série de ideias, uma hipótese de trabalho, que inclui não só os assuntos da disciplina e os recursos essencial para o trabalho diário, senão também objetivos de aprendizagem, estratégias que ordenem e regulem, na prática escolar, os diversos conteúdos de aprendizagem.

A partir das respostas que obtivemos no questionário, decidimos utilizar o planejamento participativo como ponto chave, pois construir coletivamente, ouvindo os anseios, medos, é de grande eficiência para o processo, na qual tendo como objetivo solucionar problemas, tematizando assuntos que foram gerados através do diálogo entre estudantes e professores. Em vista disso, podemos extrair detalhes importantíssimos para construir uma unidade didática, na qual utilizaremos a classificação dos Esportes de González (2012) onde mostra uma diversificação nas práticas corporais, e ela se encontra presente na BNCC. No entanto, o Esporte como conteúdo da Educação Física e a grande diversidade das práticas, utilizaremos o mesmo como proposta da unidade didática.

A escolha pela unidade didática de esporte, vem a partir da análise do questionário, na qual podemos observar a predominância dos esportes de invasões (futsal, futebol, basquetebol e handebol) e esporte de rede/quadra dividida ou parede de rebote (vôlei). Porém, observamos uma prática muito tecnicista a partir das respostas dos estudantes e pensar além deste formato é poder contribuir diretamente na vida dos estudantes, sair dessas predominâncias

da Educação Física e encaminhar vivências libertadoras, utilizando o diálogo e a reflexão para um ensino é satisfatório para ambos os lados. Por isso, pensar além de uma proposta curricular que aponte caminhos capazes de potencializar a crítica, problematização, conscientização e o diálogo dos estudantes.

Para entender melhor esta classificação, González (2004) realiza uma análise a partir de diferentes propostas de classificação dos esportes, na qual por meio de uma sistematização elencou critérios diferentes: a) a existência ou não de relação com os companheiros, b) a existência ou não de interação direta com o adversário.

Com base no primeiro critério os Esportes podem ser classificados como individuais, quando o sujeito participa sozinho durante a ação esportiva, sem a participação de um colega, e em Esportes coletivos, quando as modalidades exigem, pela sua estrutura e dinâmica, a coordenação das ações de duas ou mais pessoas para se chegar a um objetivo comum do esporte. Já quando considerada a relação com o rival como critério de classificação, a interação com o adversário pode ser identificada como a característica central dos Esportes com oposição direta. Essa condição exige dos integrantes adaptações e mudanças constantes na atuação motora em função da ação e da antecipação da atuação do oponente, podendo ser classificada Esporte “com” ou “sem” interação (GONZÁLEZ, 2004).

Desta forma, a partir da conjuntura e das características dos esporte “sem” interação apresentado por González e Bracht (2012), podemos observar 3 subcategorias dos esportes em sua obra: esportes de macas (Atletismo, ciclismo, remo e dentre outros), Esporte técnico-combinatório (todas as modalidades da ginástica, saltos ornamentais, nado sincronizado e dentre outros), Esportes de precisão (tiro com arco, tiro esportivo, bocha e dentre outros).

O esporte de marca tem como características a quebra de recordes, seja eles pelo tempo (hora, minuto, segundo, milésimo de segundo), distância ou altura (metro, centímetros), levantamento de peso (maior quantidade de quilos), buscando superar o outro oponente ou até mesmo ele/ela próprio/a.

Para os esportes “com” interação, o método de classificação está ligado aos ensinamentos táticos da ação, ou seja, está aprimorado naquilo que um único atleta ou um atleta juntamente com seus companheiros de equipe devem fazer para atingir o objetivo estabelecido. Para se ter bons resultados nestas modalidades, não basta só saber chutar a gol, jogar a bola para o outro lado, correr de uma base à outra ou aplicar um golpe é necessário traçar um objetivo para conquistar algo em comum (GONZÁLEZ e BRACHT, 2012).

Desta maneira, a partir da classificação dos esportes “com” interação, destacamos 4 subcategorias, de acordo González e Bracht (2012) são elas: esporte de combate (boxe, esgrima, jiu-jitsu e dentre outros), esporte de campo e taco (beisebol, *softbol*, críquete e dentre outros), esporte de rede e parede divindade ou rebote (vôlei, badminton, tênis e dentre outros), esporte de invasão (futebol, basquete, rúgbi, polo aquático e dentre outros).

A partir destas classificações dos esportes, o mesmo é considerado um fenômeno sociocultural, porém, por que alguns esportes têm destaques e outros são meros coadjuvantes no ambiente escolar? Sabemos das importâncias dos esportes “com” ou “sem” interação, mas observamos a partir das respostas dos estudantes no questionário, a predominância dos esportes “com” interação (futsal, vôlei, handebol e basquete) e quase nada dos esportes “sem” interação.

Segundo González et. al (2014) os autores destacam que o esporte é um fenômeno plural que pode ocorrer em diversos contextos de prática, com diferentes níveis de exigência, bem como diferentes sentidos e significados atribuídos por seus praticantes e apreciadores.

Barroso e Darido (2006) ressaltam que o esporte é tratado por inúmeros autores como um fenômeno sociocultural, sendo considerado um patrimônio da humanidade, e diante disso, historicamente foram desenvolvidas diversas modalidades esportivas, que sofreram e sofrem modificações até conhecermos o atual esporte.

Feito isso, as modalidades sofreram modificações para buscar uma melhoria no processo de seu desempenho, seja coletivo, nas regras, tático e técnico etc. Pensando nestas transformações das modalidades esportivas, vamos fazer um contraponto com a Educação Física, na qual como buscar uma reforma na hora de realizar um planejamento de ensino? Quais modificações serão necessárias no planejamento? Trocar sua forma de planejamento, para buscar uma melhoria na qualidade de ensino, seria uma saída? Rever os conteúdos e como eles estão sendo desenvolvidos poderia ajudar de alguma forma? Refletir sobre isso, é possibilitar um conhecimento novo, pois é necessário para a transformação do ensino.

O Esporte tem tensionado os debates acerca da Educação Física escolar. De objeto hegemonicamente defendido a academicamente criticado, esse fenômeno cultural e múltiplo carrega consigo diversas possibilidades de apropriações, faz-se atrativo para os mais variados públicos e presente em práticas sociais distintas inerentes à vida das pessoas (SILVA, SOUZA e MARTINS, 2019).

Ainda hoje, em alguns contextos escolares o esporte é uma prática que se desenvolve de forma excludente, privilegiando os mais aptos em detrimento dos menos aptos. Constitui-se uma prática caracterizada segundo o paradigma da aptidão física, da performance

e do rendimento. Utiliza os mesmos parâmetros do esporte de rendimento para o seu desenvolvimento na escola.

“As críticas dirigidas ao esporte podem ser resumidas em duas dimensões, que não se excluem e se articulam. A primeira dimensão diz respeito a essa relação de exclusividade (sem espaço para outros temas), primazia (prioridade quanto ao tempo e à organização do espaço) ou hierarquia (outros temas tratados em função dele) na organização das aulas de educação física. A segunda dimensão da crítica diz respeito à função do esporte na escola, sustentando-se, por um lado, na ideia de que o esporte que acontece na escola está a serviço da instituição esportiva, na revelação de atletas, constituindo-se na base da pirâmide esportiva e, por outro lado, na dimensão axiológica, nos valores que ele transmite, perpassa e constrói” (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001, p.16).

A nosso ver, o esporte que vêm sendo oportunizado aos educandos no contexto escola, ainda carece ser melhor desenvolvido, e ser proposto com o intuito de colaborar para a formação de indivíduos comprometidos socialmente e capazes de dirigirem suas ações com autonomia. Concordamos com as críticas do autor acima citado, ao vermos o esporte se transformar em uma prática que tem por fim somente a seleção de atletas para a competição, a performance, o rendimento, a comparação dos melhores.

Pensando nesta problemática que ainda paira sobre o esporte, é que estamos propondo viabilizar a utilização de uma unidade didática para repensar o ensino do esporte na escola, em suas diferentes dimensões. Para tanto, será preciso modificar não apenas a forma como o mesmo se constitui, mas principalmente a inclusão de uma opção metodológica, com princípios pedagógicos, políticos, sociais, que indiquem novos caminhos para a realização do esporte no contexto escolar. É preciso romper com os paradigmas vigentes que apenas veem o esporte como fim em si mesmo.

6.2 Organização e sistematização de uma unidade didática para o objeto de conhecimento Esporte numa proposta de Paulo Freire

A opção pela escolha dos pressupostos de uma leitura freireana para fundamentar nossa proposta de unidade didática se faz por entender que os princípios da sua proposta libertadora e problematizadora, atende de forma muito pertinente aos princípios que julgamos necessários para a mudança e a quebra de paradigmas para uma nova possibilidade de ensino-aprendizagem do esporte na escola.

Consideramos que o diálogo, o ensino contextualizado, a reflexão crítica e a problematização, são elementos importantes para superar as concepções atuais de esporte, pois

favorece novos pensares e olhares sobre esta prática corporal. A Educação problematizadora oferece possibilidades aos educadores no sentido de revisitarem e ressignificarem, constantemente, suas ações rumo a uma atuação mais crítica e emancipatória.

A princípio, quando pensamos na organização da unidade didática constatamos que precisávamos de uma proposta que pudesse atender amplamente a uma nova proposição para o ensino do esporte, visando a superação de antigos modelos que visam à técnica, a tática, o rendimento, a performance, a competição em detrimento de outros saberes e conhecimentos indispensáveis à formação do humano, tais como: princípios éticos, sociais, políticos, morais. Estes devem ser articulados com os saberes que o esporte privilegia, sem, no entanto, serem excluídos dos processos de ensino-aprendizagem do esporte na escola nas aulas de educação física.

Importante pensar numa perspectiva que privilegiasse também pressupostos edificantes de uma nova visão de educação e conseqüentemente, de Educação Física, que não tivesse incorporado os estigmas que muitas das abordagens relacionadas à área carregavam. Assim, a proposta de Paulo freire nos pareceu muito pertinente e adequada para os propósitos. Atualmente, na educação física, os estudos de Paulo freire vem sendo muito utilizados e difundidos. Muitas publicações estão sendo difundidas a partir dos contributos de Freire para a Educação Física escolar, dentre os quais podemos destacar: França & Neira (2014); Nogueira, Maldonado, Silva, Freire, Miranda (2018); Sousa, Nogueira, Maldonado (2019); Silva & Martins (2020); Bossle (2018); Martins & Nogueira (2021); Monteiro & Nista-Piccolo (2020), dentre muitos outros.

As publicações da Educação Física escolar que se utilizam dos aportes de Paulo Freire nos trazem a evidência de que suas ideias exercem influência sobre as metodologias críticas da Educação Física. Os princípios, significados e valores culturais a serem trabalhados pela disciplina de Educação Física na escola demarcam indícios de mudanças.

A partir destes estudos, e das colocações citadas ao longo do trabalho, nosso propósito foi organizar e apresentar uma unidade didática que melhor se aproxime da realidade dos estudantes do ensino médio noturno. Com isso, analisar o questionário foi uma etapa muito importante. Outro aspecto relevante, é saber a carga horária das aulas de Educação Física, na qual é apenas 1 hora aula por semana nesta escola. Este aspecto pode ser considerado um fator limitante, no entanto, se levarmos em conta que o estudante terá três anos, que perfazem o ensino médio, é possível pensar num projeto no qual tenhamos conhecimentos integrados à realidade dos estudantes e que sejam relevantes e apresentem contributos para a sua formação.

Mesmo com apenas 01 aula por semana é necessário pensar num projeto de formação na e para a Educação Física que seja proposto aos estudantes do ensino médio. Se o tempo é limitante, o projeto do que pode ser realizado pode superar este tempo exíguo e favorecer que, para além das aulas, os estudantes tenham potência em vivenciar as práticas corporais.

A proposta da unidade didática será apresentada aos estudantes do 1º ano do ensino médio noturno. Essa escolha parte de alguns pontos, por exemplo: início do ensino médio, teoricamente esses estudantes estão voltando ao ciclo educacional, seja por vontade própria, solicitação do trabalho, almejar uma promoção no trabalho que necessita o ensino médio completo e dentre outras.

Com isso, propusemos elaborar 6 aulas nesta unidade didática, como mostra o quadro com as distribuições abaixo:

Quadro 14: Descrição das aulas da unidade didática.

Nº de aulas	Objeto de aprendizagem	Local da aula
01	Entendimento dos estudantes sobre a classificação dos Esportes.	Sala de aula.
02	Esporte de marca – Atletismo	Quadra/ pátio.
03	Esporte de marca – Ciclismo	Sala de aula.
04	Esporte de invasão ou territorial – Futebol	Quadra.
05	Esporte de Combate – Atividades lúdicas	Quadra.
06	Avaliação da proposta	Sala de aula.

Fonte: elaborado pelos próprios autores.

O quadro acima tem como objetivo dividir e informar a distribuição das aulas ao longo de 06 encontros, para isso destacamos o campo de objeto de aprendizagem, descrevendo uma breve apresentação do que vai ser trabalhado e o possível local da aula. Vale destacar que, essa proposta é baseada a partir das respostas dos estudantes, na qual buscou extrair elementos para melhor desenvolver esta unidade didática.

Acreditamos que levar em conta a realidade dos educandos, seus saberes, interesses, estaremos potencializando um ensino contextualizado, pautado em diálogo com os mesmos, pois como nos informa Freire (1992, p. 86), “O respeito, então, ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural. A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo”, essa deve ser a postura de educadores que se comprometem com a formação humana dos seus alunos.

O ensino-aprendizagem do esporte, não deve dar alheio aos saberes que os educandos trazem quando iniciam as atividades relacionadas ao esporte. É preciso reconhecermos o saber dos educandos para o ensino, valorizando o seu cotidiano, as suas relações, a sua comunidade e sua cultura. No ensino contextualizado o educando parte de seu conhecimento para ampliar suas concepções, levando de volta para seu contexto, algo significativo e que faça parte de sua realidade.

Diferentemente de uma prática excludente, antidialógica, tecnicista, individualista, reprodutivista, entre outras adjetivações, o esporte será considerado como uma práxis humana e social, desenvolvido com fins pedagógicos, educativos, éticos, comprometido com a formação de homens e mulheres autônomos, críticos e emancipados, colaboradores para a construção de uma sociedade mais humana e solidária.

O esporte reflete assim uma estrutura relacional que privilegia o diálogo, a parceria, a afetividade, a autonomia dos sujeitos, o trabalho coletivo em prol do individual e o individual em prol do coletivo, a inclusão e a participação de todos, inclusive dando mais a quem mais precisa, o respeito à diversidade e aos diferentes saberes que cada indivíduo possui.

Consideramos importante, também, que o esporte privilegie a formação de valores humanos, não apenas no sentido de propiciar a identificação de valores ‘corretos’ e ‘errados’, mas acima de tudo, de possibilitar que os educandos sejam capazes de analisar criticamente e eleger seus próprios sistemas de valores, de forma consciente e responsável.

Desta forma visando fortalecer e contribuir nesta construção, esta proposta traz como fundamento e referencial, os fundamentos da educação problematizadora, crítica e dialógica de Paulo Freire. Além dos fundamentos pautados no diálogo, contextualização, reflexão crítica e problematização, iremos utilizar o que Freire (1967) denomina de círculos de cultura, que tem como objetivo tencionar questões políticas e sociais decorrentes de alguma problemática que venha a surgir no grupo e que eles/elas possam coletivamente recriar suas realidades sociais, culturais e histórica. Essa proposta foi fundamentada por Freire (1967) e têm como características o diálogo, o respeito ao próximo, o trabalho coletivo e libertadora.

Sendo assim, os Círculos de Cultura são espaços no qual se ensina e se aprende. Ambientes em que a preocupação não é exclusivamente informar conteúdo específicos, porém despertar um novo formato de construção do conhecimento de forma coletiva, por meio das experiências vividas.

Os círculos de cultura, têm como características três fases, são elas:

1. **Investigação temática:** compreende na etapa, que por meio do diálogo os estudantes definam os assuntos percebidos e com isso superar no decorrer do processo de ensino e aprendizagem.

Na primeira etapa, podemos pensar em círculo onde os estudantes junto com o/a professor/a possibilitem um diálogo a partir do Esporte e suas vivências, com isso, ambos iriam investigar as potencialidades do Esporte no contexto em que eles/elas vivem.

2. **Tematização:** é propor temas geradores a partir de situações reais, na qual os estudantes busquem a conscientização por meio de atividades reflexivas através do diálogo, com objetivo de problematizar o tema e ter uma compreensão crítica.

Na segunda etapa, como forma de tematizar o Esporte a partir da realidade dos estudantes, seria possível propor temas na qual eles/elas já tenham percebidos em seus ambientes de lazer, de estudo, de trabalho relacionando com o Esporte, como por exemplo: o Esporte como manifestação cultural, o racismo no Esporte, a participação das mulheres no Esportes, essas temáticas poderiam contribuir nesta etapa.

3. **Desenvolvimento crítico:** é quando os estudantes problematizam um determinado tema, e são capazes de mudar seu mundo porque estão mudados por sua consciência crítica (FREIRE, 1967).

Na última etapa tentamos propor um desenvolvimento crítico com os estudantes com relação ao Esporte. Pensar neste processo é muito importante para melhorar o ser crítico, como ação a seguir: depois de tematizar algumas ações a partir do Esporte, esses estudantes irão refletir e desenvolver ações críticas para mudar suas visões sobre determinada atividade e pensamento, gerando em si um estudante participativo e crítico.

Essa proposta pode ser experimentada nas aulas de Educação Física, como uma possibilidade pedagógica, porque potencializar a autonomia, o empoderamento, a reflexão crítica e o diálogo entre os estudantes. No momento que o/a professor/a realiza uma conversa para sondar os conhecimentos prévios dos estudantes, esse ato possibilita conhecer temas relevantes e de grande importância na Educação Física, correspondendo a primeira fase **investigação temática**. Freire (2003) ressalta que é preciso respeitar a leitura de mundo do educando para ir além dele, o autor deixa claro que a curiosidade fundamental à ineligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, aperfeiçoa-se, muda, qualitativamente, faz-se

metodologicamente rigorosa. E a curiosidade assim, metodologicamente rigorosa faz achados cada vez mais exatos.

Na segunda fase, denominada de **tematização**, poderíamos trazer situações reais para contribuir no processo de ensino, por exemplo: o racismo no esporte, as grandes mídias nas divulgações de determinados esportes (porque uns tem ascensão maior que outro). Essas situações servem para que os estudantes percebam e reflitam questões sociais, políticas e culturais.

“A tematização, ou seja, processo no qual os temas e palavras geradoras são codificados e decodificados buscando a consciência do vivido, o seu significado social, possibilitando a ampliação do conhecimento e a compreensão dos educandos sobre a própria realidade, na perspectiva de intervir criticamente sobre ela (DANTAS e LINHARES 2014)”.

Na terceira fase **desenvolvimento crítico**, a proposta é incentivar os estudantes a problematizar cada vez mais essas questões pensando em caminhos para sua mudança (FREIRE, 1967). O círculo de cultura pode ser um fator importantíssimo para o desenvolvimento de estratégias nas aulas de Educação Física, possibilitando uma construção colaborativa entre estudantes e professores, na qual buscando uma educação libertadora e não tecnicista.

Segundo Farias et al (2021) em seus estudos, ressaltam a importância de fazer um resgate sobre os conhecimentos adquiridos dos estudantes ao longo de suas vivências do tema Esporte. Os autores destacam também a possibilidade de utilizar avaliação diagnóstica, por meio de uma metodologia participativa, como conversas em grupos.

Dando continuidade à proposta, é importante tematizar os Esportes a partir das manifestações da Cultura Corporal de Movimento, na qual dialogar e refletir sobre suas potencialidades dentro e fora do ambiente escolar é viável, abordando seu contexto histórico, social, político e cultural. Com isso, oportunizar uma caminhada com os estudantes e ousando nas temáticas propostas.

A proposta a seguir foi organizada a partir de alguns princípios pedagógicos que se pautam nos pensamentos de Paulo Freire, na qual temos o objeto de conhecimento Esporte. Pensar nesta proposta é pensar em ações que possam ajudar no processo de ensino e aprendizagem desses estudantes do ensino médio noturno. Diante disso, propomos objetivar nos planos de aulas ações que estejam voltadas para seu dia a dia e façam relações com o Esporte, pois sabemos que muitos dos estudantes trabalham antes de chegarem à escola.

Para ajudar na tematização dos estudos, vamos propor nos planos de aulas a problematização a partir do objeto de conhecimento Esporte, contribuindo com um diálogo participativo, contextualizando e aprofundando a temática e, por último, oportunizar momento de reflexão crítica entre os estudantes. Desta forma, essas categorias elencadas fazem parte dos pensamentos freirianos, na qual contribuirá no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes do ensino médio noturno.

Neste texto, buscaremos apresentar as propostas de planos de aula que foram organizados e sistematizados para o Ensino médio. Destacamos também que essa proposta é direcionada para os estudantes do 1º ano do Ensino médio noturno, na qual utilizamos as respostas que obtivemos nos questionários para ajudar na construção dos planos de aulas, porque conseguimos extrair ideias, experiências de vida, perspectiva da disciplina e isso ajudou bastante para um direcionamento positivo. Vale ressaltar que foram organizadas em 06 aulas, com o objeto de conhecimento Esporte e que serão apresentados de forma detalhada a seguir:

Quadro 15: Discriminação geral da aula 01.

Componente Curricular - Educação Física Plano de aula (01) / Esporte / 1º do Ensino Médio/ 1h/a
Exposição da aula: entendimento dos estudantes sobre a classificação dos Esportes.
Objetivos: Realizar um diagnóstico com os estudantes sobre a classificação dos Esportes. Oportunizar debates sobre as modalidades esportivas.
Habilidades: (EM13LGG502) Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder subjacentes às práticas e discursos verbais e imagéticos na apreciação e produção das práticas da cultura corporal de movimento. (EM13LGG503) Praticar, significar e valorizar a cultura corporal de movimento como forma de autoconhecimento, autocuidado e construção de laços sociais em seus projetos de vida.
Recursos didáticos: Exposição oral, utilização do quadro, fotos de várias modalidades.
Apresentação da temática: Neste momento, propusemos realizar um diagnóstico com os estudantes a partir da classificação dos Esportes, utilizada na BNCC. Diante disso, é importante mostrar várias fotos de diversas modalidades esportivas para propor debates coletivos sobre as variações de suas classificações. Diante disso, problematizar algumas dessas práticas a partir da realidade dos estudantes.
Desenvolvimento da aula: 1º momento: pedir para os estudantes organizarem-se em formato de meio círculo (meia lua, em forma de U), na qual todos possam se ver. Com isso, vamos colocar as fotos das modalidades em cima da mesa e pedir para os estudantes se aproximar e observar as fotos. Perguntando: Vocês conhecem alguma dessas modalidades? Qual dessas vocês não conhecem? Qual dessas são mais relevantes para vocês? Alguém pratica alguma das modalidades? Realizar um diálogo participativo. A partir dessas ideias, vamos contextualizar a classificação dos esportes e suas possibilidades, e gerar problemáticas no decorrer das aulas. Depois da conversa, vamos apresentar a classificação e suas características (exposição oral, leitura de texto coletivo): Esporte de Marca: conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar os resultados registrados em segundos, metros ou quilos. Esporte Precisão: conjunto de modalidades que se caracterizam por arremessar/lançar um objeto, procurando acertar um alvo específico, estático ou em movimento, comparando-se o número de tentativas

empreendidas, a pontuação estabelecida em cada tentativa (maior ou menor do que a do adversário) ou a proximidade do objeto arremessado ao alvo (mais perto ou mais longe do que o adversário conseguiu deixar).

Esporte Técnico-combinatório: reúne modalidades nas quais o resultado da ação motora comparado é a qualidade do movimento segundo padrões técnico-combinatórios.

Esporte Rede/quadra dividida ou parede de rebote: reúne modalidades que se caracterizam por arremessar, lançar ou rebater a bola em direção a setores da quadra adversária nos quais o rival seja incapaz de devolvê-la da mesma forma ou que leve o adversário a cometer um erro dentro do período em que o objeto do jogo está em movimento.

Esporte Campo e taco: categoria que reúne as modalidades que se caracterizam por rebater a bola lançada pelo adversário o mais longe possível, para tentar percorrer o maior número de vezes as bases ou a maior distância possível entre as bases, enquanto os defensores não recuperam o controle da bola, e, assim, somar pontos.

Esporte Invasão ou territorial: conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar a capacidade de uma equipe introduzir ou levar uma bola (ou outro objeto) a uma meta ou setor da quadra/ campo defendida pelos adversários protegendo, simultaneamente, o próprio alvo, meta ou setor do campo

Esporte de Combate: reúne modalidades caracterizadas como disputas nas quais o oponente deve ser subjugado, com técnicas, táticas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço, por meio de combinações de ações de ataque e defesa.

2º momento: a partir das características de cada classificação, convidamos os estudantes para adesivar as fotos no quadro, de acordo com cada classificação. Diante disso, é importante frisar que essa construção é coletiva, partindo das necessidades dos estudantes.

3º momento: ao final, propor um diálogo coletivo sobre a classificação dos Esportes e suas possíveis modalidades listadas pelos estudantes. Vocês acham interessante essas classificações? Vocês já conheciam essas classificações? Por que este Esporte citado faz parte desta classificação e não de outra? Realizar este diálogo é muito importante para o desenvolvimento da aula, trazer os estudantes para uma participação coletiva, onde eles/elas possam se sentirem parte desta construção. Destacamos, que essas perguntas vão contribuir para momento de reflexão dos estantes.

Avaliação da aula:

Pedir para os estudantes escolherem uma das classificações para ser trabalhada na aula seguinte.

Ao final observar a interação dos estudantes com o assunto: () Ótima () Boa () Regular.

Mais conhecimentos...

Sugerimos que ao/a professor/a que busquem mais conhecimento sobre a temática proposta a partir de Documentos, artigos, livros, vídeos etc.

Segue alguns links:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Quadro 15: Descriminação geral da aula 02.

Componente Curricular - Educação Física
Plano de aula (02) / Esporte / 1º do Ensino Médio/ 1h/a
Exposição da aula: Esporte de marca – Atletismo e suas possibilidades.
Objetivos: Apresentar o atletismo e suas variedades de provas, contexto histórico (forma breve) e suas possibilidades dentro do ambiente escolar. Oportunizar e dialogar na construção de alguns materiais para a realização da prática. Vivenciar algumas práticas do atletismo.
Habilidades: (EM13LGG501) Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas da cultura corporal, de modo a estabelecer relações construtivas, éticas e de respeito às diferenças. (EM13LGG503) Praticar, significar e valorizar a cultura corporal de movimento como forma de autoconhecimento, autocuidado e construção de laços sociais em seus projetos de vida.
Recursos didáticos: Textos editados pelo professor, para facilitar a contextualização do atletismo, fitas adesivas, garrafas pets, cabos de vassoura, cordões, fotos de algumas provas.
Apresentação da temática:

O atletismo por ser um dos esportes mais antigos do mundo, e ter diversas possibilidades de práticas, vamos propor atividades a partir das realidades dos estudantes e do ambiente que temos.
<p>Desenvolvimento da aula:</p> <p>1º momento: apresentamos o atletismo e suas possibilidades, a partir do seu contexto histórico, suas diversas provas. No entanto, neste primeiro momento, vamos focar nas provas de campo, na qual contemplam as seguintes: os saltos (em altura, distância, triplo e com varas), temos os lançamentos (de martelo, dardo e disco) e o arremesso de peso. Com isso, dialogaremos com os estudantes sobre essas práticas, perguntando se todos conheciam, quem já tinha praticado, o que acham deste esporte? Oportunizar problemáticas por exemplo: esse esporte tem grande divulgação nas mídias? Se não, por qual motivo isso não acontece? Isso vai gerar momentos de reflexões críticas na aula.</p> <p>2º momento: propusemos a realizar uma oficina para construir possíveis materiais do atletismo a partir dos objetos que os estudantes trouxeram. Utilizando os cabos de vassouras com pedaços de garrafas pets para o dardo, garrafas pets com cordões na construção do martelo, garrafas pets pequenas para o arremesso de peso.</p> <p>3º momento: depois da construção, os estudantes irão vivenciar algumas provas do atletismo a partir dos materiais confeccionados. Diante disso, iram realizar marcações para ver a distância arremessada/lançada dos objetos, pois isso é uma característica dos esportes de marcas, a quebra de recordes.</p>
<p>Avaliação da aula: Ao final ouvir a opinião dos estudantes sobre as vivências, o que acharam? O que poderia ser melhorado? Essa devolutiva é muito importante na evolução do ensino e abrir diálogo com os estudantes contribui para um ser participativo e crítico.</p> <p>Proposta para próxima aula: como o uso de bicicletas está em evidencia em nosso dia a dia, realizamos a seguinte pergunta: quem de vocês tem bicicleta ou se é fácil conseguir uma emprestada de um parente, amigo? Caso isso seja possível, sugerimos também baixar um aplicativo na play store que consiga marcar distância percorrida de bicicleta.</p> <p>Isso sendo atendido, vamos propor um desafio a vocês da seguinte forma: realizar um percurso de 2km, 3km ou 5km e marcar o tempo que foi feito, este percurso pode ser feito até no deslocamento de casa para o trabalho, de casa para o supermercado, percursos que são realizados em seu dia a dia. Vamos dialogar sobre esta vivencia na próxima aula.</p>
<p>Mais conhecimentos...</p> <p>Sugerimos que ao/a professor/a que busquem mais conhecimento sobre a temática proposta a partir de Documentos, artigos, livros, vídeos etc.</p> <p>Segue alguns links:</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=bCVvVrTrt9I</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=mQSG97u2iao</p>

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Quadro 17: Discriminação geral da aula 03.

Componente Curricular - Educação Física
Plano de aula (03) / Esporte / 1º do Ensino Médio/ 1h/a
Exposição da aula: Esporte de marca – Ciclismo e suas modalidades.
<p>Objetivos:</p> <p>Apresentar a modalidade de ciclismo e suas possibilidades.</p> <p>Dialogar sobre as variações das práticas do ciclismo.</p> <p>Identificar os conhecimentos que os estudantes trazem sobre o ciclismo.</p>
<p>Habilidades:</p> <p>(EM13LGG501) Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas da cultura corporal, de modo a estabelecer relações construtivas, éticas e de respeito às diferenças.</p>
<p>Recursos didáticos:</p> <p>Datashow, vídeos, imagens, textos.</p>
<p>Apresentação da temática:</p> <p>O ciclismo por ser classificado como um Esporte de marca e o uso da bicicleta está tão presente em nosso dia a dia, propusemos fazer um diálogo com este Esporte e suas possibilidades a partir de algumas vivências solicitadas.</p>
Desenvolvimento da aula:

<p>1º momento: neste momento, propusemos realizar uma conversação sobre o ciclismo, fazendo algumas perguntas: vocês conhece o Esporte ciclismo? Já assistiram alguma competição? Já praticaram mesmo de forma para promoção da saúde? Conhecem algum praticante? Possibilitar este diálogo é fundamental para o processo. Realizamos também uma atividade sobre as modalidades da seguinte forma: escrever nome das 5 modalidades no quadro, em seguida solicitar que os estudantes peguem algumas fotos que estão na mesa e adesivem no quadro, de acordo com cada modalidade e com seus conhecimentos prévios.</p> <p>2º momento: Logo após essa atividade, o/a professor/a deve apresentar de forma breve as modalidades do ciclismo e suas variações, para que os estudantes consigam entender melhor o esporte e realizem possíveis correções na atividade proposta de adesivar imagens no quadro.</p> <p>Com isso, vamos apresentar de forma breve alguns contextos históricos, como são as 5 modalidades do ciclismo: Ciclismo BMX corrida; Ciclismo BMX freestyle; Ciclismo mountain bike; Ciclismo de estrada e ciclismo de pista.</p> <p>3º momento: Depois da apresentação do esporte, vamos dialogar sobre a experiência de marcar o tempo da distância percorrida, isso através dos aplicativos. O que vocês acharam da marca alcançada? Dialogar com a turma de forma que eles/elas sintam-se valorizado/a pôr suas marcações. Podemos perceber que a bicicleta é um meio de transporte que está presente no dia a dia deles/delas, seja para ir ao trabalho, a escola, ao supermercado etc. Com isso, propor reflexões críticas a partir das vivências, como exemplo: se pegarmos o esporte ciclismo, ele é de fácil acesso? Temos locais adequados para sua prática? Como os governantes podem contribuir neste processo? A cada tema sugerido é importante gerar essas reflexões críticas com os estudantes.</p>
<p>Avaliação da aula: Observar a participação dos estudantes, seu posicionamento crítico no processo.</p>
<p>Mais conhecimentos...- Sugerimos que ao/a professor/a que busquem mais conhecimento sobre a temática proposta a partir de Documentos, artigos, livros, vídeos etc. https://www.todoestudo.com.br/educacao-fisica/ciclismo</p>

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Quadro 18: Descriminação geral da aula 04.

<p>Componente Curricular - Educação Física Plano de aula (04) / Esporte / 1º do Ensino Médio/ 1h/a</p>
<p>Exposição da aula: Esporte de invasão ou territorial - Futebol.</p>
<p>Objetivos: Oportunizar um debate a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes. Desenvolver posicionamentos críticos sobre a modalidade de futebol.</p>
<p>Habilidades: (EM13LGG502) Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder subjacentes às práticas e discursos verbais e imagéticos na apreciação e produção das práticas da cultura corporal de movimento.</p>
<p>Recursos didáticos: Utilização do quadro, fotos.</p>
<p>Apresentação da temática: O futebol por ser um esporte com grandes divulgações nas mídias, propusemos dialogar com os estudantes sobre os conhecimentos prévios e como este esporte está tão presente em nossa cultura.</p>
<p>Desenvolvimento da aula: 1º momento: propusemos realizar um diálogo com os estudantes sobre o futebol, partindo das seguintes perguntas: como vocês conheceram o futebol? O futebol é importante para vocês? Depois dessas perguntas, ouvir com atenção para poder gerar uma boa conversação. Sugerimos que o professor pergunte: qual jogadores vocês conhecem? Quais jogadoras vocês conhecem? Poderiam citar nomes? 2º momento: logo após essas perguntas e ouvir as respostas, propusemos também que o/a professor/a distribua fotos de jogadores e jogadoras para os estudantes. Em seguida, perguntem se eles/elas conhecem essas pessoas da foto. Acreditamos que a maioria dos jogadores eles/elas já tenham ouvido falar, mas quando se trata das jogadoras, é possível que os estudantes não conhecem boa parte das atletas. Diante disso, perguntamos por que não conhecemos muitas jogadoras? Será que as mídias estão presentes na mesma proporção para ambos os sexos? Ouvir o posicionamento dos estudantes.</p>

<p>3º momento: neste momento é interessante mostrar alguns dados simples, por exemplo: as emissoras que transmitem campeonatos masculino e feminino, e mostrar a diferença na divulgação das partidas. Perguntar se esta divisão é interessante ou não, desenvolver um posicionamento crítico sobre esse assunto.</p>
<p>Avaliação da aula: buscar observar a interação dos estudantes com a proposta, ouvir o feedback, possíveis pontos para melhorar as próximas aulas.</p>
<p>Mais conhecimentos... Sugerimos que ao/a professor/a que busquem mais conhecimento sobre a temática proposta a partir de Documentos, artigos, livros, vídeos etc.</p>

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Quadro 19: Discriminação geral da aula 05.

<p>Componente Curricular - Educação Física Plano de aula (05) / Esporte / 1º do Ensino Médio/ 1h/a</p>
<p>Exposição da aula: Esporte de combate – possibilidades na aula de Educação Física.</p>
<p>Objetivos: Conhecer os Esportes de combate e suas possibilidades reais. Discutir e vivenciar as modalidades de esportes de combate a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes.</p>
<p>Habilidade: (EM13LGG501) Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas da cultura corporal, de modo a estabelecer relações construtivas, éticas e de respeito às diferenças.</p>
<p>Recursos didáticos: Exposição oral, pequenos textos.</p>
<p>Apresentação da temática: Os esportes de combate vem crescendo nas grandes mídias, sejam através dos torneios, nos próprios atletas, isso faz o esporte crescer de modo geral. Diante disso, buscaremos apresentar de forma simples e objetivo alguns pontos deste esporte, tentando contemplar alguns que vamos descrever logo mais.</p>
<p>Desenvolvimento da aula: 1º momento: neste momento, vamos iniciar uma discussão sobre o Esporte de combate, perguntando os estudantes: vocês conhecem o esporte de combate? Já praticaram de alguma forma, mesmo sendo de forma experimental? Já assistiram alguma competição? A partir do diálogo, vamos apresentando de forma breve algumas modalidades, possibilitando um conhecimento da prática. É necessário contextualizar mesmo de forma breve os esportes de combates, na qual será se suma importâncias para as problematizações futuras. 2º momento: vamos realizar algumas atividades lúdicas para que os estudantes experimentem uma prática que envolva movimento de ataque e defesa. 1ª atividade: Solicitamos que os estudantes fiquem em duplas e façam um círculo (por dupla) no chão de aproximadamente 2 metros, em seguidas vamos realizar uma atividade de ataque e defesa, onde o participante terá que empurrar o outro adversário até sair do círculo. É importante realizar essa atividade utilizando as mãos para empurrar o adversário, com isso diminuindo os riscos de machucados. 2ª atividade: requisitamos que os estudantes permaneçam em duplas de frente um para o outro. Depois disso, colocaremos algum objeto (bolas, garrafas, algo deste tipo) no chão entre eles/elas e pedimos para dar um passo para trás cada um, ficando a mesma distância do objeto e em seguida pedir para ficar de joelhos ou sentados no chão. Organizado para realização da prática, vamos dar algum comando, por exemplo: mãos nas costas, quando eu falar VALENDO, você tem que pegar o objeto primeiro que seu adversário. Depois você pode mudar o comando, por exemplo: agora vamos seguir uma ordem antes de pegar o objeto, vamos fazer assim “mãos nas costas, cabeça, ombro, orelhas, VALENDO”. Propor essas atividades. 3º momento: pedimos aos estudantes para falar sobre as atividades: o que acharam? Essas vivências, mesmo de forma lúdica, parece com qual esporte de combate? Ouvir vai ser o primeiro passo, em seguida vamos continuar com o diálogo participativo, para descobrir pontos negativos da prática, o que pode ser melhorado? O que você não gostou?</p>
<p>Avaliação da aula:</p>

Observar a participação dos estudantes na aula, como essa aula pode contribuir na vida dos estudantes. Esses pontos são determinantes para o desenvolvimento das próximas aulas, e para a aprendizagem dos estudantes de forma crítica e participativa.

Mais conhecimentos...

Sugerimos que ao/a professor/a que busquem mais conhecimento sobre a temática proposta a partir de Documentos, artigos, livros, vídeos etc.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Quadro 20: Descriminação geral da aula 06.

Componente Curricular - Educação Física Plano de aula (06) / Esporte / 1° do Ensino Médio/ 1h/a
Exposição da aula: Avaliação da proposta a partir do trabalho coletivo (professor/a e estudantes)
Objetivos: Discutir e avaliar as práticas desenvolvidas dentro das possibilidades reais.
Habilidades: (EM13LGG502) Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder subjacentes às práticas e discursos verbais e imagéticos na apreciação e produção das práticas da cultura corporal de movimento. (EM13LGG503) Praticar, significar e valorizar a cultura corporal de movimento como forma de autoconhecimento, autocuidado e construção de laços sociais em seus projetos de vida.
Recursos didáticos: Exposição oral.
Apresentação da temática: A avaliação é necessária para podermos mensurar através de pontos qualitativos, se a proposta foi adequada e satisfatória aos estudantes. Com isso, é necessário ouvir o posicionamento deles.
Desenvolvimento da aula: 1° momento: nesta etapa, sugerimos começar com uma conversa e ouvindo os posicionamentos dos estudantes, por exemplo: o que acharam da proposta? Essa proposta é interessante para as próximas construções dos conteúdos? Essa construção coletiva foi relevante para vocês? Dialogar com eles/elas são pontos importantíssimos. Ouvir com bastante atenção as falas dos estudantes. 2° momento: depois da conversa e de ouvir com atenção os estudantes, é interessante entregar um pequeno papel contendo: diga os pontos negativos da proposta de ensino? As atividades propostas foram contempladas positivamente ou negativamente? O que vocês acharam desse planejamento participativo? Sugerimos que esse material destinado aos estudantes, não tenham identificação, isso para eles ficarem mais à vontade para escrever. Essa atividade o/a professor/a pede para os estudantes colocarem em cima da mesa, e só ao final você recolhe.
Avaliação da aula: Recolher os papéis dos estudantes e fazer uma leitura observando as principais falas. Deste modo, o/a professor/a vai ter sua avaliação também, e é necessário ouvir as críticas construtivas dos estudantes. Essa proposta é importante para a sua formação como professor/a.
Mais conhecimentos... Sugerimos que ao/a professor/a que busquem mais conhecimento sobre a temática proposta a partir de Documentos, artigos, livros, vídeos etc.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

A proposta da unidade didática foi baseada a partir das respostas dos estudantes, na qual tentamos contemplar pontos importantes como: valorização de experiência, o diálogo, relação professor/a/estudante e estudante/professor/a, realizando um planejamento participativo. Diante disso, as temáticas das aulas foram colocadas como possibilidades reais, na qual o/a professor/a regente tem autonomia junto com os estudantes rever essas aulas.

Como a proposta é destinada para os estudantes do ensino médio noturno, vale destacar que a BNCC (2017) apresenta em sua competência 05 um direcionamento para a Educação Física, seguindo com 03 habilidades que também estão presentes nos planos de aulas.

Competência específica 05 - compreender os múltiplos aspectos que envolvem a produção de sentidos nas práticas sociais da cultura corporal de movimento, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade (BRASIL, 2017, p. 487).

A BNCC (2017) em sua competência específica 05, indica que, ao final do Ensino Médio, o estudante necessitará apresentar um conhecimento aprofundado e sistemático acerca da cultura corporal de movimento em sua vida e na sociedade, contendo os fatores sociais, culturais, ideológicos, econômicos e políticos envolvidos nas práticas e diálogos que circulam sobre elas. Prevê que o estudante valorize a vivência das práticas da cultura corporal de movimento como formas privilegiadas de construção da própria identidade, autoconhecimento e propagação de valores democráticos.

Diante disso, seguimos com as habilidades que ajudaram no processo de construção das aulas “(EM13LGG501) selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas da cultura corporal, de modo a estabelecer relações construtivas, éticas e de respeito às diferenças; (EM13LGG502) analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder subjacentes às práticas e discursos verbais e imagéticos na apreciação e produção das práticas da cultura corporal de movimento; - (EM13LGG503) praticar, significar e valorizar a cultura corporal de movimento como forma de autoconhecimento, autocuidado e construção de laços sociais em seus projetos de vida (BRASIL, 2017, p. 488)”.

Mesmo a BNCC não apresentando muitos subsídios para a Educação Física, e quase/nenhum nada para o ensino médio noturno, venho tentar mostrar possibilidades que agregue na formação dessa clientela. Sei que não é fácil, porém é desafiador, pois estamos tentando desenvolver uma Educação Física participativa, autônoma, crítica, na qual os estudantes sintam-se sujeito ativo no processo educacional.

Ademais, quando citamos essas características fazemos relação com Paulo Freire, ele é exposto em nosso trabalho com o círculo de cultura, na qual ajudou em nossas reflexões para construir melhor a proposta. Diante disso, a investigação temática, tematização e o desenvolvimento crítico proposto por Freire estão diretamente nas aulas elaboradas para o ensino médio noturno, visto que investigamos os conhecimentos prévios dos estudantes, de forma que a partir destes conhecimentos iremos construir coletivamente os conteúdos e

buscamos uma participação com reflexões críticas dos conteúdos, de forma libertadora, onde os estudantes possam sentirem valorizados no processo de formação social, educacional e política.

7 IN-CONCLUSÃO DE UMA PROPOSTA PARA OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NOTURNO.

Um olhar diferenciado para os estudantes do Ensino Médio noturno, no qual trilhamos imbuídos da observação, do estudo, dialogando e planejando junto, este foi nosso caminho de construção. Pensar em uma Educação Física de qualidade, potente com vistas à transformação é pensar como essas pessoas (estudantes) estão se socializando com os ensinamentos. Alguém já parou para ouvir os desejos, objetivos, medos, frustrações dos estudantes? Caso você (professor/a) não realizem esses pontos, não podemos avançar no processo de ensino-aprendizagem.

A partir dessa indagação posso avançar nesta IN-conclusão do estudo, pois este avanço vai depender de como o/a professor/a reagiu a ele. No caso do nosso estudo, foi possível ouvir os estudantes mesmo de forma virtual, mais precisamente através de questionário e poder extrair subsídios para enriquecer o trabalho, por exemplo: seu entendimento sobre o Esporte, o que eles/elas gostariam de aprender sobre o Esporte, suas dificuldades sobre a participação nos Esportes. Essas perguntas foram essenciais para nos dar uma visão ampliada, e vale destacar que 55,6% dos estudantes que responderam ao questionário trabalham antes de chegar à escola. Isso, nos faz querer pensar em uma proposta que seja viável a partir das necessidades dos estudantes.

Estudante/trabalhador é uma realidade em nosso período noturno, mas o que fazer para transformar essa última etapa do dia como forma satisfatória? Nossos estudantes são donos/as de casa, costureiros/as, auxiliares de produção e ajudantes de casa. Note que buscamos descobrir um pouco da vida dos estudantes, se eles/elas trabalham, em que trabalham. Conhecer a realidade deles/as possibilitou pensar melhor na proposta de ensino, e quando trazemos os mesmos para a construção esse ato é inovador, pois saímos do método tradicional. Arriscar o NOVO é difícil, porém temos que tentar para fazermos coisas diferentes, saindo da rotina e buscando ser melhores profissionais nos processos. Sabemos também que outros fatores podem dificultar essas melhorias na jornada de trabalho dos/as professores/as como instrutura, material didáticos, tempo para buscar uma formação continuada, visto que existem professores/as que trabalham três turnos para poder completar render.

Diante disso, a estratégia utilizada neste estudo foi o planejamento participativo, onde todos e todas terão vez na construção da unidade didática. Nós professores/as temos que ouvir mais os estudantes para podermos planejar melhor nossas aulas, pois planejar sem

conhecer sua clientela é a mesma coisa que tentar adivinhar a história do livro sem realizar uma leitura. Essa metáfora parece um pouco confusa, mas é a realidade, no caso dos estudantes, temos que fazer uma avaliação diagnóstica, vamos conhecendo as histórias, as angústias, desejos e a partir daí vamos construindo e tirando nossas conclusões. Isso acontece na leitura do livro, vamos passando pelos capítulos e vamos descobrindo as histórias, os desejos, os medos dos personagens.

A partir daí, destacamos também a importância do círculo de cultura do grande autor e educador Paulo Freire, buscando desenvolver uma educação libertadora com formação crítica a partir do diálogo com os estudantes, e planejando a partir das necessidades deles. Buscamos neste estudo, realizar uma visão mais ampla dos estudantes do ensino médio noturno, tentando conhecer sua vida (educacional, pessoal, comunidade, trabalho), foi fator determinante para o desenvolvimento do estudo. Desta forma, o estudante deve ser propulsor na construção e desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Diante dos achados na pesquisa, sugerimos a ampliação do conteúdo de Esportes para além dos conhecimentos técnicos e táticos das modalidades, evidenciamos uma grande perda no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Seria de grande relevância resgatar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre os Esportes, como mostramos na proposta na unidade didática. Vale ressaltar também o trabalho coletivo nas atividades, dando autonomia aos estudantes na hora das falas, e sempre destacando como sujeito ativo no processo de construção dos conteúdos.

Com isso, buscou mostrar na proposta da unidade didática de Esportes uma saída real para os estudantes do ensino médio noturno, na qual dialogando para conhecer e planejar de forma coletiva, essa ideia poderá contribuir no processo educacional. Claro que essa ideia não é a salvadora da Educação Física, mas uma possibilidade que poderá enriquecer o trabalho pedagógico do/a professor/a.

Destacamos a importância do planejamento participativo como ponto positivo no processo educacional. Diante disso, pergunto a você: conhece o planejamento participativo? Já trabalhou com esse método? Caso não tenham conhecimentos, sugerimos aos/as professores/as buscarem esse novo caminho, pois é uma possibilidade real e prazerosa, trabalhando coletivamente e dialogando sobre os prazeres, desejos, medos, frustrações dos estudantes e professores e professoras também, na qual todos serão sujeitos ativos do processo de ensino aprendizagem.

Por fim, quero deixar claro que o planejamento participativo não é e não será a metodologia perfeita, no entanto é uma possibilidade viável para o ensino médio noturno. Entretanto, sugerimos trazer esses estudantes/trabalhadores juntos na construção pedagógica mostrando ser fator diferencial, eles/elas com o/a professor/a poderão descobrir mais seu potencial. Com isso, quero mostrar que esse planejamento participativo é uma possibilidade real, e que esses estudantes não vejam o ensino noturno como a última obrigação do seu dia, mas sim uma combustão para impulsionar seus objetivos na vida pessoal e profissional, com isso buscar superar o tempo que foi deixado em um passado não muito distante.

Desta forma, a construção da unidade didática de Esporte foi construída de forma colaborativa a partir das perspectivas dos estudantes, ouvi-los mesmo de forma digital (através do questionário) foi de suma importância, pois conseguimos entender melhor os posicionamentos dos estudantes. Ademais, conseguimos compreender a perspectiva dos estudantes sobre o Esporte, como mostramos nas falas do “E3 – o esporte pra mim significa, saúde e diversão. E4 – desenvolvimento físico e saúde”, percebe-se uma visão voltada muito para saúde, e sabemos que o Esporte vai além deste cenário.

Além disso, depois de analisar as possibilidades e os tensionamentos do conteúdo Esportes na visão dos estudantes, um ponto relevante foi pedir a opinião para dar melhoria nas aulas de Educação Física quando o conteúdo é Esporte, logo destacamos as repostas dos estudantes “E10 – ser mais divertido, pois não é toda garota que gosta e na maioria das vezes os esportes focam mais nos garotos. E13 – é o professor tem que elaborar mais atividades de jogos e que participar todos os alunos não só a metade”, a partir desses comentários induzimos que as aulas de Educação Física apresentam distinções entre meninos e meninas, ou vivências que favoreçam apenas uma parte da turma. Quero deixar claro que nossa proposta é trabalhar coletivamente, onde possamos integrar a maior quantidade de especificidades dos estudantes, e que todos e todas tenham voz na construção desta unidade didática.

Quero destacar que para desenvolver essa proposta não foi fácil, tivemos que pensar e mudar o estudo por conta da pandemia do COVID-19, um dos objetivos que era previsto seria a aplicação desta unidade didática junto com os estudantes, mas, infelizmente, não foi possível, pois ainda estamos com medidas sanitárias de prevenção ao COVID-19. Vale destacar que essa proposta será apresentada ao grupo gestor da escola e aos professores, na qual vamos solicitar a aplicação desta unidade didática de Esporte para os estudantes do 1º ano do ensino médio. Essa proposta contará com minha participação juntamente com o professor regente e contribuirá

para o desenvolvimento de pesquisas futuras, pois neste mundo de pesquisas/estudos a continuação é fruto do desejo de buscar coisas novas, desafios e aprendizados.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. 1998. 119 f. Dissertação de mestrado em educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- ANDRÉ, Marli; GATTI, Bernadete. **Metodologias de pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.
- ANDRÉ, M. Estudo de caso: seu potencial na educação. **Caderno de Pesquisa**, Rio de Janeiro, 49, p.51 a 54, 1984.
- BARROSO, A. L. G; DARIDO, S. C. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 101-114, dez. 2006.
- BELTRÃO, J. A. A Educação Física na escola do vestibular: as possíveis implicações do ENEM. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 819-840, abr./jun. de 2014.
- BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso professor? **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n.1, p. 25-31, junho, 1999.
- BETTI, M.; FERRAZ, O. L.; DANTAS, L. E. P. B. T. Educação física escolar: estado da arte e direções futuras. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, p. 105-115, dez. 2011.
- BETTI, M; USHINOHAMA, T. Z. Os saberes da Educação Física nas perspectivas dos alunos: panorama da literatura e uma proposta de investigação a partir da ‘teoria da relação com o saber’. **Revista Pulsar**, Jundiaí, v. 6, n. 4, p.1-18, jul. 2014.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **REMEFE: revista mackenzie de educação física e esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 73-82, jan./dez. 2002.
- BOSCATTO, J. D; IMPOLCETTO, F. M; DARIDO, S. C. A Base Nacional Comum Curricular: uma proposição necessária para a Educação Física? **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, p. 96-112, 2016.
- BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. XIV-XXIV, 2000.
- BRACHT, V. et al. Educação Física Escolar como tema da produção de conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 11-34, abr./jun. 2011.
- BRANDOLIN, F.; KOSLINSKI, M, C.; SOARES, A. J. G. A percepção dos alunos sobre a educação física no ensino médio. **Rev. Educ. Fís/UEM**, Maringá, v. 26, n. 4, p. 601-610, 4. trim. 2015.

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº4.024/61, de 20 de dezembro de 1961.

BRASIL. **Decreto Lei nº705/69**, de 25 de julho de 1969.

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação nacional**. Lei nº 5692/61, de 11 de novembro de 1971.

BRASIL. **Decreto Lei nº69.450/71**. Decreto Lei nº.69.450/71 de 1 de novembro de 1971

BRASIL. **Lei 6503/77**, de 13 de dezembro de 1977.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. LDB nº9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.793**, de 1º de dezembro de 2003.

BRASIL. **Ministério da Educação (MEC)**. Medida provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016. Diário Oficial da União, Brasília, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Lei n. 13.415**. Brasília, 16 fev. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 08 mar. 2020.

BRASIL. **Notas Estatísticas do Censo da Educação Básica 2018**. Brasília, DF, Janeiro de 2019.

BRASIL. **CENSO ESCOLAR 2014**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em: 02 jun. 2020.

BRASIL. **CENSO ESCOLAR 2015**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em: 02 jun. 2020.

BRASIL. **CENSO ESCOLAR 2016**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em: 03 jun. 2020.

BRASIL. **CENSO ESCOLAR 2017**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em: 03 jun. 2020.

BRASIL. **CENSO ESCOLAR 2018**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em: 03 jun. 2020.

CAPARRÓS, F. E; BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**. São Paulo, n. 28, pg. 21-37, 2007.

CASTELLANI FILHO, Lino. Os impactos da reforma educacional na Educação Física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 20-33, set. 1997.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Política educacional e educação física**. Campinas: Autores Associados, 1998.

CBCE. **Nota de repúdio. Diretoria Nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Curitiba, PR, 23 set. 2016. Disponível em: https://pibidteste.paginas.ufsc.br/files/2016/10/nota_cbce_mp746.pdf. Acesso em: 07 abr. 2020.

CONFEEF. **Nota de repúdio contra a Medida provisória 746/16**. 2016.

COSTA, G. L. M. O ensino médio no Brasil: desafios à matrícula e ao trabalho docente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 94, n. 236, jan./abr. 2013.

DANTAS, V. L.; LINHARES, A. M. B. **Círculos de Cultura**: problematização da realidade e protagonismo popular. In: BRASIL. II Caderno de educação popular em Saúde. DF: Ministério da Saúde, 2014.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: v. 18, nº1 p.61-80; Jan/Mar., 2004.

DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos da Educação Física escolar**. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord.). Educação Física na escola. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 64-79.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola**: realidade, aspectos legais e possibilidades. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21-33, v. 16.

DARIDO, S. C. **A avaliação da educação física na escola**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 127-140, v. 16.

DARIDO, S. C. Educação física escolar no ensino médio: analisando o estado da arte. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 36, n.2, suplemento, p. 353-369, 2016.

DIAS, D. I; CORREIA, W. R. A Educação Física no ensino médio como objeto de estudo da produção acadêmico-científica nos periódicos nacionais. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, Abr-Jun; 27(2): 277-87, 2013.

DINIZ, I. K. S.; DARIDO, S. C. O que ensinar sobre dança no ensino médio? **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 56, p. 01-23, maio/julho, 2018.

DOWLING, Colette. **O mito da fragilidade**. Tradução: Ruy Jungmann. Record: Rosa dos Tempos, 2001.

FALKEMBACH, E. M. F. **Planejamento participativo**: uma maneira de pensá-lo e encaminhá-lo com base na escola. *In*: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 24ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 131-142.

FARIAS, A. N.; SILVA, A. J. F.; COSTA, J. W. S.; PEIXOTO, R. B. ESPORTES: possibilidades pedagógicas a partir da BNCC. *In*: Antonio Jansen Fernandes da Silva, Dirlene Almeida Ferreira, Maria Eleni Henrique da Silva. (Org.). **ESPORTES**: possibilidades pedagógicas a partir da BNCC. 1ed. Curitiba: CRV, 2021, v. 11, p. 65-90.

FERNANDES, A; RODRIGUES, H. A; NARDON, T. A. A inserção dos conteúdos de Educação Física no ENEM: entre a valorização do componente curricular e as contradições da democracia. **Motrivivência**, Florianópolis, (40), 13–24. 2013.

FERNANDES, R. C. EHRENBERG, M. C. **Motivação nas aulas de educação física no ensino médio**: uma análise na perspectiva dos alunos. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP, Campinas, 2012.

FONSECA, D.G. Planejamento. *In*: FONSECA, Denise Grosso da; MACHADO, Roseli Belmonte. (orgs). **Educação Física**: (re)visitando a didática. Porto Alegre: Sulina, 2015.

FRANCO, M. A. S. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Ed. Paz e terra, 1967.

GARIGLIO, J. A; ALMEIDA JUNIOR, A. S; OLIVEIRA, C. M. O “novo” ensino médio: implicações ao processo de legitimação da Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 29, n. 52, p. 53-70, setembro/2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ, J.; ESCARTÍN, N. E.; JIMÉNEZ, T. M.; GARCÍA, J. F.R. **Como hacer unidades didácticas inovadoras**. Sevilla: Díada, 1999.

GONZÁLEZ, F. J. Sistema de classificação dos esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos de ação. **Revista Digital efdeportes** - Buenos Aires - Ano 10 - nº 71 Abril de 2004.

GONÇALVES, L. R; PASSOS, S. R. M. M; PASSOS, A. M. **Novos rumos para o ensino médio noturno: como e por quê?** Ensaio: *Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 48, p. 345-360, 2005.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GONZÁLEZ, F. J; DARIDO, S. C; OLIVEIRA, A. A. B; AMAURI, A. B. **Esportes de invasão: basquete, futebol, futsal, handebol, ultimate frisbee**. Organização e prefácio de Ricardo Garcia Cappelli. Maringá: Eduem, 2014.

KRAWCZYK, Nora. **O Ensino médio no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2009. (Coleção Em Questão, 6)

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre Alguns Desafios do Ensino Médio no Brasil Hoje. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 144, p. 752-769, set./dez. 2011.

LEIFELD, F.; CRISTINA DE ALMEIDA, I.; LABIAK, O. Desafios e possibilidades nas aulas de educação física: as narrativas docentes em tempos de pandemia. **Revista olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-8, 10 abr. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortêz, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 13º ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Planejamento e avaliação na Escola: articulação e necessária determinação ideológica**. In: *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 127.

MACHADO, R. B et al. Educação Física escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares. **Movimento**, Porto Alegre, n. 26, p. 1-16, 2020.

MACHADO, T. S; BRACHT, V.; FARIA, B. A.; MORAES, C. E. A.; ALMEIDA, U. R.; ALMEIDA, F. Q. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, p. 129-147, 2010.

MALDONADO, D. T; NOGUEIRA, V. A; SILVA, S. A. P. S. Reflexões sobre possibilidades para o desenvolvimento da cidadania por meio da educação física no ensino médio. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 3, jul./ set., 2018.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. - São Paulo: Atlas 2003

MARTINELLI, C. R. et al. Educação física no ensino médio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 13-19, 2006.

MERRIAM, S. **Qualitative research and case study approaches in education**. San Francisco: Jossey-Bass, 2001.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MONTEIRO, Alessandra Andrea; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. **Diálogos com paulo freire no cotidiano da educação física escolar**. Curitiba: CRV, 2020.

MOTA, J. S. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 6, n. 12, p. 371-380, 2019.

NASCIMENTO, M. N. M. **Ensino médio no Brasil: determinações históricas**. [S.l.:s.n.], 2007.

NEIRA, M. G. Incoerência e incoerência da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, São Paulo, v. 40, no. 3, p. 215-223, 2018.

NEIRA, M. G.; JÚNIOR, S. M. A Educação Física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 188-206, 2016.

OLIVEIRA, A. A. B. Metodologias Emergentes no Ensino da Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 5, n. 1, 1997.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli. **Educação Física no ensino médio - período noturno: um estudo participante**. Tese de Doutorado em Educação Motora – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas, SP: [s. n.], 1999.

OLIVEIRA, A. B. A Educação Física no ensino médio - período noturno: um estudo participante. **Revista movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 12, 2000.

PEREIRA, R. S.; MOREIRA, E. C. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de Educação Física: algumas considerações. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 121-127, 2005.

PONTES, J. P. O estudo de caso na investigação em matemática. **Quadrante**, Portugal, v. 3, n. 1, p. 3-18, 1994.

RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. (Org.)**. Referencias Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologia. 1 ed. Porto Alegre: SE/DP, 2009.

RITA, Cláudia Batista Ferreira. **O Esporte com prática hegemônica na Educação Física**. 2008. 125 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

RUFINO, L. G. B.; FERREIRA, A. F. F.; CARVALHO, A. O.; RICCI, C. S.; DARIDO, S. C. Educação física escolar no ensino médio: analisando o estado da arte. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 36, n.2, suplemento, p. 353-369, 2016.

SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Secretaria de Educação. São Paulo, 2010

SILVA, H. C. N.; SILVA, S. A. P. S. Educação Física no Ensino Noturno: um estudo de caso. **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 11, n. 104, 2007.

SILVA, E. V.; VENÂNCIO, L. Aspectos legais da Educação Física e integração à proposta pedagógica da escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord.). **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

SILVA, C. L.; VELOZO, E. L.; RODRIGUES, J. C. J. Pesquisa qualitativa em educação física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 48, p. 37-60, dez. 2008.

SILVA, B. S.; SOUZA, A. C. F.; MARTINS, M. Z. Desafiando o abismo tradicional: uma aproximação entre práticas inovadoras e o modelo de Educação Esportiva da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, 42: 1-8. Ano: 2019.

SILVA, Maria Eleni Henrique; MARTINS, Raphaell Moreira. **Pressupostos Freireanos na Educação Física escolar**: ações e movimentos para a transformação. Curitiba: CRV, 2020.

SOARES NETO, J. J.; JESUS, G. R.; KARINO, C. A.; ANDRADE, D. F. Uma Escala para Medir a Infraestrutura Escolar. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 54, n. 24, p. 78-99, 2013.

SOUZA, A. G.; FREIRE, E. S. Planejamento Participativo e Educação Física: Envolvimento e opinião dos alunos do ensino médio. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 3, p.29-36, jul. 2008.

SOUZA, Claudio Aparecido; NOGUEIRA, Valdilene Aline, MALDONADO, Daniel Teixeira. **Educação Física Escolar e Paulo Freire**: ações e reflexões e tempos de chumbo. Curitiba: CRV, 2019.

TOGNI, A.C; CARVALHO, M.J.S. A Escola noturna de ensino médio no Brasil. **Revista Iberoamericana de Educación**. São Paulo, v. 5, n. 44, 2007.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte**: ênfase no esporte-educação. Editora Universidade Estadual de Maringá, 2010.

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte**: uma enciclopédia crítica. 2 Ed. Vol. 276. São Paulo: Brasiliense. 1999.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE – A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a), participante:

Eu, Francisco Lucas Silva Rocha, aluno do curso de Pós-graduação em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará – UFC, sob orientação da Profa. Dra. Maria Eleni Henrique da Silva, venho por meio deste convidá-lo (a) para participar da pesquisa que estou desenvolvendo no mestrado.

A pesquisa, traz como objetivo geral oportunizar um encaminhamento pedagógico a partir de uma unidade temática de Esporte nas aulas de Educação Física no Ensino Médio noturno. Diante disso, proporcionar à aplicação do questionário é de suma importância para a pesquisa, poder identificar seus conhecimentos prévios do Esportes, se trabalham antes de chegarem a escola, quais dificuldades encontram com o conteúdo de Esportes nas aulas, são fatores determinantes para o desenvolvimento deste estudo. Deixamos claro que os candidatos e candidatas não terão seus nomes revelados, os dados aqui apresentados ficaram sob sigilos. A pesquisa tem o potencial de esclarecer e divulgar os resultados obtidos ao final do estudo, bem como o que pode ser melhorado na prática de ensino, o que já está bom e busca fortalecer. Destacamos também, que esta pesquisa não tem ajuda financeira para os pesquisadores e nem para os colaboradores.

Destacar, ainda no convite, que a qualquer momento o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa e que também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Garantir que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:

Rua Waldery Uchôa, 01

Benfica, Fortaleza - CE, 60020-110

Contatos: Lucased.fisica23@gmail.com / (85) 9 96338861

	//_	
Nome do participante da pesquisa	Data	Assinatura

APÊNDICE – B- QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NOTURNO.

Gênero:

Feminino ()

Masculino ()

Prefiro não dizer ()

Idade

01- Você estuda em qual ano do Ensino Médio?

1° ano do Ensino médio ()

2° ano do Ensino médio ()

3° ano do Ensino médio ()

02- Você trabalha antes de chegar à escola?

Sim ()

Não ()

Se a resposta for sim na questão anterior, em que você trabalha ou que você faz?

03- O que significa Esporte para você?

04- Você já vivenciou o conteúdo de Esportes nas aulas de Educação Física do Ensino Médio noturno?

Sim ()

Não ()

Se você respondeu SIM na questão anterior, o que foi ensinado no conteúdo de Esportes?

05- Quais modalidades esportivas foram vivenciadas nas aulas de Educação Física?

06- Você participa das aulas quando o conteúdo é o esporte?

Nunca ()

Poucas vezes ()

Às vezes ()

Sempre ()

07- A escola disponibiliza locais para as aulas de Educação Física?

Sim ()

Não ()

Se você respondeu SIM na questão anterior, por favor nos informe qual ou quais locais são utilizados para a realização das aulas?

08- O que você gostaria de aprender sobre o conteúdo esporte nas aulas de educação física?

09- Para você qual o aprendizado mais importante relacionado ao conteúdo esporte?

Fundamentos técnicos ()

Regras ()

Convivência com os colegas ()

História do esporte ()

Aspectos táticos ()

De acordo com sua resposta na questão anterior, por que essas aprendizagens são importantes?

10- Você tem dificuldades de participação nas aulas de Educação Física quando o conteúdo é o esporte?

Sempre ()

Às vezes ()

Nunca ()

11- Você poderia apontar quais as dificuldades com relação a sua participação nas aulas de educação Física com o conteúdo esporte?

12- Você poderia apontar algumas sugestões para melhorar as aulas de Educação Física escolar quando o conteúdo é o esporte?